REVUE SPIRITE
Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC

CEI
CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Deus
Causa primária

Ano 163 | Nº 01 | outubro de 2020 - trimestral | D L 403263/15 | ISSN 2184-8068

SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Editorial

Jussara Korngold Jussara Korngold é Secretária Geral do Conselho Espírita Internacional, Presidente da Federação Espírita dos Estados Unidos (United States Spiritist Federation) e Diretora Executiva da Federação Espírita dos Três Estados (TriState). Jussara é uma das fundadoras e presidente do Grupo Espírita de Nova Iorque e da Spiritist Alliance for Books. É palestrante, escritora e tradutora, tendo trabalhado, desde 1993, na tradução e publicação de livros e materiais espíritas, em inglês. Escreve também os cursos de Estudo Sistematizado e Mediunidade para a Federação Americana. É fluente em 4 idiomas (Português, Inglês, Francês e Espanhol).

Jussara é formada em Economia, com pós-graduação em finanças. Atua na área assistencial em favor da infância desfavorecida no Brasil, tendo o cargo de Diretora Executiva da Associação Saúde Criança, New York (Brazil Child Health, Inc). É líder do comitê de projetos na área da saúde do Grupo Mulheres do Brasil em Nova Iorque.

Ao lançar a *Revue Spirite*, em janeiro de 1858, Allan Kardec seguramente não poderia mensurar a sua importância através dos séculos. Dois séculos se passaram e honrando a memória e dedicação de nosso Codificador, o Movimento Espírita, por ele inaugurado, segue fortalecendo-se em todos os pontos do planeta. Em sua essência, a *Revue* tinha por base oferecer um meio de comunicação, uma arena aberta para que as ideias e experiências vividas em várias partes do mundo pudessem ser compartilhadas e seus conteúdos analisados. A *Revue Spirite* mostra a evolução do pensamento de Kardec durante a construção da Ciência Espírita, pois ele se utilizou de vários de seus textos na composição das obras da Codificação que seguiriam a obra primeira, *O Livro dos Espíritos.*

Há exatamente 20 anos, em reunião solene da Assembleia Geral, realizada na cidade de Miami – Flórida, nos Estados Unidos da América, com a presença de representantes de várias instituições espíritas de todo o mundo, o Conselho Espírita Internacional recebeu a incumbência de ser o administrador legal da *Revue Spirite*, assegurando-lhe a continuidade e tornando-se o organismo responsável pela mesma.

Através desta publicação, cabe agora ao CEI a responsabilidade de primar pela qualidade e continuidade da obra que o nosso Mestre de Lyon iniciou, e oferecer aos espíritas do mundo inteiro um meio de comunicação. Não temos a pretensão de imaginar que as ideias nela apresentadas virão de alguma maneira complementar a obra Kardequiana, que já se encontra completa, pelo menos para o nosso atual nível de entendimento. Acreditamos, no entanto, que as mesmas nos auxiliarão na compreensão e aprofundamento dos conceitos nobremente apresentados por Kardec, sob a inspiração do Espírito de Verdade. Rogamos, assim, a proteção de Deus, para não somente inspirar e alargar os horizontes de nossa mente, mas também, e acima de tudo, abrandar os nossos corações, de modo a que a máxima preconizada pelo Cristo, “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, seja uma realidade em nosso tempo presente e para as gerações vindouras.

Conselho Espírita Internacional

Revue Spirite
Journal d`Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC
Orgão oficial do (CEI)
Conselho Espírita Internacional

Direção (CEI)
Jussara Korngold
Coordenação (FEP)
Vitor Mora Féria
Coordenação Editorial
Sílvia Almeida
Edição e revisão de texto
Cláudia Lucas
José Carlos Almeida
Web
Marcial Barros
Nuno Sequeira
Sandra Sequeira
Arte e design
Sara Barros

Editado por
Federação Espírita Portuguesa
Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa
ISSN 2184-8068
Depósito Legal 403263/15
© copyright 2020

Ano 163
Nº1
CEI
Trimestral
outubro 2020
Distribuição gratuita

revuespirite@cei-spiritistcouncil.
www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	
6	Projeto Revue Spirite	
10	Espiritismo e Ciência	Rejane Planer
28	Espiritismo e Filosofia	Suely Caldas Schubert
38	Espiritismo e Religião	Aluízio Elias
50	Revisitando a Revista	Evandro Noleto Bezerra
60	Espiritismo e Sociedade	Lívia M.Souza
68	Plano Histórico	Samuel Nunes Magalhães
90	Geração Nova	Silvana Elia
100	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Bezerra de Menezes
106	Entrevista	Divaldo Franco
116	Comunicação Social Espírita	André Siqueira
124	Notícias	
128	Correspondência	
129	Comissão Executiva do CEI	

Projeto Revue Spirite no **século XXI**, nas diversas frentes do conhecimento e da ação humana

Allan Kardec, por Sara Barros, (2020)

Apresentação A *Revista Espírita* foi editada por Allan Kardec entre janeiro de 1858 e abril de 1869, encontrando-se este último número já pronto para publicação quando ocorreu o seu desencarne, em 31 de março de 1869.
Depois de, em 1857, através da mediunidade de Ermance Dufaux, a ideia da publicação de um jornal espírita ter recebido apoio por parte dos Coordenadores espirituais do Espiritismo no mundo, Allan Kardec lançou o seu primeiro número, tendo desde logo estabelecido que aquele periódico seria uma tribuna livre onde os mais variados assuntos de interesse do Espiritismo seriam discutidos sem que houvesse disputa.
Hoje órgão oficial do Conselho Espírita Internacional, a *Revista Espírita* ressurge agora com novo formato editorial, assente nos critérios da qualidade e do rigor, e com o propósito de se constituir uma publicação de referência no Movimento Espírita Internacional, favorecendo a discussão e a exposição dos avanços do Espiritismo no Século XXI, nas diversas frentes do conhecimento e da ação humanos.

Foco e Escopo - O novo projeto da *Revista Espírita* é centrado na edição de artigos filosóficos, científicos e religiosos, entre outros de interesse para o Espiritismo, tendo como objetivo principal proporcionar um espaço de debate de ideias e de divulgação de textos de interpretação, em que a reflexão espírita se abre para distintas áreas do conhecimento.

Os artigos a publicar resultarão do convite feito a personalidades relevantes do panorama espírita internacional, bem como de chamadas para publicação, que divulguem investigações/reflexões/ experiências, desenvolvidas por espíritas de todo o mundo e que sigam a temática proposta para cada número.

Photo by Art Lasovsky

Equipa
Revue Spirite

Ainda hoje nos parece totalmente improvável que a formulação inicial e a coordenação deste projeto esteja entregue à responsabilidade de uma equipa, formada por pessoas que cresceram a admirar os vultos do Movimento Espírita contemporâneo. Sobretudo tratando-se de um projeto cujo propósito é dar continuidade a uma publicação criada pelo próprio Codificador…

Como todos os caminhos inesperados que a vida vai traçando sem avisar, este foi, ao mesmo tempo, surpreendente e desafiante. Tomámo-lo com sentido de responsabilidade e enorme gratidão. O caminho percorrido até agora, que durou cerca de um ano de trabalho intenso, trouxe-nos todos os frutos que a fraternidade pode oferecer e esta certeza de que só reunindo esforços seremos suficientemente capazes de oferecer ao Mestre da obra, que é Jesus, os necessários contributos para que ela cresça, se fortaleça e sustente cada vez mais corações.

Sobre este projeto editorial para a *Revue Spirite*, podemos dizer que pareceu-nos que se fez a si mesmo, tal a rapidez com que as várias propostas tomaram uma forma com sentido, que já pouco mais precisou de ser ajustada.

Depois, os nossos generosos autores – a vida desta publicação – honraram-nos com a sua dedicação e palavras de estímulo. Da nossa parte, contactar com eles foi e é um privilégio; receber os seus artigos, um motivo de comemoração; e, apresentar-lhos, no fim, prontos a serem publicados, uma imensa alegria!

Resta-nos referir que optámos por manter a grafia e a construção sintáxica do país de origem dos autores. Assim, encontraremos, nas páginas desta nova edição da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do português de Portugal.

Não poderíamos terminar sem expressar a nossa imensa gratidão a todos os que na Terra e no Espaço se ligaram a este projeto e nos ofereceram esta oportunidade, e confessar a secreta esperança de que, onde quer que se encontre, o mestre Kardec pouse, ainda que momentaneamente, o seu olhar sobre nós e, de algum modo, sinta que lhe honrámos a tarefa.

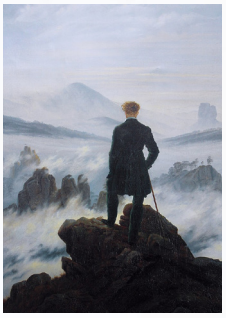
> Sede dócil aos Espíritos do Senhor. Invocai-o do fundo do coração.
> Então, Ele vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e vos dizer estas boas palavras: "Eis-me aqui; venho a vós, porque me chamastes!*

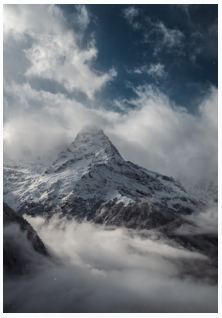
*KARDEC, Allan. 1996. *O Evangelho segundo o Espiritismo.*

HISTÓRIA **DA CAPA**

Criar um projeto para a *Revue Spirite* de Allan Kardec afigurou-se-nos como a escalada a uma enorme montanha.
Abraçamos o desafio nos mais pequenos pormenores, procurando esticar os braços, por certo com a ajuda de braços invisíveis, e escalar a montanha com a certeza de alcançar o cume e vislumbrar o horizonte.
Tivemos um sonho no qual iniciávamos uma viagem e havia uma montanha idêntica à de uma pintura de Friedrich[1]. A beleza do instante, o sublime, o encontro com o ser espiritual que somos por meio da contemplação da natureza[2], talvez fosse, afinal, uma metáfora do árduo mas compensador esforço de "escalar"; um convite a buscar e a usufruir uma experiência estética e espiritual e, nesse exercício, lutar por alcançar o topo de nós mesmos...

1.


2.


3.

1. **Caspar David Friedrich,** "The Giant Mountains", (1830–1835)

2. **Caspar David Friedrich** "Wanderer above the sea of fog", (1818).

3. **Владимир Кондратьев,** "White Mountain and White Clouds", (2019) - A nossa escolha de capa para o número 1 de *Revue Spirite*

REJANE PLANER *

Resumo

O conceito de Deus tem se modificado ao longo da história da civilização, acompanhando a evolução do pensamento humano e das criaturas que habitam o nosso planeta. Os seres humanos reverenciaram primeiro um Deus com características e personalidades humanas, mas ao longo dos tempos, filósofos-cientistas perscrutaram a realidade física e descobriram outro Deus, que o mestre lionês Kardec desvela como a inteligência suprema, o criador de tudo e de todos.

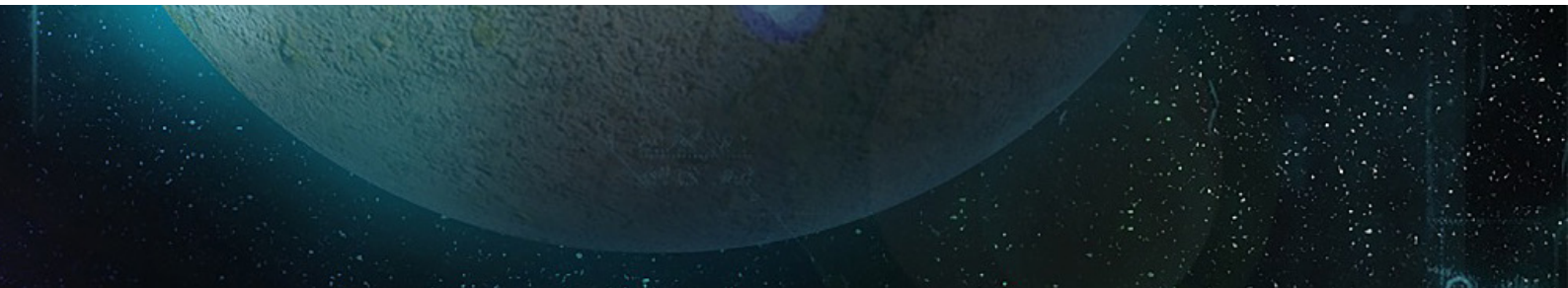
A ciência é feita por indivíduos que têm crenças religiosas e que vivem e se movimentam na sociedade e cultura da sua época, portanto a interpretação filosófica das teorias científicas está intimamente ligada com as crenças destes indivíduos, pesquisadores e cientistas. Falar em Deus no meio científico é ainda de certa forma um tabu, no entanto, a discussão é cada dia mais atual e muitos têm contribuído com argumentos cosmológicos e teológicos sobre a existência de Deus.

Apresentamos neste artigo a evolução do conceito de Deus no pensamento humano, a vinculação deste conceito à fé, que é sentida emocionalmente e/ou racionalmente, para chegar a uma avaliação de Deus no pensamento filosófico e científico.

Espiritismo e Ciência face a face

*Rejane Planer, engenheira eléctrica e nuclear, com formação em física nuclear e mestrado em engenharia nuclear pelo Instituto de Engenharia Militar (IME), Rio de Janeiro, Brasil. Desde 1989 vive e trabalha na Áustria, onde atuou por 27 anos na Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) nas áreas de energia e segurança nuclear. Escritora e poetisa, contribui com artigos para várias revistas espíritas brasileiras, entre elas: *Presença Espírita*, *Revista Internacional de Espiritismo*, *Momento Espírita* e *Reformador*. É co-fundadora e vice-presidente da Associação de Estudos Espíritas Allan Kardec (Verein für spiritistishe Studien Allan Kardec), Viena, Áustria. Veja: www.rejaneplaner.org

Palavras-chave Deus, Ciência, Fé, Kardec, Filosofia.



Escrever sobre Deus é sempre um desafio.

Como descrever o indefinível? Como explicitar o sentimento de gratidão pela vida, pelo ar, pelo sol, pela beleza da natureza que resplandece ao nosso redor? Como descrever o sentimento de pequenez que sentimos ao olhar para o céu estrelado que aponta a existência de milhares de estrelas, outras tantas como o nosso sol e, possivelmente, milhares de mundos?

Sentimos Sua Presença onipresente ao nos extasiarmos com as belezas do mundo. Sentimos Deus[1], o Criador, em tudo o que está ao nosso redor, na vida e na morte, a eterna renovação, Ele se faz presente. Sentimos Deus dentro de nós, quando acordamos pela manhã e louvamos a vida em oração. Também sentimos este mesmo Deus quando, em profunda meditação, conectamo-nos com quem somos e com a Sua Criação – o Espírito – intangível, etéreo e sempre presente; experiência mística e profunda que emerge de um imenso sentimento de gratidão e de louvor à vida.

1. Usamos ao longo do texto Deus (inicial maiúscula) e deus (minúscula), para distinguir entre os deuses da Antiguidade e Deus, o Criador, onipotente.

E, então, perguntamos, o que é este Deus que podemos sentir em nós e que percebemos em tudo o que se faz tangível ou intangível à nossa volta? É esta também a primeira pergunta a que os mestres espirituais que guiaram o mestre lionês Allan Kardec, na elaboração da Doutrina dos Espíritos, respondem: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" (Kardec 1995, 51).

Como entender o que é esta Suprema Inteligência, esta Força Imensurável que cria tudo e todos, que libera e permite que cada um cresça e experimente a vida como um aspecto de si mesmo, até que aprenda que viver é amar e o universo Divino é o Amor? Diante da nossa pequenez frente ao universo da Vida, concordamos com Kardec, que magnificamente conclui na introdução d'*O Livro dos Espíritos* que Deus, "em definitivo, será sempre Deus" (Kardec 1995, 39), ou seja, incompreensível no estágio evolutivo em que nos encontramos.

Podemos, no entanto, sentir a presença de Deus em nós e identificar Sua existência na Sua Criação. Como sentir tem significado diferente para cada um, o ser sente Deus de maneiras diversas ao longo da sua caminhada evolutiva.

O meu,
o teu,
O nosso
DEUS

Deus no pensamento humano

A crença em uma força superior, desconhecida, ou em Deus, é intrínseca ao ser humano em evolução na Terra. O homem primitivo, incapaz de entender as forças da natureza, reconhece o poder desta natureza que o desafia e ameaça, e identifica nela deuses variados.

No período paleolítico (35.000 anos a.C.)[2] encontramos a crença na deusa da fertilidade, gravada em estatuetas de figuras femininas e em pinturas rupestres encontradas em cavernas. Nascer era um dos grandes mistérios! No período neolítico (de 8.000 a.C. até 5.000 a.C.), que marca o início da agricultura, desenvolvem-se cultos aos mais diferentes deuses, relacionados com os fenômenos da natureza, que lhes incutiam temor pelo desconhecimento de suas causas. A fúria das tempestades e outros elementos da natureza pareciam-se com as emoções instintivas como a ira, a vingança, o ódio, a agressão e surgem os deuses com elas relacionados. É o período mágico do pensamento humano.

Logo mais, surgem as civilizações antigas que, também de caráter politeísta, cultuam deuses antropomórficos, com personalidades semelhantes ao ser humano. A civilização greco-romana caracterizou-se por deuses mitológicos, que viviam estórias fantásticas junto a grandiosos heróis: Hércules, Édipo, Teseu, Perseu. Nas Américas, os maias e os astecas cultuavam um deus cosmológico e outras divindades secundárias.

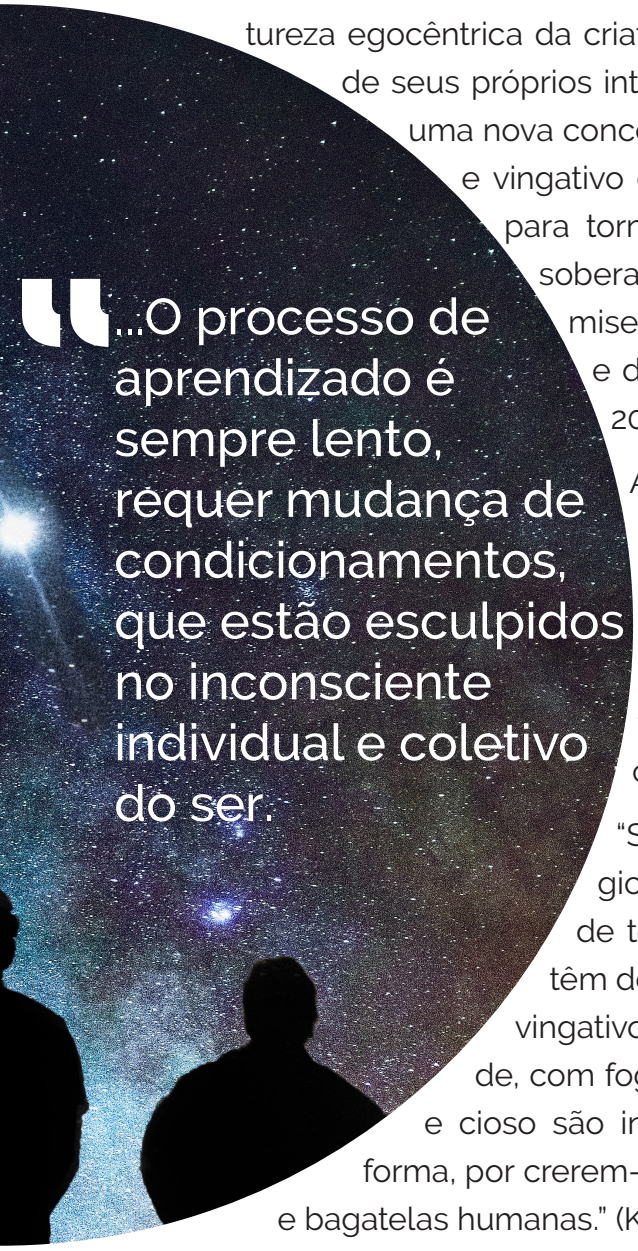
Na Ásia emerge a crença em um ser supremo, mas também em espíritos intermediários, em deuses celestes e em deuses relacionados com as forças da natureza.

2. O período paleolítico vai de 2,7 milhões de anos até 10.000 a.C. e é caracterizado por seres humanos que sobreviviam numa natureza hostil, com hábitos e técnicas simples; já conheciam o fogo, mas a agricultura ainda não havia surgido.

3. Zoroastrismo tem as suas raízes em Zoroastro ou Zaratustra que teria vivido no século XX a.C., segundo modernos historiadores. Segundo registros históricos datados do século V a.C foi a religião do império persa quando sob o comando de Cyro, o Grande.

Com o tempo, surge também no ocidente, a crença em um Deus único, presente no judaísmo e no zoroastrismo[3] e mais tarde, no cristianismo e no islamismo. No oriente, filosofias religiosas como o hinduísmo, budismo e taoísmo abrangem um número diverso de sistemas filosóficos e espirituais, com seus próprios deuses e rituais, em linhas de pensamento diversos das religiões ocidentais.

O monoteísmo inicial também teve um caráter antropomórfico, característico da natureza egocêntrica da criatura, que tende a ver o mundo girar em torno de seus próprios interesses. Jesus, o marco da Nova Era, introduz uma nova concepção de Deus, o qual deixa de ser implacável e vingativo ou cruel, perde suas características humanas, para tornar-se o Deus amoroso, "um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras." (Kardec 2013, 24)



A compreensão de Deus vai-se modificando lentamente no pensamento humano ao longo dos últimos dois milênios. Enquanto alguns povos permanecem ainda em estágios de pensamento mágico, outros ampliam horizontes pelo desenvolvimento da razão e do raciocínio. Conforme apresenta Kardec:

"Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas têm de Deus. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e bagatelas humanas." (Kardec 2013, 25)

O processo de aprendizado é sempre lento, requer mudança de condicionamentos, que estão esculpidos no inconsciente individual e coletivo do ser. Por isto, ainda hoje, alguns trazem Deus para o âmbito dos interesses cotidianos e cultuam um ser superior, conceitualmente semelhante ao ser humano, outros desenvolvem a fé raciocinada no Criador, enquanto ainda há aqueles que negam a existência de Deus. Para muitos, acreditar em Deus é questão de fé. Entretanto, que fé é esta?

A crença em Deus e a fé

A palavra fé pode ser entendida como confiança em algo, ou no sentido religioso como a crença em uma força superior ou em Deus. A fé relacionada somente com a crença numa força superior, impõe temor e induz à confiança irrestrita, sem pensar ou sem racionalizar – é a emoção que está no comando, não é a razão. Esta é a fé do indivíduo que acredita, porque acredita e basta! Por não conseguir racionalizar sua crença, a criatura pode tornar-se tendenciosa, fanática e viver a fé dos absurdos, que leva a ações extremas em nome de um Deus que o ser não compreende, mas que lhe foi imposto e que é aceito, sem questionamentos.

Esta fé cega e, por vezes, exacerbada por problemas socioeconômicos e culturais, deixou marcas profundas na humanidade pelas atitudes inconsequentes e agressões impensadas. A perseguição aos cristãos, as guerras religiosas, a inquisição, a perseguição aos judeus, o terrorismo atual são alguns exemplos. Aliada ao conceito de Deus antropomórfico, ainda existente hoje em dia, esta fé cega continua a exaltar as mentes imaturas, que negociam com a divindade para atingir seus prazeres e objetivos emocionais ou materiais ou, mesmo, espirituais, por falta de entendimento da realidade espiritual da vida.

4. A escola pitagórica foi grandemente difundida na Antiguidade e influenciou as escolas esotéricas de caráter iniciático.

Kardec n'*O Evangelho segundo o Espiritismo* (1866) relaciona a fé com a humildade, o conhecimento e a confiança em Deus. Ao reconhecer sua ínfima posição frente à grandeza da Criação, a criatura humildemente identifica-se como *um* elemento desta Criação; percebe que tudo se move no Universo de acordo com as leis Divinas e, finalmente, deixa-se conduzir por estas Leis. Nas palavras do mestre lionês: "a verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus." (Kardec 1996, 300)

Evoluindo, o ser adquire mais consciência de si mesmo, busca entender-se e entender o mundo em que vive e usa a razão, agora, não somente para adquirir conhecimento, mas também para refletir sobre si mesmo frente ao mistério da vida: de onde vim, para onde vou, qual o objetivo da vida. Consequentemente, surge a fé que raciocina, analisa e reflete para chegar ao entendimento da realidade da vida e reconhecer o Criador na sua criação. Para estes, o intelecto é ferramenta de entendimento, que se une a um sentimento pro-

fundo - o reconhecimento da sua posição na criação, no universo Divino, para tentar compreender o incompreensível.

Essa é a fé inabalável daquele que, tal como um visionário, compreende a finitude da matéria e percebe a existência de Deus na arquitetura de amor e justiça em que se apoiam as sucessivas existências do espírito e a harmonia dos arranjos da matéria a proporcionar meios adequados no mundo natural para experiências necessárias a cada ser em seu momento evolutivo. É compreender que em cada molécula do fluido universal e no Cosmo está presente a harmonia divina e por isso, mesmo em um fenômeno que lhe parece catastrófico, existe uma finalidade de educação e de progresso.

Deus na evolução do pensamento científico

É comum pensar que a ciência se concentra em descrever como o Universo físico funciona, deixando as questões de o que criou este Universo para os filósofos, os teólogos ou para a metafísica.

No entanto, os filósofos do passado eram também homens da ciência: matemáticos, físicos, químicos preocupados em encontrar respostas para as questões fundamentais da existência humana e desvendar os mistérios da ciência, identificando leis e teorias que explicassem o funcionamento do Universo físico.

Pitágoras[4] (século VI a.C), criador da matemática como um sistema de pensamento baseado em provas dedutivas, a quem se atribui o famoso teorema de Pitágoras e outras descobertas científicas, influenciou o pensamento ocidental desde a filosofia grega (Platão) à Idade Média (Santo Agostinho, São Thomas de Aquino) até aos tempos modernos. Platão (século IV-V a.C), filósofo e matemático, lançou a abordagem indutiva, lançando as bases da filosofia e da ciência ocidentais. Aristóteles (século IV a.C) contribuiu para os mais variados campos das ciências humanas e exatas; desenvolveu o princípio da lógica, ensinando o uso do raciocínio e influenciou o pensamento humano até à Idade Média.

Justus Sustermans, Portrait of Galileo Galilei, 1636

Desde a Antiguidade, a ciência e a filosofia ocidentais estiveram de mãos dadas, mas também atreladas ao pensamento da Igreja. Os filósofos-cientistas[5] influenciados pela filosofia aristotélica não faziam experiências, como as conhecemos na ciência de hoje, mas observavam e, em geral, não usavam a matemática para desenvolver teorias físicas. Foi Galileu[6] (1564-1642), no século XV, quem iniciou o rompimento deste *status quo* ao introduzir a matemática no empirismo de Aristóteles e, por isto, é considerado por muitos como o pai do método científico.

5. Historicamente, o termo 'cientista' surge somente no século XIX. Ver Enciclopédia de Filosofia de Stanford.

6. Três séculos depois, Galileu, Espírito, participa da equipe de espíritos que contribuem na Codificação da Doutrina Espírita, revelando conhecimentos científicos na Uranografia Geral, capítulo 6 d' *A Gênese*.

René Descartes (1596-1650), matemático, físico e filósofo francês, deu origem ao dualismo espírito-matéria e introduziu a visão mecanicista da vida. Para Descartes existiam dois reinos distintos na natureza: o reino do espírito (ou da mente) e o reino material. Esta divisão levou os cientistas a tratarem o mundo material como um agregado de matéria/objetos/coisas reunidos numa grande máquina – o Universo. Descartes analisa a ideia da perfeição, concluindo que ela não se origina nos sentidos, mas na razão, portanto, como a ideia não pode ter surgido do nada, Descartes afirma que se a ideia existe, é necessário que exista um ser perfeito que a tenha criado – Deus.

No século seguinte, Isaac Newton (1643-1727), astrônomo e matemático estabeleceu os princípios da mecânica clássica no tratado conhecido como *Principia* ou *Princípios matemáticos da filosofia natural*, todo escrito em latim, a língua dos eruditos e cientistas da época e da Igreja Católica que, naturalmente, ainda dominava a vida em sociedade. *Principia* é uma obra essencialmente dedutiva, que revolucionou a ciência e estabeleceu as bases da física e da astronomia, formulada numa linguagem de geometria pura.

De caráter filosófico e científico, *Principia* vai além da dedução matemática das leis da natureza, discute-as no sentido filosófico e abrange a natureza da influência causal de Deus sobre o mundo. Nesta obra espetacular, Newton descreve o átomo como criação divina e afirma que o sol, os planetas e cometas somente poderiam ser obra de um Ser inteligente e poderoso, que ele chama 'Senhor Deus Pantocrator[7], ou Soberano Universal':

"Este magnífico sistema do sol, planetas e cometas poderia somente proceder do conselho e domínio de um Ser inteligente e poderoso. E, se as estrelas fixas são os centros de outros sistemas similares, estes, sendo formados pelo mesmo conselho sábio, devem estar todos sujeitos ao domínio de Alguém... Esse Ser governa todas as coisas, não como a alma do mundo, mas como Senhor de tudo; e por causa de seu domínio costuma-se chamá-lo Senhor Deus Pantokrátor, ou Soberano Universal." (Gasparini 2011, 1)

7. Pantocrator é traduzido como onipresente, onipotente, vem do grego Pantokrátor, formado pelas raízes 'pan' que significa todo-poderoso, onipotente e "kràtein" que significa dominar. O termo Pantocrator também se refere ao mais antigo ícone de Jesus, encontrado no Mosteiro de Santa Catarina, no Sinai.

A visão cartesiana e mecanicista do mundo, iniciada com Descartes e reforçada por Newton, dominou o pensamento científico até ao final do século XIX, juntamente com a visão de um Deus controlador, dominador, que governava o mundo; um Deus antropomórfico, pois impunha suas leis, aceitava negociações e ofertas para remissão dos 'pecados' e oferecia possibilidade de culto externo. As leis da mecânica clássica propostas por Newton explicavam o Universo como uma grande máquina em movimento. Como Deus governava o mundo, suas leis eram imutáveis e eternas, e assim, também a ciência considerava estas leis invariáveis.

O século XX iniciou-se com novos horizontes para o desenvolvimento da ciência e para o pensamento humano. A teoria dos campos, advinda do estudo do fenômeno eletromagnético (a luz é um campo eletromagnético) por Faraday (1791-1867) e Maxwell (1831-1879), substituiu o conceito de força que, vinculada a corpos rígidos, é típico da mecânica newtoniana. Vemos também surgirem duas teorias que revolucionaram a ciência: a teoria da relatividade de Einstein e a mecânica quântica. Conforme Planer, em Fronteiras da Ciência:

"Einstein olha o mundo macroscópico e descobre a relatividade do tempo e do espaço, a relação massa e energia. Matéria e energia são, então, apenas duas manifestações diferentes da mesma realidade física. O mundo agora é um mundo de energias, que se condensam para formar a matéria e, onde a matéria é luz condensada! A mecânica

Frans Hals, Portrait of René Descartes, 1649-1700

quântica surge como a tentativa de explicar a natureza naquilo que ela tem de menor: os constituintes básicos da matéria e tudo o que possa ter um tamanho igual ou menor, advindo daí, o estudo do comportamento da matéria e energia a nível molecular, atômico, nuclear e mesmo a níveis subatômicos." (Planer 2014, 8)

Mesmo com a expansão do pensamento introduzida por estas teorias, o Iluminismo e a Revolução Industrial haviam transformado a sociedade e a dicotomia espírito-matéria, reforçado a separação entre ciências exatas e humanas e entre ciência e religião, colocando Deus e o espírito fora do mundo acadêmico-científico.

De maneira geral, os tradicionais argumentos da existência de Deus são ontológicos[8], cosmológicos, teleológicos e morais. Conforme Planer:

8. Ontologia é a parte da filosofia que estuda a natureza do ser, a existência e a realidade. A cosmologia estuda a origem, estrutura e evolução do Universo. A teleologia é o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade.

"No argumento ontológico, Deus é a essência da perfeição e, portanto, Seus atributos são perfeitos, e Ele existe. O argumento cosmológico fundamenta-se em que Deus é a causa única e primeira de tudo e do todo; enquanto o argumento teleológico, parte da premissa de que somente uma Causa perfeita e harmônica pode originar a perfeita harmonia cósmica, a estrutura e ordem do Universo. Desta última também se deriva o argumento moral, no qual o Criador na Sua infinita existência e excelsa sabedoria estabelece as leis morais." (Planer 2015, 8)

Vários gênios da razão apoiam um ou outro destes argumentos, como vimos acima, entre eles estão Descartes e Newton, e o filósofo holandês Spinoza (1632-1677), enquanto outros as refutam, como Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, considerado o pai da moderna filosofia.[9] Kant além de negar qualquer argumento teórico da existência de Deus, também critica seriamente qualquer manifestação de rituais externos, superstições e de ordem hierárquica na igreja, os quais vê como formas de tentar agradar a Deus e assim manipular a ordem em detrimento dos princípios morais.[10] Na metafísica

William Blake, Newton como um "geômetra divino", (1804)

de Kant, a existência de Deus, bem como a imortalidade da alma e o livre-arbítrio somente podem ser aceitos com a fé racional.

Enquanto alguns cientistas são reconhecidamente ateus e negam a Sua existência, outros operam dentro do conceito dualista de Descartes e Newton e relegam Deus para o plano da religião, acomodando-se nas suas crenças religiosas e separando-as do meio científico onde operam. No entanto, alguns, mais arrojados, reconhecem a grandeza da Divindade, justamente porque veem Deus como realidade inseparável do mundo físico. Geralmente, estes últimos propõem argumentos cosmológicos e, mesmo, teleológicos da existência de Deus.

Johann Becker, portrait of Immanuel Kant, (1768)

Deus na Ciência Contemporânea

A ciência é feita por indivíduos (cientistas e pesquisadores) impregnados por suas visões religiosas, pela cultura e sociedade em que se movimentam e vivem. Como as teorias científicas que buscam desvendar as leis da natureza trazem também a necessidade de interpretações de ordem filosófica, que incluem o conceito de Deus, muitos negam-se a olhar além da realidade material da vida, que se opõe às suas crenças, enquanto outros assumem posições contrárias ao *status quo*, e expressam sua visão do mundo e de Deus.

Em 1926, o rabino americano Herbert S. Goldstein solicitou a visão de Albert Einstein sobre Deus, após o Cardeal O'Connor, da igreja católica de Boston (EUA) alertar que a teoria da relatividade estaria camuflando o ateísmo. Einstein respondeu através de um telegrama, afirmando que acreditava "no Deus de Spinoza que se revela na Harmonia ordenada do que existe, não num Deus que se preocupa com os destinos e ações dos seres humanos."[i] Einstein repudiou a visão antropomórfica de Deus, que estabelecia um sentimento religioso baseado no temor, no medo, e, apesar de reconhecer que as escrituras judaicas ilustram a evolução deste sentimento religioso para uma religião moral, que estava também no Novo Testamento e nas religiões orientais, Einstein identificou um terceiro estágio de experiência religiosa, que ele chama de religião cósmica, no qual:

9. Para uma discussão sobre Kant e religião ver Stanford Encyclopedia of Philosophy. Kant's Philosophy of Religion. Acesso: https://plato.stanford.edu/entries/kant-religion/#KantCritTradArguForGodsExis em 28.07.2020

10. Cf. Planer, Rejane. O Ponto Ômega. Presença Espírita.

"O indivíduo sente o vazio dos desejos e objetivos humanos e a sublimidade e a ordem maravilhosa que se revela tanto na natureza como no mundo do pensamento. Ele vê a existência individual como uma espécie de prisão e quer experimentar o Universo como um todo único e significativo." (Einstein 2006, 28)

Einstein ressaltou a dificuldade de comunicar a outros este sentimento religioso profundo que não pode ser associado nem a uma definição precisa de Deus, nem a uma teologia, porque Deus é algo que não se pode penetrar. Para Einstein, este "sentimento religioso cósmico é o mais forte e nobre estímulo à pesquisa científica" (Einstein 2006, 30), que ele reconhece em Kepler e em Newton, mas também em Demócrito, Spinoza e Francisco de Assis. É típico daqueles que transcendendo o próprio Eu, como ensina a mentora espiritual Joanna de Ângelis, atingem a plena identificação consigo mesmos e a vinculação com a consciência cósmica. (Franco 1993, 152)

by Godfrey Kneller, Sir Isaac Newton, oil on canvas (1702), Wikimedia

A interpretação da mecânica quântica também foi objeto de discussão, desde os seus primórdios. Penetrando nos mistérios da matéria, a mecânica quântica permite fenômenos que são de difícil aceitação por mentes mais rígidas e vinculadas à visão mecanicista do mundo, que é a realidade material e tangível que todos experimentam. Por décadas, a maioria dos cientistas satisfez-se com a interpretação de Copenhagen[11] que, minimalista e ortodoxa, deixou de lado as questões ontológicas.

Não foi o caso de Erwin Schrödinger (1887-1961), que desenvolveu parte fundamental desta teoria, mas também se dedicou à

11. A interpretação de Copenhagen, proposta por Niels Bohr (1885 - 1962) considera que: não há realidade microscópica, ou seja, não existe um mundo quântico; os eventos são observados (colapso da onda) devido a um processo probabilístico ou não-determinístico, de forma que ao observar um evento, imediatamente uma das tantas probabilidades é escolhida e a situação se concretiza (colapso da onda); uma vez que a Física é o resultado de medidas, não existe ciência além daquilo que pode ser medido.

análise dos aspectos filosóficos, éticos e religiosos da ciência. Schrödinger compartilhava com Einstein o desdém pela interpretação ortodoxa da mecânica quântica, que implica a aceitação de que, intrinsecamente, as leis que regem a matéria são de natureza aleatória. O famoso experimento teórico 'o gato de Schrödinger' busca mostrar a incongruência deste aspecto da mecânica quântica. Para Schrödinger a natureza, o ser humano e Deus estão perfeitamente integrados. Alguns interpretam que este pensamento não tinha espaço para Deus, no entanto, Schrödinger não afirma isto, mas antes expande o conceito vigente no início do século, influenciado pelo pensamento oriental, para um Deus cosmológico e onipresente, onde tudo existe e está em todos.

Como vemos nos exemplos acima, apesar do tabu de falar em Deus no meio científico, muitos cientistas renomados posicionam-se sobre o conceito e existência de Deus, e outros têm inclusive proposto teorias que incluem como causa primeira, a Sua existência e contribuem com argumentos cosmológicos e teleológicos sobre o Criador. Analisar Deus sob esse ponto de vista, de uma teoria científica, parece uma incongruência.

Poderia a ciência, que enfatiza o mundo material, tangível, que não encontra espaço para o ser inteligente – o Espírito – desvendar o mistério do que é Deus? Certamente que não, mas a ciência, principalmente a cosmologia, é posta frente a frente com os mistérios da Criação. Astrônomos e físicos arguem, sem resposta, sobre o que havia antes da criação do Universo e sobre o que aconteceu nos primeiros instantes do Big Bang[12].

12. A Cosmologia, em geral, aceita que o Universo foi criado por grande explosão (Big Bang) devido a uma concentração de matéria e energia extremamente densa (distância zero) e quente (temperatura infinita).

Nos últimos anos têm surgido várias hipóteses e teorias, que abrem caminho para a discussão de uma nova formulação na ciência, onde o espírito – a consciência individual e inteligente, e Deus, são levados em consideração. Optamos por apresentar duas propostas de cientistas reconhecidos no mundo acadêmico, que incluem argumentos cosmológicos e teleológicos para a existência de Deus. São rotulados por alguns de fazer pseudociência e acatados por outros, que reconhecem as bases postuladas, que esperam ser provadas.

Em 1994, Frank Tipler, físico matemático e professor da Universidade de Tulane nos Estados Unidos, desenvolveu a teoria do ponto ômega, uma nova visão para a criação e evolução do Universo, que busca integrar ciência e espiritualidade, através de bases físicas e

matemáticas. Em seu livro *A Física do cristianismo*, Tipler (2007) afirma a necessidade de aceitação das implicações das leis físicas, "de modo que se elas levam a provas da existência de Deus, então devemos aceitar que Deus existe".

Conforme citado por Planer, a teoria de Tipler fundamenta-se em três proposições:

"(1) a vida não precisa necessariamente estar presente no Universo, mas uma vez que está, não pode mais desaparecer, mas sim prevalecer no Universo; (2) o Universo está em expansão desde o Big Bang até um momento de contração final, onde ocorre o grande colapso da matéria; e (3) a energia disponível no Universo é ilimitada, o que leva à conclusão que o Universo não termina num estado final de entropia máxima, mas num estado de eterna existência, ou máximo armazenamento e processamento de informação.

Deus é o Criador de tudo e de todos e não pode ser restringido a uma singularidade.

Este estado final do Universo é denominado por Tipler de ponto ômega, o qual não é realmente um "ponto final" do Universo, mas a extrema concentração de informação, que possibilitaria a re-criação da vida ou do Universo como um todo, enfim uma singularidade cosmológica." (Planer 2015, 9)

Para Tipler, a singularidade cosmológica seria o Deus do judaísmo e do cristianismo. Do ponto de vista espírita, o espírito é uma individualidade, uma centelha divina, criado por Deus e fadado a evoluir continuamente até adquirir o pleno conhecimento das leis divinas. Deus é o Criador de tudo e de todos e não pode ser restringido a uma singularidade.

Por outro lado, alguns pressupostos, assumidos inicialmente por Tipler, cuja teoria foi publicada inicialmente em 1994, precisam ser reconsiderados em vista de recentes descobertas. Por exemplo, a energia do bóson de Higgs, detectado em 2012, diverge do valor da energia desta partícula assumida por Tipler. Toda a teoria é formada por hipóteses ou pressupostos que precisam ser verificados experimentalmente e reajustados, o que

pode ser o caso. Mesmo assim, Tipler tem o mérito de ter aberto a porta para que outros cientistas também buscassem esta aproximação entre ciência e espiritualidade.

No livro *A Teoria de Deus*, Bernard Haisch (2009) propõe e vai provando com base nas teorias físicas mais recentes, que tudo no Universo: matéria e energia, incluindo as leis da natureza neste Universo e em outros que possam existir, tem origem em Deus, Suprema Inteligência ou Consciência. Para Haisch, Deus é inteligência infinitamente consciente que cria as leis físicas do nosso Universo e de outros universos, com o objetivo de transformação do que já existe em potencial, em experiência. Seu argumento, cosmológico e teleológico, não tem a mesma pretensão que a teoria de Tipler, de matematizar Deus. Haisch propõe uma aproximação entre a ciência e Deus.

Lembramos que Kardec, em *A Gênese,* afirma que "no estado de inferioridade em que ainda se encontra a humanidade só muito dificilmente podem os homens compreender que Deus é infinito". (Kardec 2013, 61)

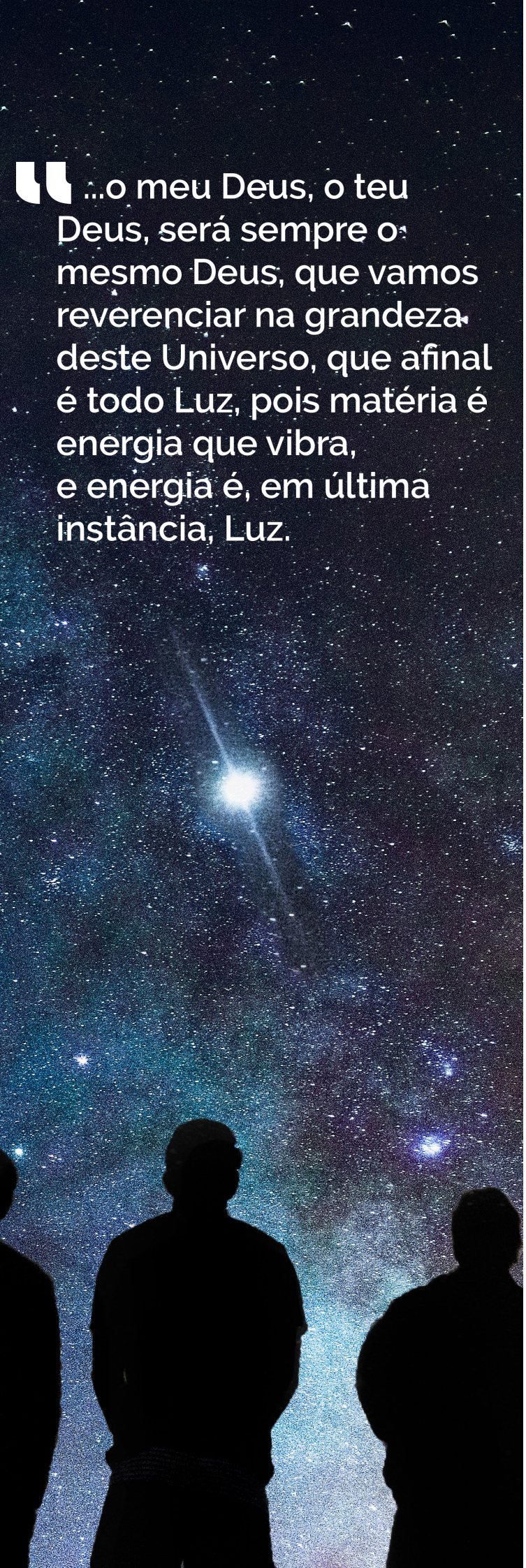
Diante da Criação podemos intuir o seu Criador, mas compreendê-lo no estágio evolutivo em que nos encontramos, ainda é um desafio. Podemos sentir Sua divina presença, maravilhados com as leis da natureza que através da ciência vamos descobrindo e vislumbrar o potencial imensurável que é o Universo Divino. Para isto, também precisamos da fé aliada à razão e impulsionada pela vontade, que por isso é também sentida, desde as profundezas do nosso ser, até à superfície, quando é consciente e ativa. Com esta fé clara e raciocinada, vislumbramos a presença de Deus em tudo e em todos – desde a menor partícula, o óvulo que gera a vida, até ao Cosmo. Esta fé ativa e racional torna-se então inabalável, como diz o mestre Kardec – "Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade." (Kardec 1996, 303)

É fato que a minha fé é diversa da tua fé. Cada um de nós tem a sua bagagem de conhecimentos, de sentimentos e de emoções que constituem a memória evolutiva de cada um e que fazem de nós o que somos hoje. Mas o meu Deus, o teu Deus, será sempre o mesmo Deus, que vamos reverenciar na grandeza deste Universo, que afinal é todo luz, pois matéria é energia que vibra, e energia é, em última instância, Luz. E esta Luz, quando é Divina e fecunda, chama-se Amor, e é a fonte de tudo e de todos, pois dizia o apóstolo João: "Deus é Amor."

E por ser Amor, deu-nos de presente a vida e a possibilidade de reverenciá-la em toda a forma em que ela se manifesta, para assim adorarmos Deus em "espírito e verdade", como nos ensina Jesus. A benfeitora espiritual Joanna de Ângelis lembra-nos deste compromisso com a Divindade e com a Vida, quando enfatiza que somos herdeiros de Deus:

"Amado por Deus, és também herdeiro das ideias sublimes, que te proporcionam conquistar espaços, penetrar o mecanismo da vida e decifrar os enigmas desafiadores que te aguardam.

O teu dever é fazeres-te receptivo ao pensamento divino em tudo e em todos presente, de modo a captá-lo e pô-lo em ação à medida que o conquistes." (Franco 1986, 9)



Bibliografia

CAPRA, Fritjof. (1975, 1983). *O Tao da física*. São Paulo: Editora Cultrix.

CALOVI, Gustavo Ellwanger. "A Questão de Deus no Contexto da Filosofia Moral de Kant". Princípios - *Revista de filosofia*. Natal. v.23. Maio-Ago. 2016: 171-191.

EINSTEIN, Albert. 1956, 1984. *The World as I see it*. New York: Citadel Press Books.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 1982. *Estudos espíritas*. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 1993. *O Ser consciente*. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 1986. *Filho de Deus*. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

GASPARINI, Eraldo L. P. (2011). O "divórcio entre a ciência e a religião". *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, Jan/2011. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html

HAISCH, Bernard. 2009. T*he God Theory*. San Francisco: Red Wheel/Weiser.

JANIAK, Andrew. "Newton's Philosophy". T*he Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/newton-philosophy/

KARDEC, Allan. 1995. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2013. *A Gênese*: *os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 1996. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

MOORE, Walter J. 1989, 1998. *Schrödinger, Life & Thought*. New York: Cambridge University Press, p. 172-173. Kindle E-book.

PASTERNACK, Lawrence and Courtney Fugate, "Kant's Philosophy of Religion", T*he Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2020 Edition), *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Kant's Philosophy of Religion. 2016. https://plato.stanford.edu/entries/kant-religion/#KantCritTradArguForGodsExis em 28.07.2020

PLANER, Rejane. 2014. "Fronteiras da ciência: o encontro entre a física e o Espiritismo". *Revista Presença Espírita*, 305: 8-13.

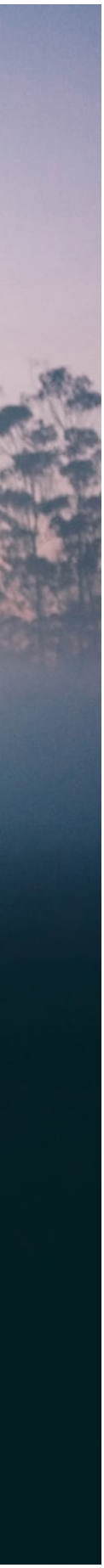
PLANER, Rejane. 2015. "O Ponto ômega". *Revista Presença Espírita*, 308: 8-10.

TIPLER, Frank J. 2007. *The Physics of Christianity*. New York: Doubleday. Kindle E-book.

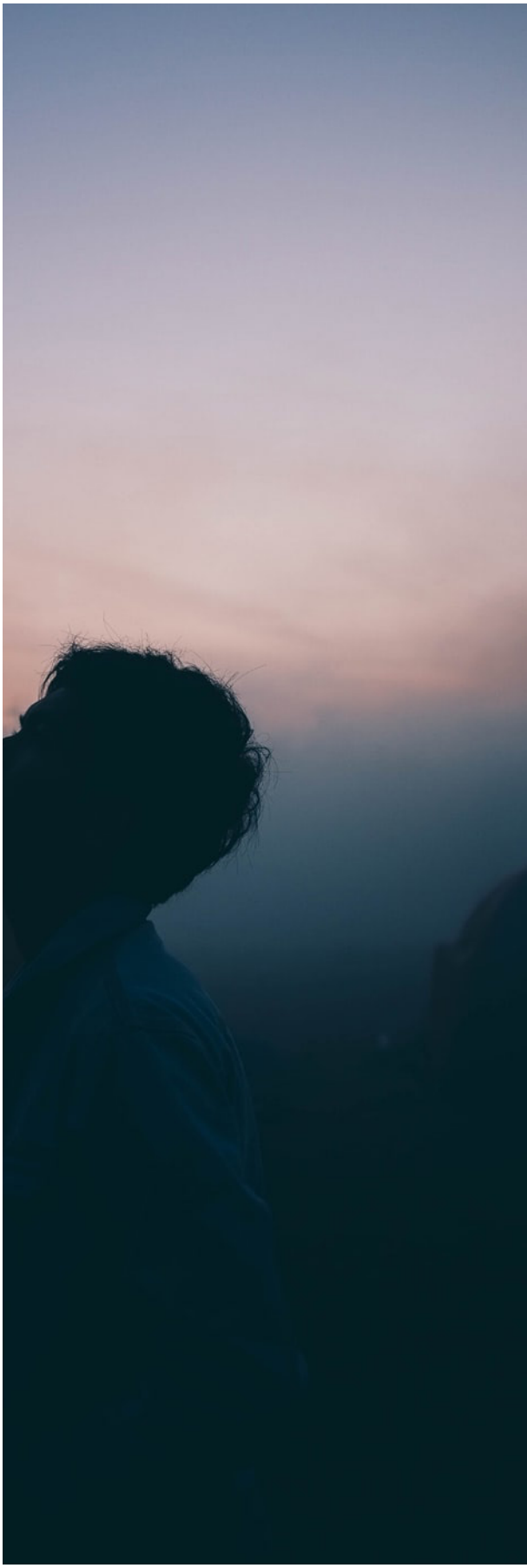
[i] New York Times, 25 de abril 1929, pág. 30.

SUELY CALDAS SCHUBERT *

Espiritismo & Filosofia



Ciência do Infinito



Resumo

Ciência do Infinito, expressão de Allan Kardec, acerca do Espiritismo, ao destacar que o processo evolutivo transcende as questões da vida física e alcança conquistas espirituais. Ressalta que é imprescindível estudo contínuo a fim de que o ser, lentamente, no tempo sem tempo, realize a conquista de si mesmo. A resposta à questão 01 de *O Livro dos Espíritos* é a suprema abertura para adentrarmos, conscientemente, a trajetória de cidadãos do Universo. Allan Kardec, tanto quanto Léon Denis, conhece e ensina a escalada evolutiva do Espírito imortal.

Palavras-chave Ciência, Deus, Universo, Gene, Infinito.

Photo by kilarov zaneit on Unsplash

* **Suely Caldas Schubert**, de família espírita, seus avós paternos e maternos eram espíritas. Médium, palestrante e escritora. Tem quatro filhos, seis netos e dois bisnetos.

Photo by kilarov zaneit on Unsplash

Ciência do Infinito! Admirável expressão de Allan Kardec, que me atraiu desde o primeiro momento que a encontrei, há muito tempo.

Lendo a Introdução de *O Livro dos Espíritos* (Kardec 2006, 51), descobri que existe essa Ciência. Foi um instante quase mágico, porque de imediato pensei: - Que maravilha! há uma ciência infinita que a tudo abarca, que se expande e se estende até onde alcança o nosso pensamento.

Inúmeras ideias me ocorrem desde então. Gosto de pensar a respeito do Infinito, tentando perscrutar alguma coisa cuja infinitude me deslumbre. Nos poemas que escrevo, inúmeras vezes, falo desse tema.

Exatamente diante disso, a primeira e natural ideia que preenche a nossa mente é, certamente, a que nos remete ao Criador, a Deus, como Pai, como **"inteligência suprema", na suprema definição de *O Livro dos Espíritos.***

Interessa-nos, logicamente, o contexto em que esse assunto é mencionado, conforme o item XIII da Introdução de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec está se reportando a algumas discordâncias, sobre assuntos importantes, que se verificavam em mensagens de Espíritos considerados superiores, o que não deveria acontecer segundo a opinião de certos leitores, à época. Observem a seguir:

"Diremos, em primeiro lugar, que, independentemente da causa que vimos de assinalar, outras há de molde a exercerem certa

> **...o estudo do Espiritismo** é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; **é um mundo que se abre diante de nós**...

influência sobre a natureza das respostas, abstração feita da probidade dos Espíritos.

Este é um ponto capital, cuja explicação alcançaremos pelo estudo. Por isso é que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como aliás o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser um sábio.

Como pretender-se em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito? (Grifo meu)

Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que efetuá-lo demande tempo, muito tempo mesmo?" (Kardec 2006, 51)

Diante de nós está a Ciência do Infinito, com toda sua beleza infinita a nos convocar a conhecê-la.

Mas há algo muito interessante a esclarecer: esta denominação foi o Codificador que a criou? Analisemos a pergunta 466 e sua resposta:

"Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?

Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. **Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito.** Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atrais, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo.(...) Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos. É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós." (grifo meu) (Kardec 2006, 51)

A resposta em seu todo é bastante clara, sem que seja preciso comentá-la aqui, neste instante. Mas observemos que o Espírito de Verdade se dirige ao leitor e lhe diz taxativamente:

"Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito."

Portanto, Kardec, apreendendo a importância desse significado, vai colocá-lo na introdução da obra básica da Doutrina Espírita.

Infinito - ideia que nos remete a Deus. Em *O Livro dos Espíritos* várias vezes Kardec e os Espíritos da falange de o Espírito de

Verdade se referem a essa condição própria do Criador. Por exemplo, na questão 06:

"Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?"

Resposta: "Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens." (Kardec 2006, 71)

E na questão 13, o Codificador vai abordar os atributos de Deus.

"Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos idéia completa de seus atributos?

"Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus." (Kardec 2006, 75)

Em *A Gênese*, capítulo II, "A Natureza Divina", Allan Kardec menciona que:

"Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo." (Kardec 2002, 58)

Léon Denis, afirma, em *O Grande Enigma*, que Deus é "o Poder Infinito que governa o mundo. O homem é finito, mas tem a intuição do infinito." (Denis 1983, 41)

Em outro momento ele expande o seu pensamento, para horizontes mais vastos e infinitamente eternos:

"(...) tudo se liga e se encadeia no Universo. (...)

Tudo se resume em um poder único e primordial, motor eterno e universal, ao qual se dão nomes diversos e é apenas o Pensamento, a Vontade divina.

Suas vibrações animam o infinito! Todos os seres, todos os mundos se banham no oceano das irradiações que emanam do inesgotável foco." (Denis 1983, 41)

O Espiritismo abre perspectivas ilimitadas, o fascínio que essas expansões da alma provocam, despertam uma satisfação inexplicável, porque, aos poucos, vamos des-

cobrindo que Deus está em nós, e esta descoberta é extremamente irresistível, emocionante e eterna.

Assim, por sentirmos algumas possibilidades de crescimento, não apenas mentais, ou somente em divagações ou elocubrações da nossa consciência mas, em especial, alguma coisa melhor que passa a fermentar em nosso íntimo e vai desaguar na prática do dia-a-dia como aquisições preciosas e duradouras, mudando nossa vida em seus aspectos mais profundos e definitivos.

O despertar para a realidade da presença divina em nossa vida conduz a uma certeza incrivelmente bela, transcendente, que expressa também o impacto de um sentimento de amor jamais imaginado.

Emmanuel, em uma de suas notáveis mensagens, propiciou-me inapreciável expansão do pensamento, numa descoberta dessas que chegam sem avisar.

No final dos anos 90, quando lia o livro *Fonte Viva*, capítulo 30, algo extraordinário ocorreu. Não era a primeira vez, a coleção de Emmanuel, comentando o Evangelho, sempre foi a preferida dos meus pais, a fim de preparar o ambiente, já a conhecíamos. Entretanto, podemos ler uma página, uma

ou mais vezes, sem perceber o sentido profundo do texto, o que somente acontece a partir do amadurecimento de quem está lendo. Foi assim que tive um desses "insights".

Muitos conhecem esse texto, aqui sintetizado:

EDUCA

"Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" Paulo (1ª Epístola aos Coríntios, 3:16.)

"Na semente minúscula reside o germe do tronco benfeitor.

No coração da terra há melodias da fonte.

No bloco de pedra há obras-primas de estatuária.

Entretanto, o pomar reclama esforço ativo. A corrente cristalina pede aquedutos para transportar-se incontaminada. A jóia de escultura pede milagres do buril.

Também o Espírito traz consigo o gene da Divindade.

Deus está em nós, quanto estamos em Deus." (grifo meu) (Xavier 2007, 77)

Destacando:

"**O Espírito traz consigo o gene da Divindade. Deus está em nós quanto estamos em Deus."**

Descobrir a nossa genética divina é simplesmente espantoso! Entender dessa maneira nos convoca a uma série de novas propostas diante da vida infinita e no infinito de nós mesmos. Somos filhos de Deus. Sentir isso nos preenche a alma por inteiro.

Jesus dizia "meu Pai", em muitos momentos:

"As obras que eu faço, em nome de **meu Pai**, estas testificam de mim." (Jo 10:25)

Sempre achei gloriosamente linda e comovente essa afirmativa do Mestre, mas nós todos, igualmente, assim também podemos nos expressar.

A Benfeitora Joanna de Ângelis, corroborando, acrescenta:

"Todos os seres são de essência divina, porque procedentes do Psiquismo Criador, que estabelece o processo de evolução mediante as experiências infinitas do progresso incessante." (Franco 2000, 111)

O Espiritismo é a Ciência do Infinito que abre a cortina das Eras para que sintamos, desde hoje, o que Léon Denis já sabia e ansiou por nos ensinar.

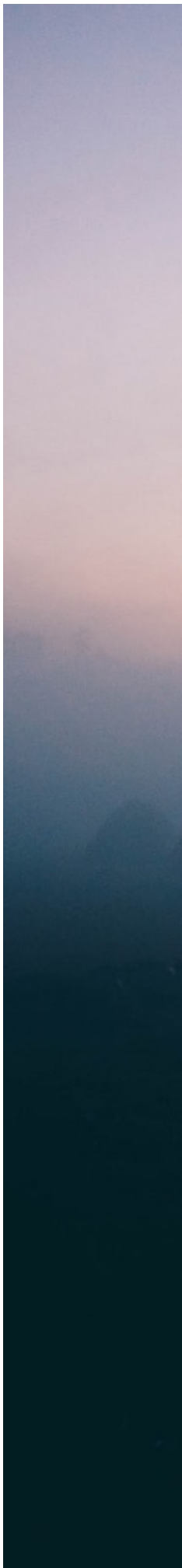
"Tudo o que está em nós está no Universo e tudo o que está no Universo encontra-se em nós." (Denis 2010, 171)

Somos cidadãos do Universo. Constatação incrivelmente majestosa e grandiosa.

> “Tudo o que está em nós está no Universo e tudo o que está no Universo encontra-se em nós.”

Kardec, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo II, item 7, “Meu reino não é deste mundo”, expõe com sabedoria incomum, o magno ponto de vista que abrange a trajetória do Espírito, destacando a solidariedade que impera na vida universal, como a seguir:

“O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga novos horizontes. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no conjunto harmonioso e magnífico da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. (...) Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.” (Kardec 2004, 79)



A ideia da solidariedade universal resplandece como expressão incomensurável da Justiça e do Amor com que Deus, o Supremo Criador, mantém a vastidão infinita de Sua morada cósmica.

Concluindo e aprendendo um tanto mais, ouçamos a voz de Léon Denis que nos transmite com infinito amor, alguns aspectos da Ciência do Infinito:

"Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com seu meio social e planetário.(...)

Conseguirá a alma chegar um dia ao termo da sua viagem?

Avançando pelo caminho traçado, ela vê sempre se abrirem novos campos de estudos e descobertas. Chega a penetrar a santa harmonia das coisas, a compreender que não existe nenhuma discordância, nenhuma contradição no Universo; que por toda parte reinam a ordem, a sabedoria, a providência, e a sua confiança e seu entusiasmo aumentam cada vez mais.

Daí em diante está intimamente associada à obra divina; está preparada para desempenhar as missões que cabem às almas superiores, à hierarquia dos Espíritos que, por diversos títulos, governam e animam o Cosmo, porque essas almas são os agentes de Deus na obra eterna da Criação, são os livros maravilhosos em que Ele escreveu os seus mais belos mistérios, são como as correntes que vão levar às terras do espaço as forças e as radiações da Alma Infinita." (Denis 2010, 162 e 172)

Bibliografia

A BÍBLIA de Jerusalém. 2015. PAULUS editora.

DENIS, Léon. 1983. *O Grande Enigma*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

DENIS, Léon. 2010. *O Problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2000. *Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda*. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

KARDEC Allan. 2004. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. [Trad. Guillon Ribeiro]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2002. *A Gênese*. [Trad. Guillon Ribeiro]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2006. *O Livro dos Espíritos*. [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

XAVIER, Francisco C . (Emmanuel, Espírito). 2007. *Fonte Viva*. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

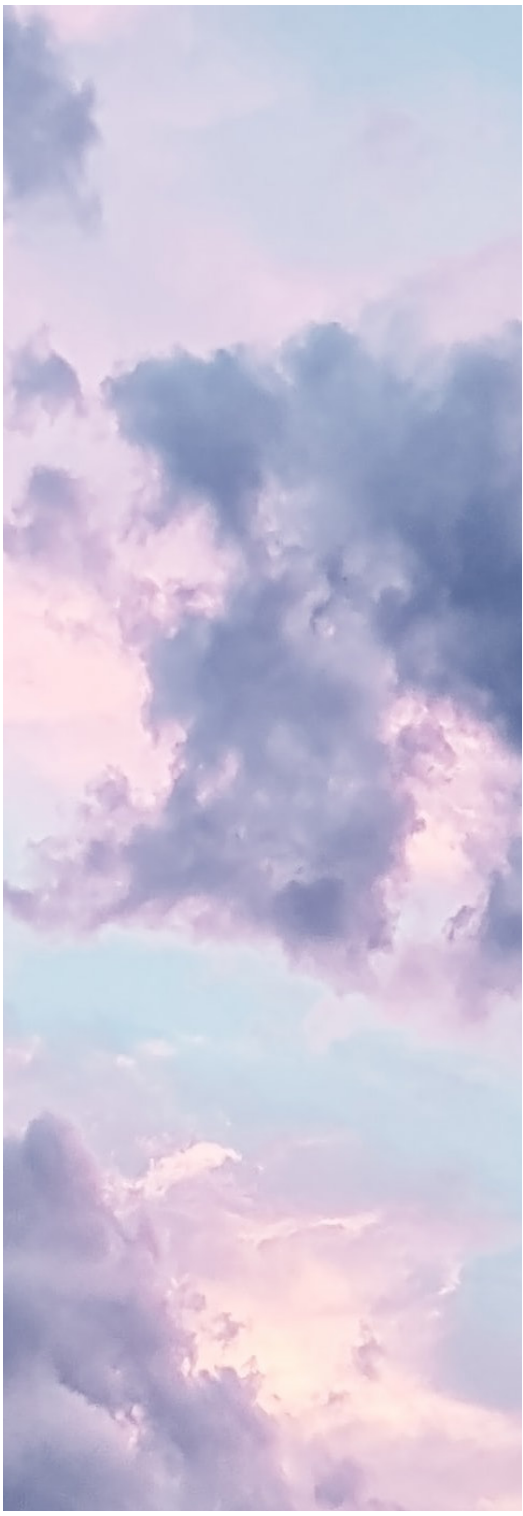
Fé Inabalável

Espiritismo & Religião

Photo by Carolyn V on Unsplas

ALUIZIO FERREIRA ELIAS *

O Verbo Criador



Resumo
O presente artigo dedica-se a comentar alguns dos atributos divinos relacionados por Allan Kardec e os autores desencarnados da Codificação em *O Livro dos Espíritos.* Recorreu-se a termos e palavras que, já nas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, adjetivavam Deus. O comentário, por sua vez, foi desenvolvido sob uma estratégia discursiva que promoveu a análise semântica de antiquíssimas expressões do proto-hebraico: El (לא/𐤀𐤋) — *A Força que Conduz* e Av (בא/ 𐤀𐤁) — *A Força da Casa.*

Palavras-chave Paleografia, O Livro dos Espíritos, Deus, Atributos da divindade.

***Aluizio Ferreira Elias** Colaborador do Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo de Uberaba/ Minas Gerais/ Brasil.

I - Prolegômenos

As palavras em pauta resvalam o Inalcançável e o propõem. É que elas dizem, sutilmente, como os Homens sentem o seu Criador. O coração bate, a alma fulgura e, então, os fonemas se propagam boca afora. Ideias em erupção. Risca-se a pedra, o caco de cerâmica, o couro: signos. Depois, há tinta impressa no papiro, sobre o pergaminho e o papel. Uma questão arguta desponta; tão imprecisa, quanto audaz. Aquela que investe sobre o problema primordial... e o encontra, e o revela: "Que é Deus?!"

Deus corresponde a esse anseio geral. Quer se mostrar. Fala de Si por meio daquilo que a sua Criação canta. São sons — ora sussurrados, ora retumbantes... Ouve-se Deus a todo o tempo. E, por isso, sabe-se Dele; como de um rio, ou de um pássaro. Mas, pssssiu...! Deve-se fazer muito silêncio. É necessária uma quietude ensurdecedora para ouvi-Lo. Ouvir Seu amor, pronunciando delicadezas, enredando nossas vidas. Este bardo menestrel e Seu velho estribilho: "— Eu Sou... Eu Sou... Eu Sou...!"

E foi isto que, pela pena de Flammarion, testemunhou Galileu: Aos que já creem na grande voz da Natureza, direi: "Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no ribombar do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos. Amigos, escutai ainda, escutai algumas vezes, escutai muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos." Ó vós, que já ouvistes a sua potente voz aqui na Terra, vós a compreendereis melhor no outro mundo. (Kardec 2004, 429)

Assim, pouco a pouco, o que é vento, sopro, ou voz — vogais, consoantes e dígrafos — transmuta-se em algum traço reto, ou em linha oblíqua que seja. Deus, agora, tem a forma das letras, um rosto em sílabas; seu corpo é vocábulo. Deus é lido e pensado. A saber que, de alguma distante constelação, vieram os tais astronautas escribas. Estes que, sendo escrivães e exilados, assinaram a autoria inominável da semiose divina. Legado coletivo de expatriados espirituais com acurado senso empreendedor. Arrojo e denodo que Emmanuel descreveu com deferência:

"Dada a ausência da escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiam de geração a geração através do mecanismo das palavras. Todavia, com a cooperação dos degredados do sistema da Capela, os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos, começando a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas." (Xavier 1995, 81)

Hebreus isto fizeram com destreza. Nômades, eles falaram de Deus [e com Deus]. Quando em cativeiro, libertaram suas tradições da palestra consuetudinária e, por bem, decidiram guardar seu dom em livros. Desde então, e por longos séculos, escreveram amiúde o que cogitavam sobre o seu Iahweh. Algo de percepção, muito de Revelação. Era o ofício de um povo [em prática litúrgica e teológica]. Gente loquaz que mereceu, ainda de Emmanuel, as seguintes considerações:

"Os livros dos profetas israelitas estão saturados de palavras enigmáticas e simbólicas, constituindo um monumento parcialmente decifrado da ciência secreta dos hebreus. Contudo, e não obstante a sua feição esfingética, é no conjunto um poema de eternas claridades. Seus cânticos de amor e de esperança atravessam as eras com o mesmo sabor indestrutível de crença e de beleza. É por isso que, a par do Evangelho, está o Velho Testamento tocado de clarões imortais, para a visão espiritual de todos os corações." (Xavier 1995, 67)

O verbo hebraico é que deu as primeiras notícias do Infinito; ou, pelo menos, as mais consistentes. E falou de um Deus ilimitado — tão imenso que Nele está contido o universo. Mas com esforço monossílabo. Antes mesmo das impronunciáveis quatro consoantes do místico tetragrama, Deus sendo, simplesmente, El (לא). O matrimônio entre um Alef (א) e um Lamed (ל) forjou a noção mais elementar de Sua importância.

II - A Força que conduz

Estamos todos a caminho. Nossos pés pisam o pó das estrelas, deixando rastros no tempo. O ponto de partida é a Criação; a conclusão é a perfectibilidade. Durante o itinerário, só há o agir de cada qual e a interminável sucessão ontológica. O que nos move? Que motor nos arrasta? Por que a estática não se sustenta, enquanto o avanço é sempre a tendência irresistível?

É Deus. Ele é alavanca que a tudo movimenta. Por isso, denominando-O como El (לא), a descendência de Abraão acabou cunhando um conceito *sui generis* [atributo essencial do Altíssimo]. É que, em proto-hebraico, o Alef (א) apresentava-se com uma forma pictórica [previamente à sua moderna expressão esquemática]. O Alef (א), sendo a primeira letra, a que vai à frente de todo o alfabeto hebraico, acabava aludindo ao trabalho bovino como animal de tração, à energia do gado [sempre útil ao deslocamento dos primeiros carretos com carga exigente] e disso advém a sua grafia mais representativa; a cabeça de um touro: 𐤀

Para o hebreu da Antiguidade, Deus era força, mas no sentido de movimento. O impulso potentíssimo de toda a Natureza. Que constrange tudo ao *Perpetuum mobile*. Astros orbitam nas entranhas de sistemas e galáxias; e estas circulam espaço adentro. A luz da supernova continua viajando, mesmo após o óbito estelar. O Sol e a Lua, combinados, agitam as águas do Oceano [que pulsa na incontinência das marés]. E a Terra rodopia, como astronômico pião, para que o dia, a noite e as estações se alternem: luz e escuridão; neve e florada; chuvas e estio. Esperado, pois, que o inesquecível professor de Lyon, em contemplando essa dança vital, a comentasse com os seguintes termos:

"As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de quem ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela

atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. [...] A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que lhe está o mérito. É toda material a força que o faz mover-se e nada tem de inteligente. Mas que seria esse pêndulo, se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? [...] Outro tanto ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras." (Kardec 2002, 55)

Para além da motricidade musculoesquelética dos Homens, há um ir e vir pouco percebido pela pragmática. Quem se desloca, ininterruptamente, é o Ser. Somos espíritos em campanha espaçotemporal. Nascemos, crescemos e morremos; e, após isso, renascemos. Variando os papéis: ora sábios, ora néscios; ou patrícios, ou plebeus. Aqui e ali, rompendo fronteiras. Por séculos e séculos, povoando miríades de corpos. Inseridos em povos diversos; sob lance estratégico da Inteligência Suprema. A Reencarnação motiva a inversão de posições familiares, sociais e econômicas. A Reencarnação desconcerta qualquer mesquinha expectativa.

E o querer de Deus bem sabe utilizar o desconforto individual em causa coletiva. Sendo o Senhor da Vida, Ele decide quando e onde o Homem irá nascer, ou morrer. Propõe o charco dos trópicos aos beduínos e a aridez dos desertos aos aimorés; a sisudez dos castelos aos campesinos e a paupérie das choupanas aos fidalgos. Assim se valendo de manobra coerciva, sempre que o arbítrio humano subverte a noção de Liberdade. Se o admoestar da consciência não franqueia os impulsos, a irreflexão assenhoreia-se dos tolos. Então, Deus emprega o braço forte de Sua vontade. E a agudez das circunstâncias, a aspereza da ocasião, faz prevalecer o imperativo da Lei [que ordena ao homem: "Mova-se!"]. Até que este, um peregrino em desnorteio, se pergunta: "Mover-me?! Para onde?!"

E o Altíssimo corresponde amorosamente. Deus é dinâmica dirigida. Todo o sentido é apontado. Todo o desvio é corrigido. Há um jornadear formidável, um avanço medido e calculado, que

seguimos distraidamente. E aí está a presença adjetiva da letra Lamed (ל) na palavra El (לא). Porque o proto-hebraico designa que a sua iconografia indica a subsistência das tribos de pastores palestinos. O Lamed (ל), em princípio, era um cajado de pastor: Pastores eram zelosos com suas ovelhas e cabras. Seu bordão era o instrumento guia. Faziam seu rebanho mover-se, mas sob um plano diretivo. Conduziam as ovelhas ao redil, ao pasto nutritivo, ao frescor das águas mansas, bem como afastavam-nas de feras famintas.

Assim é a manifestação do divino em nossa marcha. Deus, após fomentar o movimento, indica o roteiro seguro, a meta assertiva, o ponto culminante a ser alcançado. Corrige os descaminhos e as más escolhas, reconduzindo o peregrino à estrada. Assinala, ainda, o remanso providencial, o pouso que revigora. E guarda o estradeiro da alheia influência daninha, tão bem quanto o protege de si mesmo. Por essa razão é tão oportuna a opinião de Emmanuel a respeito:

"Observa o amparo de Deus, constantemente ao redor de teus passos, mas, muito especialmente, quando inibição ou esgotamento te espreitam. [...]

"Deus, após fomentar o movimento, indica o roteiro seguro, a meta assertiva, o ponto culminante a ser alcançado...

Providência Divina te concede meios, acima de tuas forças, a fim de que colabores na construção do bem de todos, por livre vontade e não de espírito escravizado ao jugo das circunstâncias. Em síntese, Deus te ajuda para que te ajudes, e dar-te-á sempre o auxílio máximo desde que não faltes com o teu concurso no desenvolvimento e no aperfeiçoamento da Obra da Criação, pelo menos com o mínimo do que sabes, podes e deves fazer." (Xavier 1994, 183)

Deus, chamado El (לא) pelos hebreus, é o dínamo diretor. Posto que prosseguimos sob tutela e somos validos a todo o tempo, perguntamos a quem nos lê: "Quem estará inerte?! E quem estará perdido?!" Seguimos sempre no fluxo de gentil correnteza, ou coisa semelhante. Arrebatados por vento austero que nos leva até ao exato ponto onde deveríamos estar. Eis a primeira noção, o fundamento de toda a espiritualidade profunda no mundo. Deus: a Força que nos Conduz.

III – A força da casa.

A interioridade do ser criado é o espaço incompleto, em construção. Deus é arquiteto fabuloso que padronizou os alicerces da Vida. O Gênio Eterno traçou um esboço geral para todos os homens, mas, do mesmo modo, um projeto específico para eu que escrevo [e outro para você que me lê]. Contudo, o preenchimento dos vãos da alma com coisa pensante e pensável, ou a confecção do que deve conter a edificação, isso é obra concernente a cada qual. Enquanto vivemos, vai se dando um feitio abstratamente manufaturado por artesão pedreiro; laborado em benefício introspectivo e alvenaria etérea.

Assim, quando sobrevêm os impasses, chegam os momentos críticos. Eis que surgem as intercorrências em que o projeto do arquiteto-engenheiro impacta o capricho ególatra do servo-construtor. O traçado aponta um rumo, mas a liberdade consentida de quem obra quer seguir proposta em contrário. Erros de execução do projeto são cometidos: paredes trincam, pilastras ruem; o teto cede; o piso fende...

E é, então, que o edifício se fragiliza, faz-se vulnerável. No instante de maior perigo, porém, o Senhor de todas as feitorias visita o canteiro arruinado. Conforta o construtor, animando e assinalando os reparos a serem feitos. A boa vontade se revigora, a esperança se fortalece e o projeto original é retomado. E a cada ação um adendo funcional é acrescido. Tudo vai se sofisticando e se tornando mais completo [menos tenda e mais solar; menos besta-fera e mais homem-humano]. Disso resulta o comentário preciso do instrutor Calderaro:

"Não somos criações milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio a milênio. Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno, e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito. A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório; as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do Inverno e acalentadas pelas carícias da Primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra. Em verdade, Deus criou o mundo, mas nós nos conservamos ainda longe da obra completa. Os seres que habitam o Universo ressumbrarão suor por muito tempo, a aprimorá-lo. Assim também a individualidade. Somos criação do Autor Divino, e devemos aperfeiçoar-nos integralmente. O Eterno Pai estabeleceu como lei universal que seja a perfeição obra de cooperativismo entre Ele e nós, os seus filhos." (Xavier 2012, 52)

Quando a obra humaniza-se, a indivi-

> Quando a obra humaniza-se, a individualidade passa a coabitar a moradia com Deus.

dualidade passa a coabitar a moradia com Deus. O ser e a presença divina coabitam no âmago da mente. Porque estando em todo o lugar, o Onipresente, por certo, também se encontra em nós. Doravante, nos debruçaremos sobre o esforço de entender a natureza desse convívio: a criatura topando a todo o tempo com o Criador enquanto esgueira-se por entre impulsos e pensamentos.

Foi Jesus quem projetou maior luz sobre essa questão. Ele atraiu a atenção humana para esse concurso divino, estendido a todas as psicologias, quando cognominou Deus com a expressão "Pai nosso". É que a mente que evolui, que progride, que se desenvolve, tem feições de casa, ou moradia: tenda, tapera, chalé que se aprimora e alcança a condição de palacete, sobrado, mansão. Vivemos em nós mesmos, portanto. Deus é o "Pai nosso" ao qual é endereçado aquele salmo inolvidável proclamado por Cristo. Av (בא) é a palavra primeira dessa canção, a que abre o poema-prece e que pode ser traduzida por "papai, ou paizinho" — atentemos para o acento afetuoso desse vocábulo hebraico. Novamente, duas letras: um Alef (א) e um Beit (ב) se encontram para a formação de um monumento significante.

O Alef (א), conforme já vimos, é força. O Beit (ב), em suas raízes proto-hebricas, era pictoricamente representado pelo interior de uma moradia: 𐤁. Beit, assim sendo, conecta-se à ideia de casa, habitação. Por isso é inevitável considerar que o Av (בא), esse "papai, paizinho" de Jesus, é a Força (א) da Casa (ב). E porque o ser mora em si mesmo, porque a nossa mente é nossa residência permanente, concluímos que Deus, sendo o Av (בא) de toda a Humanidade, é a sustentação vigorosa de qualquer casa mental em aprimoramento.

Como fortaleza da habitação, Deus nos escora a intimidade, mantém o domicílio de pé. Porque nos propõe o juízo são, a temperança, o equilíbrio entre o sentimento e a razão. Ele nos afaga a fronte, nos aconchega em seus braços, nutre nossa essência, agasalha os corações. Sem Deus a casa se inclinaria à demolição. Sem esse Pai, sem nosso Av (בא), o Homem tombaria inerte e fadigado.

Não foi, portanto, sem motivo que o mesmo Calderaro usou essa metáfora (casa) para descrever a estrutura psíquica dos espíritos:

"Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide

em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro situamos a "residência de nossos impulsos automáticos", simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o "domicílio das conquistas atuais", onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a "casa das noções superiores", indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro." (Xavier 2012, 54)

Deus, o paizinho que sustem a residência, é situado por Calderaro no terceiro andar; onde vibram "o ideal e a meta superior". No alto, no cume, no topo... no Céu da moradia. Seria fortuito que Jesus tenha-O situado espacialmente quando recitou o "Pai nosso que estás no Céu"?! Certamente não. Deus estende seu poder regenerador pelos andares inferiores, derramando bênçãos de cima para baixo. Mas isso, invariavelmente, se o Homem [a individualidade que, conjuntamente, constrói e habita a casa com Ele] O evoca das alturas. Se o ente humano sobe ao terceiro pavimento e de lá retorna com a Lei nos braços para restabelecer a ordem, ou força, perdida; feito um Moisés em favor de si.

IV - Conclusão

Reconhecemos que Deus é mais do que esses verbos todos com os quais o definimos. Mais que o mover, que o conduzir e o sustentar. Nele há virtudes que desconhecemos. Ele é, também, tudo aquilo que a nossa fonética e a nossa semântica ainda não alcançam. O indescritível e impronunciável. Sons de palavras, contornos de letras que sequer suspeitamos; as que inscrevem os caracteres divinos nas lacunas do universo oculto.

Mas isto que já cogitamos — duas palavras e quatro letras antigas — premiam o espírito humano com um conforto sem par. Se Ele é a Força que nos conduz, se Ele é a Força que nos sustenta vigorosamente a Casa mental, há motivo farto para o contentamento e a segurança. De saber que

> "...há motivo farto para o contentamento e a segurança. De saber que Ele nos move e guia... De saber que Ele nos constrói e mantém...

Ele nos move e guia... De saber que Ele nos constrói e mantém... Já podemos pressentir alguma felicidade. Bom pensar que não ficaremos estáticos e desnorteados. Bom pensar que Ele estará sempre presente em qualquer manobra, orientativo. Que não desabaremos, desfeitos em ruínas.
Porque Ele é o Senhor de Abraão e o Pai de Jesus. Conosco na travessia, conosco no pensamento. Quando dito, ou escrito. Na boca do povo, ou nos papéis dos sábios. Sendo o clamor socorrista de nosso cotidiano, quando dizemos: "Meu Deus! Meu Deus!" Sendo, ainda, a causa primária e inteligência suprema descritas no livro primogênito de Allan Kardec.
Aquele que, soberanamente, é.

Bibliografia

KARDEC. Allan. 2002. *A Gênese:* os *milagres e as predições segundo o Espiritismo*; [tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2004. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos.* [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano VI —1863).

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1995. *A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2012. *No Mundo Maior.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1994. *Segue-me*. Matão: Casa Editorial O Clarim.

Revisitando

Revisitando a Revista

A Tribuna Livre de Allan Kardec

EVANDRO NOLETO BEZERRA*

* **Evandro Noleto Bezerra**
Diretor e membro do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira. Tradutor para o português das obras básicas e complementares de Allan Kardec, incluindo os doze primeiros volumes da *Revista Espírita* (1858-1869). Editor e articulista da revista *Reformador*.

Revista Espírita

Resumo

A despeito de seu indiscutível valor histórico, evangélico e doutrinário, a *Revista Espírita*, periódico mensal fundado por Allan Kardec em 1º de janeiro de 1858, é, infelizmente, uma das obras menos lidas do Codificador do Espiritismo, quem sabe, em parte, pela sua extensão, nada menos que doze portentosos volumes... E, no entanto, o leitor encontrará em suas páginas a história da doutrina nascente, a epopeia de um homem que abdicou da própria grandeza para materializar, entre nós, a presença do Consolador prometido por Jesus...

Palavras-Chave Allan Kardec, Revista Espírita, Laboratório experimental, Tribuna livre.

Quando da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, a Europa só dispunha de um único jornal dedicado à divulgação do Espiritismo, e mesmo assim em Genebra, longe do burburinho de Paris e praticamente fora do alcance dos leitores da capital e de outros centros urbanos importantes, contrariamente ao que ocorria nos Estados Unidos, favorecidos com dezessete jornais consagrados ao espiritualismo.

Diante do fato, Allan Kardec se deu conta da imperiosa necessidade de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos dos fenômenos espíritas a par do que se passava no mundo e os instruísse de modo ordenado sobre as mais variadas questões doutrinárias, a despeito de lhe faltar o tempo necessário para semelhante empreendimento, considerando-se os seus afazeres pessoais, inclusive os voltados para a sua própria subsistência.

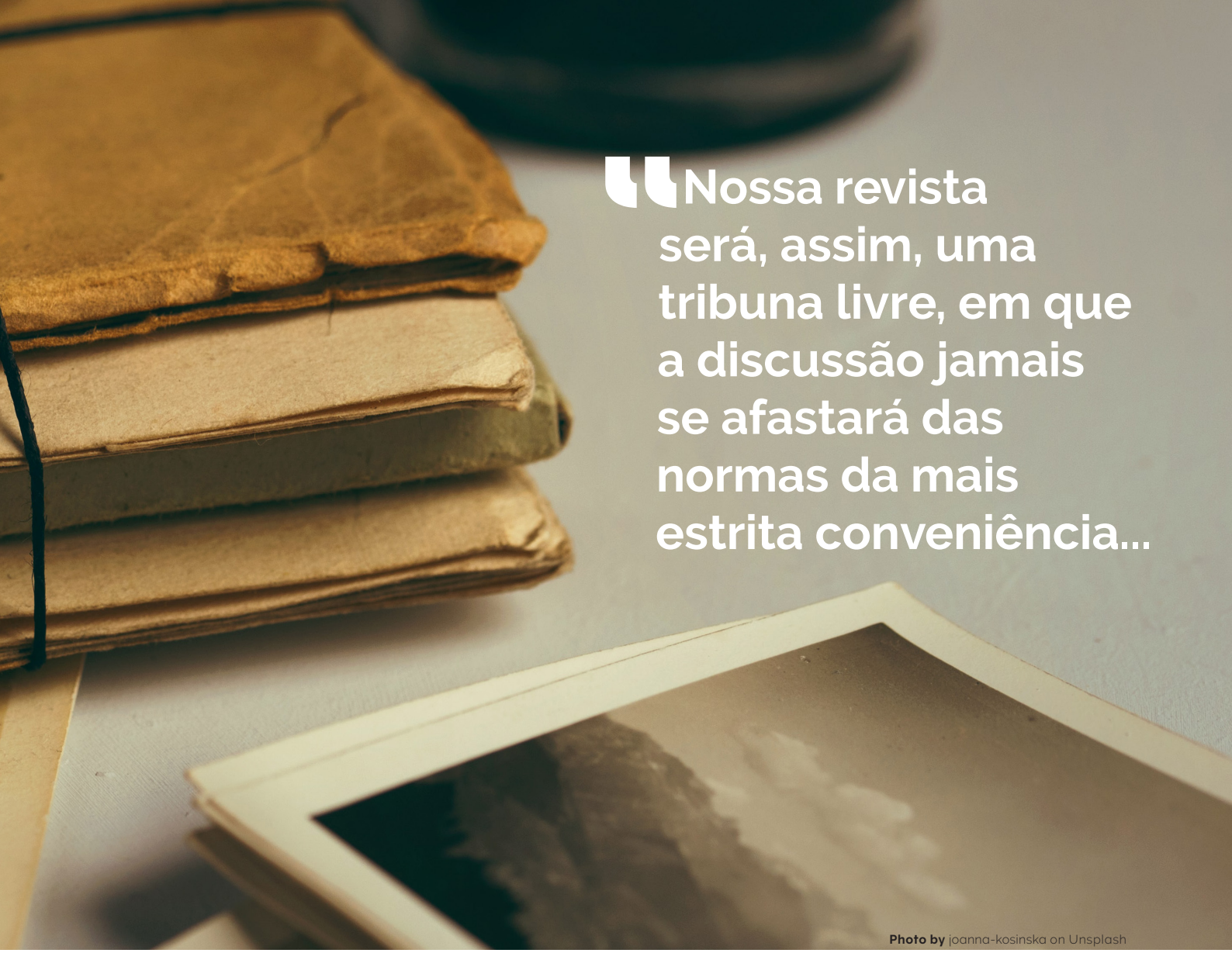
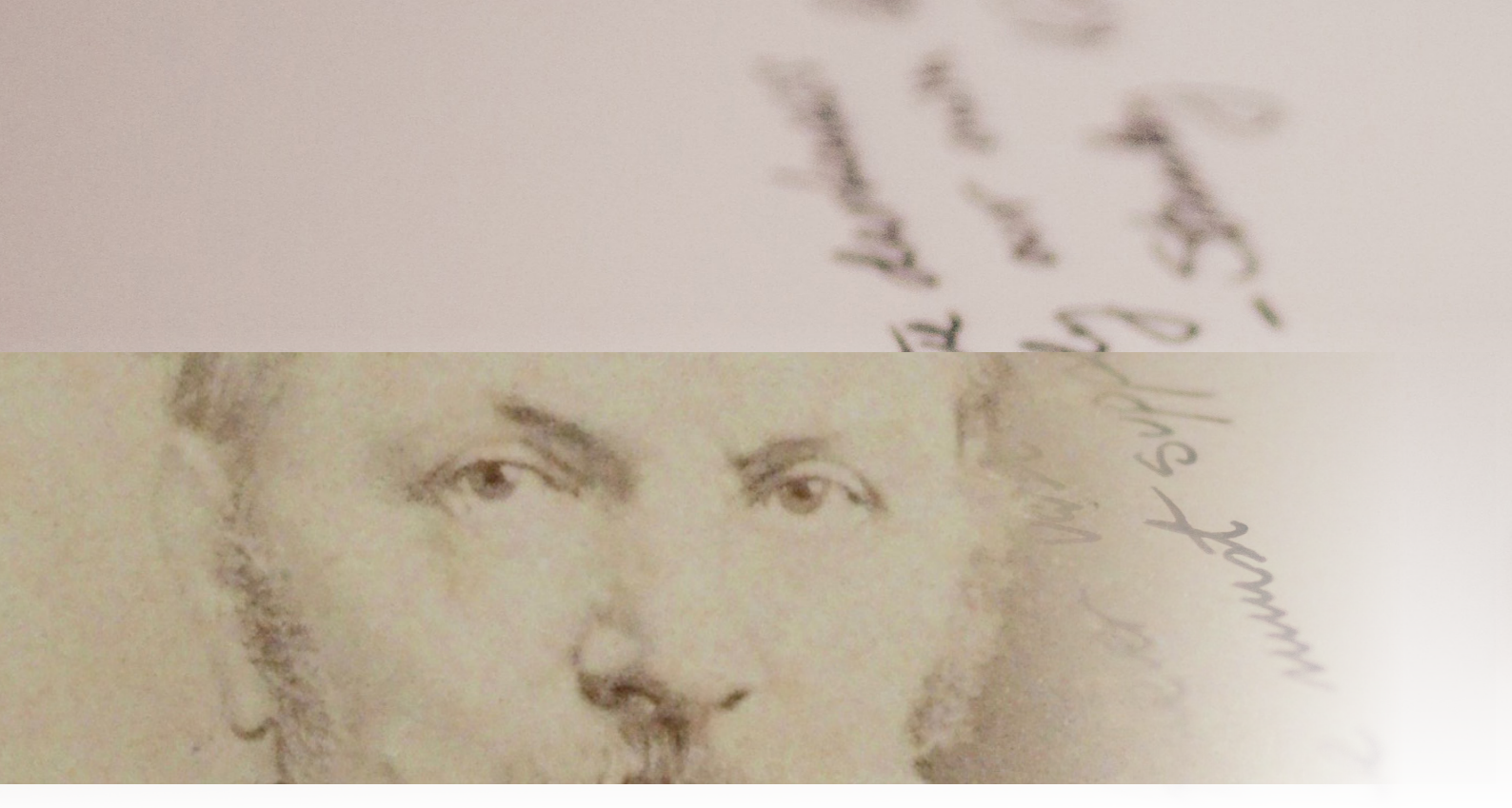


Photo by joanna-kosinska on Unsplash

Não era fácil a tarefa e implicava gastos de certa monta. A princípio Kardec procurou alguém que pudesse patrocinar a obra, colaborando financeiramente para que ela viesse à luz, mas razões providenciais fizeram com que não lograsse o êxito desejado. Mesmo assim, diz ele, "apressei-me a redigir o primeiro número, fazendo-o circular a 1° de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum sócio ou investidor. Publiquei-o, correndo, exclusivamente, todos os riscos, e não tive do que me arrepender, porquanto o sucesso ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e [...] esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu". (Kardec 1983, 294)

Logo na Introdução do primeiro fascículo da *Revista Espírita*, Allan Kardec estabeleceu claramente as diretrizes que norteariam sua atuação à frente daquele periódico: "Como nosso fim é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas e tentaremos, tanto quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, dirimir as dúvidas e esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não disputaremos. As inconveniências de linguagem nunca foram boas razões aos olhos das pessoas sensatas [...]". (Kardec 2004c, 23-4)

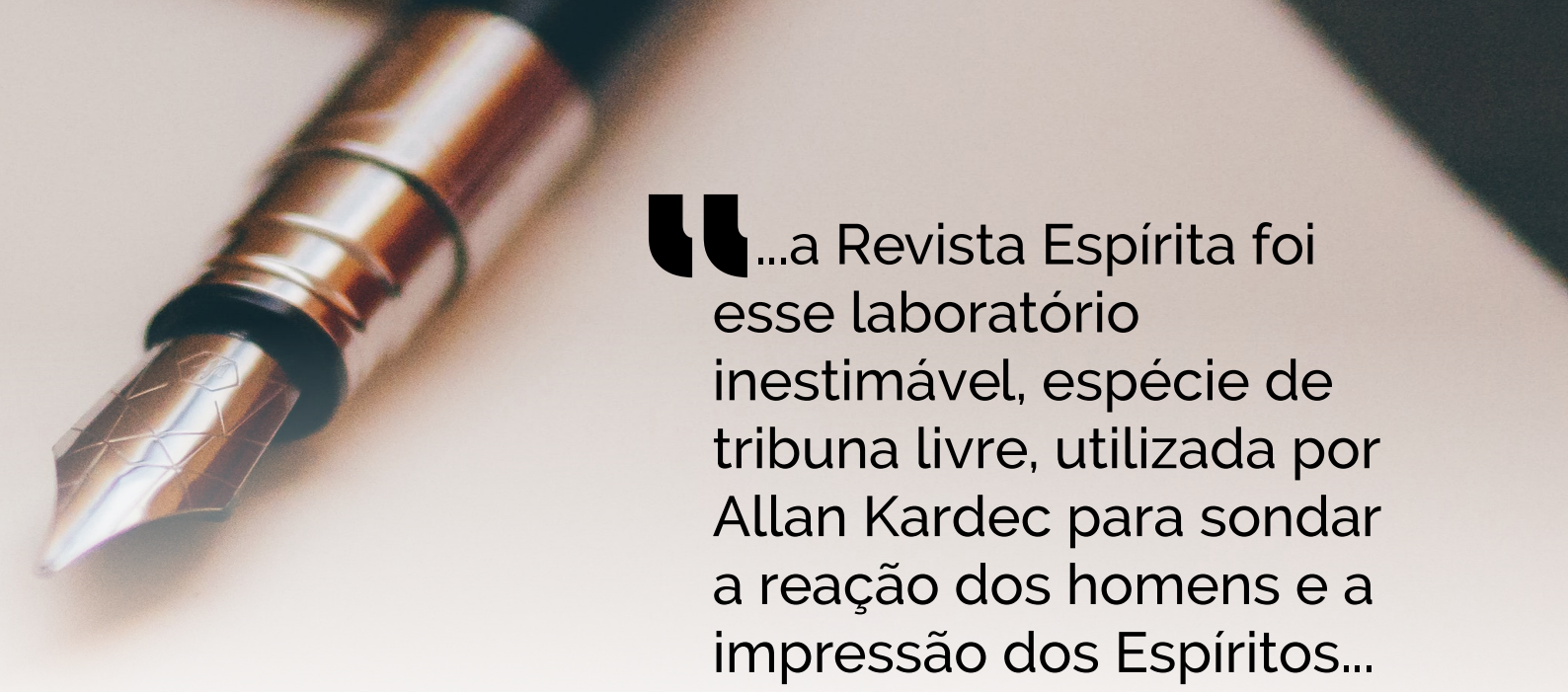
Do ponto de vista da apresentação, a *Revista Espírita* "manteve as características das publicações científicas, circulava entre subscritores e a venda pública, semelhante a seus congêneres do século XIX, era facultativa dos livreiros e dos escritórios postais. Impressa em papel-jornal, contava com 32 páginas, caderninhos de duas colunas em oitava; seu tamanho era de 23,5 x 15 cm, com



peso estimado em 30 gramas. As páginas estavam compostas por 40 linhas impressas em corpo 12; sua apresentação era rústica, com capas de papel [brochura]". (Barrera 2003, 147) No final de cada ano os fascículos correspondentes eram reunidos, formando uma coleção de exemplares encadernados, com uma capa especial e um índice alfabético. É da responsabilidade direta de Allan Kardec a publicação de todos os fascículos, desde o primeiro, que circulou em 1º de janeiro de 1858, até o que foi dado a lume em abril de 1869, uma vez que já se achava composto quando da desencarnação do mestre, ocorrida no mês anterior. Isto não significa que a tenha redigido sozinho, pois a Revista "contou com a colaboração de centenas de participantes, encarnados e desencarnados, franceses e de outras nações, dentre os quais cientistas, literatos, filósofos, religiosos e homens do povo, cada qual ajudando a lançar, na sua respectiva esfera de ação, os alicerces sobre os quais se ergueria o portentoso edifício do Espiritismo". (Kardec 2004, 15)

Ao lançar a *Revista Espírita*, em 1858, Allan Kardec teria ainda pela frente a publicação de *O que é o Espiritismo* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Também estariam por ser lançados alguns opúsculos: *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (1862), *Viagem espírita em 1862* (1862), *Resumo da lei dos fenômenos espíritas* (1864), *Caráter da revelação espírita* (1868), sem falar da *Instrução prática sobre as manifestações espíritas* (1858), livro de maior porte, substituído três anos mais tarde por *O Livro dos Médiuns*, muito mais abrangente e metódico. Era todo um campo a pesquisar, ideias novas a desenvolver e a amadurecer, conceitos a serem validados pelo critério infalível da concordância e da universalidade do ensino dos Espíritos, antes de serem incorporados ao patrimônio da Doutrina Espírita. Havia, pois, necessidade de um laboratório experimental, onde tudo isto pudesse ser testado com segurança e sem açodamento.

Ora, a *Revista Espírita* foi esse laboratório inestimável, espécie de tribuna livre, utilizada por Allan Kardec para sondar a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. E tanto isto é verdade que a maioria das ideias desenvolvidas



> "...a Revista Espírita foi esse laboratório inestimável, espécie de tribuna livre, utilizada por Allan Kardec para sondar a reação dos homens e a impressão dos Espíritos...

nas obras da Codificação foram esboçadas previamente na *Revista Espírita*, e até mesmo transcritas literalmente, sobretudo em *O Céu e o Inferno* e em *A Gênese.*

É importante se tenha em mente que a *Revista Espírita* é uma obra subsidiária, complementar da Doutrina Espírita e, como tal, deve ser lida com espírito crítico e imparcial, especialmente no que concerne a certas teorias científicas e a algumas opiniões isoladas, de caráter filosófico. Sua moral é inatacável; porque baseada na do Cristo, não suscita dupla interpretação, por ser "o terreno onde todos os cultos podem reunir-se, a bandeira sob a qual podem todos abrigar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais constituiu matéria das disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões dogmáticas". (Kardec 1996, 25)

Pelas próprias características em que se apresentava – *Jornal de estudos psicológicos*, pelos assuntos abordados, riquíssimos em fatos da fenomenologia mediúnica, e pela possibilidade das réplicas e tréplicas a que seus artigos davam margem, o estilo da *Revista Espírita* é, necessariamente, leve e agradável, vazado em linguagem simples e acessível aos não iniciados, apresentando as matérias de forma clara e objetiva, sem tergiversações de qualquer natureza. Enfim, aquele mesmo estilo que tanto apreciamos nas obras básicas da Codificação Espírita, capaz de agradar a todas as camadas da sociedade, desde a gente simples das periferias até aos intelectuais mais exigentes dos bairros nobres de Paris.

A *Revista Espírita* não tinha um padrão editorial claramente definido, isto é, suas seções eram muito variadas e por vezes sofriam solução de continuidade. Entretanto, não é difícil perceber certa uniformidade na temática abordada nos diferentes fascículos, notadamente os relacionados com os ditados mediúnicos, as conversas familiares de além-túmulo, as dissertações espíritas, as evocações particulares e as notas bibliográficas, praticamente comuns a todos eles. As poesias mediúnicas também mereceram generosa acolhida na Revista, não tanto pelo seu valor doutrinário, mas como prova insofismável de que os médiuns, mesmo os menos instruídos, eram capazes de receber, de um jacto, produções de grande fôlego, com perfeita observância das regras da versificação, e que em nada desmereciam as ilustres personagens que as assinaram.

Como se tratava de um periódico mensal, muitas vezes Allan Kardec transcrevia artigos e notícias de jornais, nacionais e estrangeiros, sobre os mais variados assuntos, desenvolvendo-os e correlacionando-os com os postulados espíritas. Isto emprestava à Revista um caráter de perene atualidade, identificando-a com os problemas e as preocupações da Paris cosmopolita do II Império. Suicídio, epidemias, pena de morte, duelos, assassinatos, nada escapou à argúcia do Codificador, que deles se aproveitava para edificar os leitores, por meio de comentários judiciosos e oportunos. Quantos Espíritos desencarnados foram evocados a partir de referências extraídas dos jornais, e que brindaram os leitores da *Revista Espírita* com o testemunho da sua própria experiência! Muitos detalhes de toda a ordem, até então inimagináveis sobre a vida de Além-Túmulo – ainda não dispúnhamos das obras do Espírito André Luiz, psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier – foram revelados por esses repórteres improvisados do Mundo Espiritual e estampados no *Jornal de estudos psicológicos* de Allan Kardec.

Não é de admirar que muitos jornais, sobretudo os que refletiam o pensamento da igreja dominante, ou que com ela simpatizavam, resolvessem apontar suas baterias contra o Espiritismo, por meio da publicação de artigos virulentos, quase sempre marcados pela falta de urbanidade e pelo rancor indisfarçável de seus autores, quando não atacavam pura e simplesmente o Codificador, em sua honra e em seus interesses pessoais. "Várias vezes – diz Allan Kardec – já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abster: *é aquela que pode degenerar em personalismo* [grifamos]; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente [...]. Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos". (Kardec 2004d, 443)

Fiel a esse princípio, e sem nunca se afastar da moderação e da conveniência, Allan Kardec serviu-se inúmeras vezes das páginas da *Revista Espírita* para refutar as aleivosias assacadas contra o Espiritismo. Eis uma pequena amostra: Refutação de um artigo do "Univers" (maio/1859); Resposta à réplica do abade Chesnel no "Univers" (julho/1859); Resposta do Sr. Allan Kardec à "Gazette de Lyon" (outubro/1860); A "Bibliografia católica" contra o Espiritismo (janeiro/1861); Resquícios da Idade Média – o auto-de-fé de Barcelona (novembro/1861); Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo (maio/1862); Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo (abril/1863); Primeira carta ao padre Marouzeau (julho/1863); Pastoral do bispo de Argel contra o Espiritismo (novembro/1863); Reclamação do abade Barricand (julho/1864); Nova tática dos adversários do Espiritismo (junho/1865); O Espiritismo só pede para ser conhecido (setembro/1866).

A despeito de tantos artigos em defesa da Doutrina Espírita, só raríssimas vezes Allan Kardec utilizou a *Revista Espírita* para refutar os ataques pessoais de que foi alvo, e mesmo assim de forma indireta, aproveitando os discursos que fazia à Sociedade Espírita de Paris, ou em outras ocasiões menos especiais. Mas sempre com classe e elegância, como nesta passagem: "Eu desfrutaria de um privilégio inconcebível se tivesse ficado ao abrigo da crítica. Não nos pomos em evidência sem nos expor aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de crítica: uma que é malévola, acerba, envenenada, onde o ciúme se trai em cada palavra; a outra, que visa à sincera pesquisa da verdade, tem características completamente diversas. A primeira não merece senão o desdém; jamais com ela me incomodei. Somente a segunda é discutível". (Kardec 2004f, 269) Ou neste outro trecho: "Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e do personalismo, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo. Dizemos sem objetivo porque jamais os levaria à convicção; ademais, seria pura perda de tempo discutir com pessoas que não têm a menor noção do que falam. Só temos uma coisa a dizer-lhes: estudai primeiro; depois veremos. Temos mais que fazer do que falar a quem não quer ouvir. Afinal de contas, o que importa a opinião contrária deste ou daquele? Terá essa opinião tão grande importância que possa deter a marcha natural das

coisas? [...] Assim, deixando a incredulidade zunir à nossa volta, jamais nos desviaremos do caminho que nos é traçado pela própria gravidade do assunto que nos ocupa". (Kardec 2004b, 16) Contudo, algumas vezes foi mais direto: "Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e de privações; nada devo a quem quer que seja, enquanto muitos me devem, sem o que teria mais do dobro do que me resta; assim, ao invés de subir, desci na escala da fortuna". (Kardec 2004a, 253) E esta outra: "Jamais pedi qualquer coisa a alguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um centavo qualquer veio prover às minhas necessidades; numa palavra, não vivo a expensas de ninguém, porquanto, das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito..." (Kardec 2004e, 223-4)

Como vemos, a *Revista Espírita* põe a nu a intimidade do Codificador do Espiritismo, no-lo revelando tal qual se mostrava em sua vida privada, real, verdadeira, autêntica, sem laivos de santidade e sem se afastar do comum dos mortais. Porque jamais se disse ou se impôs como missionário, como predestinado de uma Revelação que, sem ele, não chegaria aos deserdados da Terra; porque sabia que os desígnios divinos não se assentam na cabeça de um homem; enfim, porque estava convicto de que a Doutrina Espírita não era dele, mas dos Espíritos, essas grandes vozes dos Céus que, nos tempos preditos, "vinham restabelecer todas as coisas, dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos." (Kardec 1996, 23)

Convidamos, pois, os nossos irmãos espíritas a se deleitarem com a leitura atenta e cuidadosa da *Revista Espírita*, que podemos considerar, ao lado de *Obras Póstumas*, como uma espécie de autobiografia do Codificador. Somente nela serão capazes de identificar e sentir pulsar, nas fibras mais íntimas de seus corações, a alma nobre de Allan Kardec, gozar de sua intimidade, acompanhar passo a passo a marcha do Espiritismo nascente, as dificuldades para a sua implantação, as lutas que teve de vencer para fincar as balizas de uma Nova Era para a regeneração da Humanidade. E essa epopeia sem-par, essa trajetória sem igual nos fastos da História, escrita em caracteres irrecusáveis, está toda inteira nas páginas do *Jornal de estudos psicológicos* de Allan Kardec, nessa coletânea de doze volumes, patrimônio inalienável dos espíritas do mundo inteiro...

Bibliografia

BARRERA, Florentino. 2003. *Resumo analítico das obras de Allan Kardec*. [Trad. David Caparelli]. São Paulo: Madras Editora.

KARDEC, Allan. 2004. "Apresentação da FEB". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano I, 1858: 15).

KARDEC, Allan. 2004a. "Assim se escreve a História! – Os milhões do Sr. Allan Kardec". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano V, Junho 1862: 250-255).

KARDEC, Allan. 2004b. "O Espiritismo em 1860". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano III, Janeiro 1860: 15-21).

KARDEC, Allan. 1996. *O Evangelho segundo o Espiritismo.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2004c. "Introdução". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano I, Janeiro 1858: 21-8).

KARDEC, Allan. 1983. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2004d. "Polêmica espírita". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano I, Novembro 1858: 443-5).

KARDEC, Allan. 2004e. "Relatório da caixa do Espiritismo". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano VIII, Junho 1865: 221-31).

KARDEC, Allan. 2004f. "S.P.E.E. – Discurso de encerramento do ano social 1858-1859". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Ano II, Julho 1859: 255-74).

Espiritismo e Sociedade

LÍVIA MARIA SOUSA*

Mansão do Caminho Educandário de Raiz Transcendental

* **Lívia Maria Souza** Coordenadora e Revisora da Editora LEAL.

MANSÃO DO CAMINHO

"(...) Perseverança no bem, como abençoado programa de cada dia, é o nosso lema.
Há centenas de trabalhadores invisíveis em função de auxílio constante ao "Caminho" e à "Caravana", que se transformaram em legítimas assembleias de socorro espiritual, de esclarecimento benéfico, de fraternidade e de amor. Continuemos. Avançar em execução dos Divinos Propósitos é nosso dever." [1]

Francisco de Assis

1. Mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, no dia 3 de outubro de 1950.

Photo by Mansão do Caminho

A epígrafe que inicia este texto é um dos convites mais sublimes e também mais intensos que Divaldo Franco, aos 23 anos, recebeu do inolvidável Irmão Sol, Francisco de Assis, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo. Dois anos antes, em 1948, durante uma viagem de trem, Divaldo Franco experienciou uma marcante visão psíquica que se configurou como a imagem mais propulsora de sua vida daquele momento em diante: "Em um lugar arborizado, com muitas construções, adultos, crianças e um homem de costas, que, ao se virar, surpreendeu-me: era eu mesmo mais velho na imagem daquele homem, mas já ancião". Seguidamente, uma voz também lhe teria dito: "Isto é o que farás de tua vida. Educarás". (Wright 2017, 132)
Fruto de uma programação espiritual de alta envergadura e adredemente elucubrada, o

Photo by Mansão do Caminho

educandário **Mansão do Caminho** – local onde o médium estava na sua visão – é um departamento socioeducacional do Centro Espírita Caminho da Redenção, fundado em Salvador, na Bahia, em 15 de agosto de 1952. Os fundadores eram dois jovens, unidos pelo amor ao próximo, Divaldo Franco e Nilson de Souza Pereira, expectando acolher os invernos que ainda pulsam nas almas, ensinando-as a esperar pela primavera que chega através do exercício de benemerentes ações. São 68 anos atuando vigorosamente na vida de milhares de pessoas, em todas as dimensões existenciais – sociais, educacionais, morais, físicas, psicológicas, espirituais etc. –, configurando-se como a projeção de uma futura Úmbria que sonhamos vislumbrar.
Abraçar a Doutrina Espírita e ensiná-la através de palavras e ações já era uma cons-

tante na vida missionária de Divaldo Franco, mesmo recém-saído da adolescência. Mas a educação de almas ganhou progressão geométrica quando, embalados pela lição da benfeitora Joanna de Ângelis de que "a paz no mundo depende da educação da infância" (Franco 2015, 73), Divaldo e Nilson, auxiliados por abnegadas mulheres, acolheram e cuidaram da semente pujante que é a infância. Inspirados e intimoratos, desenvolveram o sistema de casas-lares, criando lares substitutos na Mansão do Caminho, dando maior acolhimento e orientação às crianças órfãs que eram entregues à Instituição. Antes da transferência para o bairro de Pau da Lima, 58 crianças eram mantidas no casarão no bairro da Calçada, antiga sede do Centro Espírita Caminho da Redenção. Após a transferência, em 1956, e com o desenrolar dos anos de muitas lutas e dedicação, novas crianças foram chegando, culminando num total de 685 crianças adotadas por Divaldo Franco e Nilson Pereira, todas criadas e educadas na Mansão do Caminho. O sistema de lares substitutos foi mantido por longos anos, encerrado com a emancipação dos filhos e após a orientação da benfeitora Joanna de Ângelis, elucidando a necessidade de formar um complexo educacional que acolhesse crianças e jovens, mas que os mantivesse vinculados à família, "considerando que esta é a base fundamental sobre a qual se ergue o imenso edifício da sociedade". (Franco 2015, 9)

Photo by Mansão do Caminho

Photo by Mansão do Caminho

Fincadas as raízes, novos rizomas sequenciaram-se, articulando a triangulação – educação, saúde integral e assistência social, em lídimas emulações do amor de Jesus na cidade de Salvador (BA) e na comunidade de Pau da Lima – mas ressoando em todo o mundo.

Nos dias atuais, a Mansão do Caminho, com as suas 40 edificações, dispostas em uma área de 78 mil m², recebe diariamente mais de 5 mil pessoas, que buscam auxílio material, educacional e espiritual. No departamento educacional, acolhe mais de 3 mil alunos, que iniciam a sua história de vida na Creche *A Manjedoura*, a partir de 4 meses de idade, podendo continuar até ao ensino médio, no *Colégio Nilson de Souza Pereira*, quando estão nas vésperas da maioridade civil. Nesse sentido, o percurso educacional é extenso e repleto de oportunidades e lições de cidadania para estas crianças e jovens: A Creche *A Manjedoura*, o Jardim de Infância *Esperança*, a Escola *Alvorada Nova* (pré-escola), a Escola *Allan Kardec*, a Escola *Jesus Cristo* – que inclui o fundamental I e II – e mais recentemente o *Colégio Nilson de Souza Pereira*, que é centrado no ensino médio. Ademais, a Instituição disponibiliza aos seus alunos várias atividades extraescolares. É o compromisso que o *Centro Socioassistencial Integrado Ana Franco* assume e desenvolve há anos, em turno oposto ao horário de aulas normais, através de cursos artísticos e profissionalizantes, sendo uma forma de enriquecer os horizontes de expectativas desses jovens, bem como de possibilitar-lhes capital cultural que amplie os seus repertórios, na busca pela vocação profissional.

Ressalta-se ainda, que o projeto educacional da Mansão do Caminho estende-se aos pais e/ou responsáveis pelas crianças e pelos jovens assistidos na Instituição,

visto que, por meio da Promoção Social *Casa de tia Dete,* são ofertados cursos profissionalizantes, de modo a possibilitar-lhes a inserção no mercado de trabalho, através do exercício de uma profissão. Psicopedagogas e psicólogas especialistas em educação são recorrentemente convidadas para conversas com os pais, sobre alguns assuntos educacionais mais palpitantes, estimulando-os, com fundamentos e metodologias, a acreditar na educação e no exercício da paciência e do exemplo como exitosas ferramentas educacionais.

"Ara, semeia, tece, afaga e ajuda... Mãos no trabalho são a prece muda",[2] eis a inspiração da veneranda Auta de Souza para o departamento de assistência social da Casa, nomeado, em sua homenagem, *Caravana Auta de Souza*. Na *Caravana Auta de Souza* são desenvolvidas atividades socorristas de auxílio diário a mais de 500 pessoas em estado de vulnerabilidade social, com patologias graves, idosos e gestantes. Com o auxílio substancial de vários voluntários, ocorre a periódica distribuição de farnéis com todos os itens necessários à alimentação digna de uma família; além do mais, sob orientação de um nutricionista, os assistidos almoçam na Instituição – são mais de 20 mil farnéis e mais de 60 mil pães distribuídos por ano. Os assistidos contam ainda com atendimento médico, odontológico, exames clínicos, laboratoriais, etc., e, nos casos das gestantes, recebem as provisões antes e depois do parto, até que a criança complete 4 meses, oferecendo condições para que a mãe possa amamentar o seu filho com saúde e amor.

Em períodos natalinos, a Caravana presenteia os assistidos com roupas e acessórios. Para isso, foi criada a *Loja Esperança*, que conta com um grande número de voluntárias que confeccionam, com controle de qualidade, um artesanato primoroso.

No que tange à saúde integral, o *Centro de Saúde Dr. José Carneiro de Campos*, nobre instrutor espiritual, é outro vetor de força e equilíbrio desse triângulo que compõe a Mansão do Caminho. Iniciou-se como um modesto "Posto Médico" e em pouco tempo transformou-se numa policlínica com várias especialidades e laboratório de análises clínicas, que prestam serviços de qualidade profissional inquestionável, tanto no aspecto técnico, como na abordagem humana e fraternal, que fazem uma grande diferença para quem carrega o pesado fardo do sofrimento causado pelas enfermidades. Com auxílio de voluntários e colaboradores, centenas de pessoas são atendidas diariamente nesse Centro de Saúde.

Mesmo diante de toda esta estrutura arquitetônica de alcance físico e espiritual dantesco que se tornou a Mansão do Caminho, cuja benemerência alcança desde a primeira infância à fase provecta, no final da primeira década dos anos 2000, Divaldo Franco trouxe à tona um singelo sonho que nutria: mudar a forma de nascer, isto é, atuar de forma direta na proteção dos direitos à integralidade da assistência à saúde materno-infantil, mediante auxílio pré-natal, laboratorial e ao parto e nascimento. Foi então que, em agosto de 2011, com o auxílio de muitos colaboradores da

2. Versos do poema *Mãos,* de Auta de Souza, psicografia de Francisco Cândido Xavier em Pedro Leopoldo (MG), no dia 24 de maio de 1954.

Mansão, o *Centro de Parto Normal Marieta de Souza Pereira* (homenagem à mãe de tio Nilson) foi inaugurado por Divaldo Franco, com seis quartos para partos e pós-partos naturais, ambiência humanizada e tecnologia de ponta, para assistência aos partos e aos nascimentos seguros, saudáveis. O primeiro nascimento, de uma menina, que recebeu o nome de Joana, foi em novembro do mesmo ano. Atualmente, realizando cerca de 180 partos por mês, o CPN já somou mais de 5 mil partos naturais e é uma referência na região. A realização deste sonho de Divaldo Franco recorda-nos uns versos de Rabindranath Tagore, em sua singular estesia: "Sonhei que sonhava... Amanhã já não sonharás porque o teu sonho já será...". (Franco 2014, 18)

A Mansão do Caminho é, portanto, este oásis de amor e caridade, fruto da união transcendental entre o mundo material e o espiritual, para propulsar-nos à evolução. E, conforme nos alertou, em mensagem psicofônica, o nobre cofundador da Instituição, Nilson Pereira, viemos à Terra "assinalados pela ternura de Jesus Cristo para ajudar a instalar o Reino de Deus nos corações".[3]

Photos by Mansão do Caminho

3. Mensagem psicofônica de Nilson de Souza Pereira recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 21 de novembro de 2016, na reunião mediúnica da Sociedade Espírita Esperança, em Amparo, SP.

Bibliografia

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2015. *Constelação familiar.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

FRANCO, Divaldo P. (Rabindranath Tagore, Espírito). 2014. *Estesia.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

REVISTA *Presença Espírita* – Edição Histórica de 70 anos do CECR. Set./Out 2017. Ano 43, n. 322.

SCHUBERT, Suely C. 2016. *O semeador de estrelas.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

WRIGHT, Fran. Maio/Junho, 2017. "Divaldo, uma suave brisa". *Revista Presença Espírita* – Edição Histórica de 90 anos de Divaldo Franco, Ano 43, 320: 132.

AUDITÓRIO
SUTA FRANCA

SAMUEL NUNES MAGALHÃES *

Plano Histórico

Andreyevich Ivanov, Christ's Appearance to Mary Magdalene after the Resurrection, detail,(1835)

* **Samuel Nunes Magalhães**
Escritor. Responsável pelas áreas de arquivo e museu da FEB. Fundador dos Centros de Documentação Espírita no Amazonas e em Pernambuco.

Maria Madalena
A Mensageira da **Ressurreição**

Resumo
Maria Madalena, há séculos, é retratada como a prostituta arrependida ou a companheira de Jesus. O presente estudo tem por fim mostrar, do ponto de vista histórico, e também, exegético, o quanto esses dois modelos fogem ao razoável, e destacar o caráter apostólico da Mensageira da Ressurreição. Valemo-nos, para tanto, em especial, dos evangelhos canônicos, de alguns apócrifos e manuscritos gnósticos. Dos canônicos, e em confronto com o sermão gregoriano – Homilia 33, examinamos todas as passagens evocadas para vincular à prostituição Maria Madalena. Das nossas análises, inclusive, acordes com as últimas posições vaticanas, resulta claro que nada há que arrime as teorias da prostituta arrependida ou da companheira de Jesus, impostas à Filha de Magdala. Concluímos, com fulcro nas fontes primárias conhecidas – as páginas dos quatro evangelhos –, que a venturosa Mensageira da Ressurreição, Maria Madalena, foi ardorosa discípula de Jesus e, Apóstola dos Apóstolos.

Palavras-chave Maria Madalena, Evangelho, Jesus, Ressurreição, Literatura Espírita.

"[...] Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! E contava as coisas que ele lhe dissera."
(João 20:11-18)

O estranho cortejo, de custosa e difícil descrição, avançava pelas estreitas e tortuosas ruas de Jerusalém. Não longe, a menos de um quilômetro, o Gólgota. Jesus fora condenado à crucificação – condenação injusta, resultante de toda a fereza humana, tecida de egoísmo, orgulho e vaidade – e, agora, depois de cruéis flagelações, sofreria a pena capital entre dois malfeitores confessos, unicamente pela coragem de viver o Amor Universal e proclamar o Reino dos Céus.

Numerosas vozes o apupavam, deitavam rudes impropérios, decerto, acumpliciadas de sombrios Espíritos. Algumas mulheres do povo, talvez beneficiárias de sua infinita bondade, lamentavam o seu imerecido infortúnio. Diluídos na multidão, seus discípulos a tudo assistiam, silentes, desolados, premidos de angustiosas incertezas.

Ainda não soara a hora terceira, assinala o texto marcano[1].

Jesus, exânime, cambaleia, apondo hiato à penosa marcha. Desumanos castigos, suportados desde a noite anterior, haviam-no extenuado fisicamente. É então, diz o evangelista[2], que os soldados romanos requisitam certo campônio de passagem, Simão Cireneu, constrangendo-o a levar o madeiro do Senhor até o Calvário[3].

Cumprida a ignominiosa sentença, multiplicam-se achaques e zombarias.

Os sacerdotes, escribas e anciãos, malgrado o convívio diário com as letras sagradas, desdenham, aquartelados em rígido exclusivismo: "A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que é, que desça agora da cruz e creremos nele!" (Mt 27:42)

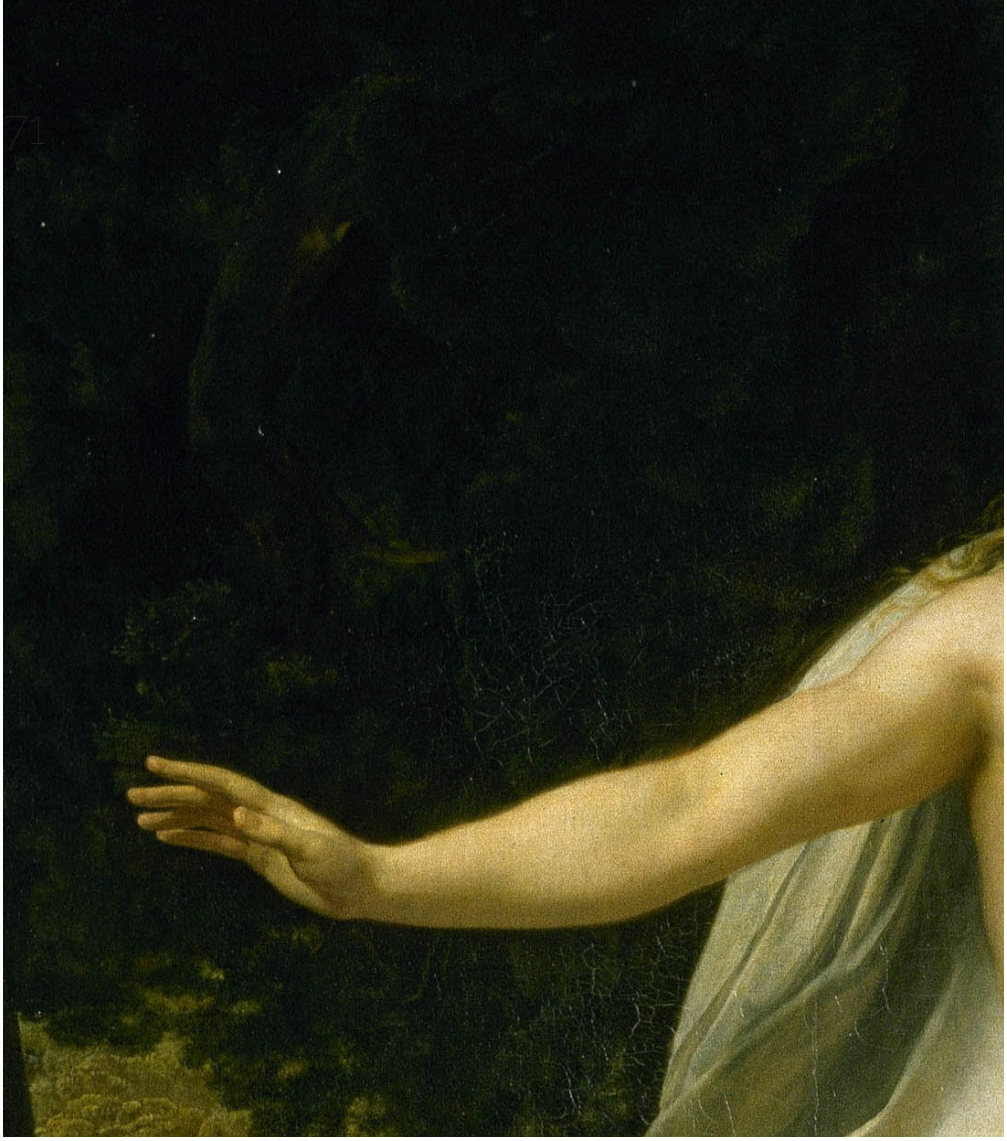
Os soldados oferecem-lhe vinagre para aplacar a sede torturante, e os ladrões, também ali crucificados, tratam-no com desdouro[4].

1. Marcos 15:25 diz que a crucificação ocorreu na terceira hora, i.e., às nove horas da manhã.

2. Mt 27:32-33; Mc 15:21-22; Lc 23:26. O *Evangelho de João* não registra o episódio de Simão Cireneu, e Marcos acrescenta que ele era pai de Alexandre e Rufo.

3. Os condenados à crucificação nos territórios romanos, dizem os registros históricos, depois de flagelados conduziam o madeiro – a barra horizontal da cruz – até o local da execução.

4. O *Evangelho de Nicodemos*, 9:5, apócrifo surgido pelo século III, anota que os ladrões se chamavam Dimas e Gestas. Nada obstante, adotada pelas igrejas cristãs, tal informação não consta dos livros do *Novo Testamento*.



Lucas escreve que gritavam: "Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!" (Lc 23:39)
O vulgo insciente, possuído de grave cegueira espiritual, desborda sarcasmos; meneando a cabeça, diziam: "Tu que destróis o templo e em três dias o edificais, salva-te a ti mesmo e desce da cruz, se és Filho de Deus!" (Mt 27:39-40)
De acanhados sentidos espirituais, corações ávidos das coisas mundanas, essa gente miúda – quadro vivo do homem fisiológico deste e doutros séculos – jazia incapaz de penetrar o âmago das palavras de Jesus. Mesmo aqueles que lhe foram adeptos, é sabido, mostravam-se, de contínuo, inaptos à imediata compreensão da sua *Excelsa Mensagem*.
Saciada do trágico, a multidão se dispersa. Afora os executores, poucos são vistos na cena da crucificação; e, em meio a esses, de corações confrangidos, alguns do círculo de Jesus: Maria, sua mãe e, perto dela, o discípulo amado; Maria, mulher de Clopas; e aquela que primeiro o veria *ressurrecto*, Maria Madalena[5].
Aproximava-se do clímax a Divina Epopeia!

5. Jo 19:25-26 e 20:11-18.

Maria Madalena a Filha de Magdala

Os narradores cristãos hão dedicado singular capítulo a Maria Madalena. Em dois milênios de cristianismo, nenhum outro personagem estimulou tanto a imaginação popular, a criatividade de artistas e escritores e o interesse dos estudiosos. Entretanto, do ponto de vista histórico, pouco se conhece a seu respeito. A escassez de registros datados do seu tempo e o passar incessante dos séculos, inclusive o de agora, têm ensejado vasto legendário, retratando-a ao sabor de anseios e crendices particulares. É preciso, pois, desvesti-la daquilo que não lhe pertence à memória – ou, pelo menos, daquilo que uma análise mais acurada ou a história não sancionam – para, quem sabe, visualizarmos com mais nitidez a filha de Magdala.

Tal cometimento – desvesti-la daquilo que não lhe pertence à memória – não é o fim deste artigo, dado o árduo caráter desta empreita e também a sua extrema vizinhança com o impossível, de sorte que, aqui, vamos abordar apenas aspectos essenciais à nossa propositura – destacar o papel apostólico da mensageira da ressurreição e mostrar o quanto existe de inverossímil nos ditos que circundam a sua personalidade – e, isto, *en passant*, deixando para amanhã mais funda imersão na vida de Maria Madalena.

6. Alguns estudiosos sugerem que a Maria da Carta aos Romanos, de Paulo, é Maria Madalena. Diz o apóstolo nas *Saudações Pessoais*, Rm 16:6: "Saudai Maria, que muito fez por vós."

Pietro da Cortona, Cristo appare a Maria Maddalena, detail, oil on canvas, (1640) Wikimedia Commons

Maria Madalena e os Evangelhos Canônicos

Os *Evangelhos Canônicos* constituem a fonte primária, e quase única, acerca de Maria Madalena, de vez que não a encontramos nos demais livros do *Novo Testamento*[6]. E mesmo essa fonte, ao contrário do cobiçado, é rasa de informações, citando-a uma única vez durante o labor messiânico de Jesus, em Lucas 8:1-3.

Testemunha da crucificação e da ressurreição e, certamente, de inúmeros outros episódios da vida do Celeste Enviado, Maria Madalena tornou-se um dos maiores ícones do Cristianismo. Do que nos falam os Sinóticos e o Joanino, ainda que tangenciais, inferimos que ela foi uma das mais fervorosas seguidoras do Cristo.

Ao noticiá-la em seu *Evangelho* – primeiro a fazê-lo – Lucas a nomina Maria Madalena. Assevera que dela foram expulsos sete demônios e que, com várias mulheres, as quais haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças, seguia a Jesus. Essas mulheres, ajuntou o apóstolo, serviam com os seus bens à Causa do *Carpinteiro Nazareno*. Eram elas, dentre muitas outras, Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, e Susana.

Nada obstante o laconismo de Lucas 8:1-3 – esteio do parágrafo anterior –, é daí, e daí tão somente, que vêm os poucos dados conhecidos de Maria Madalena.

Historiadores afirmam que o seu nome indica o lugar de onde provinha, a cidade de Magdala, localizada na margem ocidental do Mar da Galileia[7]. De porte razoável, cercada por alta muralha, a cidade possuía dois mercados de grãos, um aqueduto popular, um teatro em estilo grego e um hipódromo para corridas públicas,

7. Magdala localizava-se onde hoje está situada a cidade de *El Mejdel*.

com capacidade para dez mil pessoas. Importante centro pesqueiro, em algumas fontes bem antigas, é chamada de *Migdal Nunia – Torre do Peixe*. É muito provável, diz-se, que seja a *Tarichaea* de Guerra dos Judeus.[8]

De acordo ainda com o *Evangelho de Lucas,* no capítulo referido, Maria Madalena gozava de confortável situação econômica, provendo de recursos materiais o alvissareiro movimento de Jesus. De onde lhe vinha o dinheiro, não se sabe. Alguns pesquisadores sugerem que descendia de rica família ou que se havia casado com homem de largas posses. Nada, porém, há nos escritos bíblicos que arrime qualquer dessas hipóteses, sendo, de igual forma, enganoso, se não leviano, pensar-se que seus haveres advinham do meretrício – assunto atacado logo mais à frente, em trato específico –, e nunca ventilado nas páginas do *Novo Testamento* ou mesmo nos *Apócrifos.*

Maria Madalena, como dito, vivia sob o império de espíritos malévolos, recolhendo a cura das mãos augustas do Cristo de Deus. Desembaraçada da terrível possessão – dela saíram sete maus espíritos, o que, na cultura judaica, significava total submissão às entidades perturbadoras –, houve de se tornar discípula de Jesus, para, fiel, segui-lo até o Gólgota, e, mais tarde, em suprema ventura, vê-lo *ressurgido* no Jardim do Sepulcro. Disso nos dão conta as narrativas evangélicas, colocando-a no centro da *Paixão do Cristo* e no alvorejar do glorioso *Dia do Senhor.*[9]

Mateus, ao tratar da crucificação, escreve:

"E estavam ali olhando de longe muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia, servindo-o, entre as quais estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu." (Mt 27:55-56)

Marcos, em seus registros, anota:

"E também ali estavam algumas mulheres, olhando de longe, entre as quais também Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé, as quais também o seguiam e o serviam, quando estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém." (Mc 15:40-41)

Lucas, conquanto não decline as seguidoras no triste espetáculo, declara, certamente aludindo a Maria Madalena, Joana de Cuza, e Susana, dantes apresentadas em seu *Evangelho*, 8:1-3:

"E todos os seus conhecidos, e as mulheres que juntamente o haviam seguido desde a Galileia, estavam de longe vendo essas coisas." (Lc 23:49)

E João, o discípulo amado, vai mais além; coloca a si próprio e às mulheres junto ao Divino Crucificado:

"Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: Mulher, **eis aí o teu filho!** Depois, disse ao discípulo: **Eis aí a tua**

8. Obra do historiador judeu Flávio Josefo. Conforme Dicionário Bíblico de John L Mckenzie, Tarichaea seria o nome grego da cidade de Magdala.

9. Dia da ressurreição de Jesus. Domingo cristão, conforme Apocalipse 1:10.

mãe. E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa."[10] (Jo 19:25-27)
Maria Madalena, da mesma forma, assistiu ao derradeiro ato da *Paixão do Cristo.*
José de Arimateia, homem rico e influente, e que também aguardava o Reino de Deus, requisitara o corpo de Jesus a Pôncio Pilatos[11]. Atendida a sua solicitação, prestes, recolhe-o, envolve-o num limpo lençol e o deposita em um túmulo talhado na rocha, nunca antes utilizado[12]. Era o dia da *preparação*, e o sábado começava a luzir, observa o cronista da Boa-Nova[13]. Sentadas, defronte ao sepulcro, Maria Madalena e a outra Maria, diz Mateus. Marcos, análogo, apenas acrescenta que a outra Maria é a mãe de Joset. E Lucas, a exemplo da sua descrição do Gólgota, não particulariza as mulheres no local do sepultamento, afirmando, no entanto, que elas viajavam com Jesus desde a Galileia, incluindo, aí, seguramente, Maria Madalena[14].
E ao caminhar do terceiro dia, a contar da Cruz – *Dia do Senhor* – Maria Madalena ouve o mais belo cântico à Imortalidade da Alma, no terno chamado do Cristo Redivivo: **Maria!...**[15]

Maria Madalena e os Evangelhos Apócrifos

É nos chamados *Apócrifos* – aqui abarcados os textos cristãos não canônicos e os textos nascidos do gnosticismo[16] – que repousa a gênese da maioria das lendas em torno de Maria Madalena.
De reconhecida importância para o estudo dos costumes e crenças da época, todos esses escritos – concebidos quando as testemunhas oculares daqueles eventos e os seus ouvintes diretos já haviam desaparecido – têm pálido valor histórico. Devemos, pois, em razão dessa tardança e das diferenças conceituais entre as doutrinas cristã e gnóstica, escoimá-los daquilo que faleça a mais severo exame, reservando aos outros o direito ao contraditório, em louvor da Verdade.
O Evangelho de Tomé – desses, talvez o mais conhecido – é o que mais seduz, pela elevação dos seus axiomas. Composto de cento e catorze máximas atribuídas a Jesus – encontradiças nos Sinóticos, e não em João – prega a imperiosa necessidade do autoconhecimento, condição essencial à autorredenção.
Diferente dos canônicos, não relata casos de milagres, não descreve a *Paixão* ou a *Ressurreição* de Jesus. Em duas de suas sentenças, de maneira expressa, menciona uma mulher chamada Maria. Na última, de número 114, Pedro pede a Jesus: "Que Maria seja afastada de nós, pois as mulheres não são dignas da Vida."

10. Os *Evangelhos Sinóticos* ao registrarem a crucificação não mencionam a presença de Maria, mãe de Jesus, apenas relacionada no *Evangelho de João*.

11. José de Arimateia tornara-se discípulo de Jesus. No dizer dos apóstolos, aguardava o *Reino de Deus*.

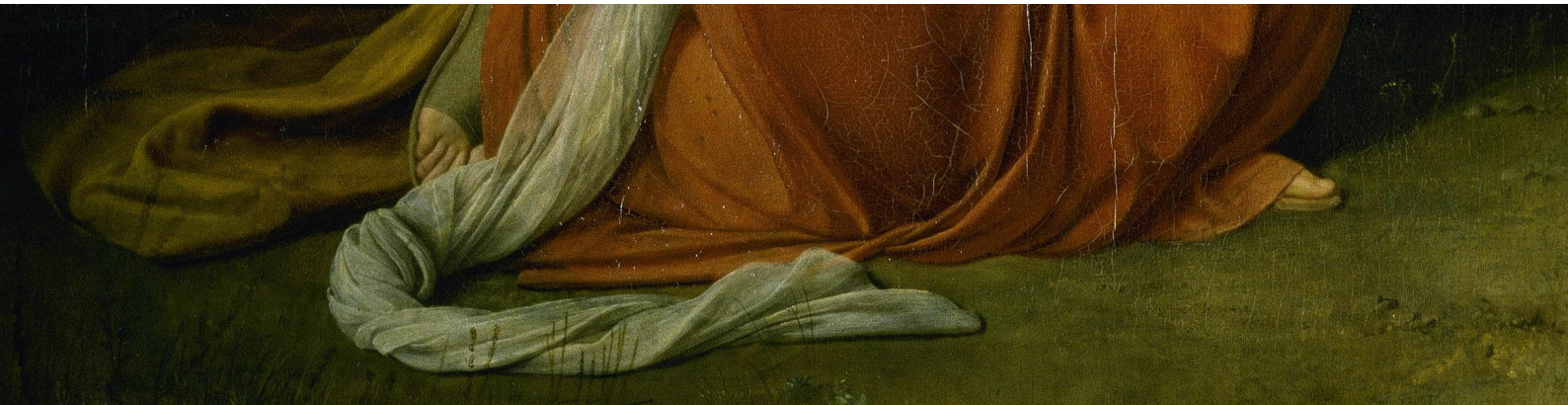
12. João 19:41 diz que o *jardim do sepulcro* ficava ali mesmo no Calvário.

13. Essa observação – começava a luzir –, encontrada somente em Lucas, é uma provável alusão ao hábito judaico de acender as lâmpadas no início do sábado, ou seja, ao anoitecer da sexta-feira.

14. Mt 27:59-61, Mc 15:45-47 e Lc 23:52-55.

15. Jo 20:16

16. Gnosticismo – movimento religioso surgido nos primeiros tempos do Cristianismo. Embora guarde muitos pontos de contato com a doutrina cristã, valendo-se de suas tradições e principais personagens, com ela colide ou diverge em vários de seus conceitos. Dizem os *gnósticos* que esses ensinos foram dados pelo *Cristo Ressuscitado*. Desde cedo, é declarado herético pela Igreja.



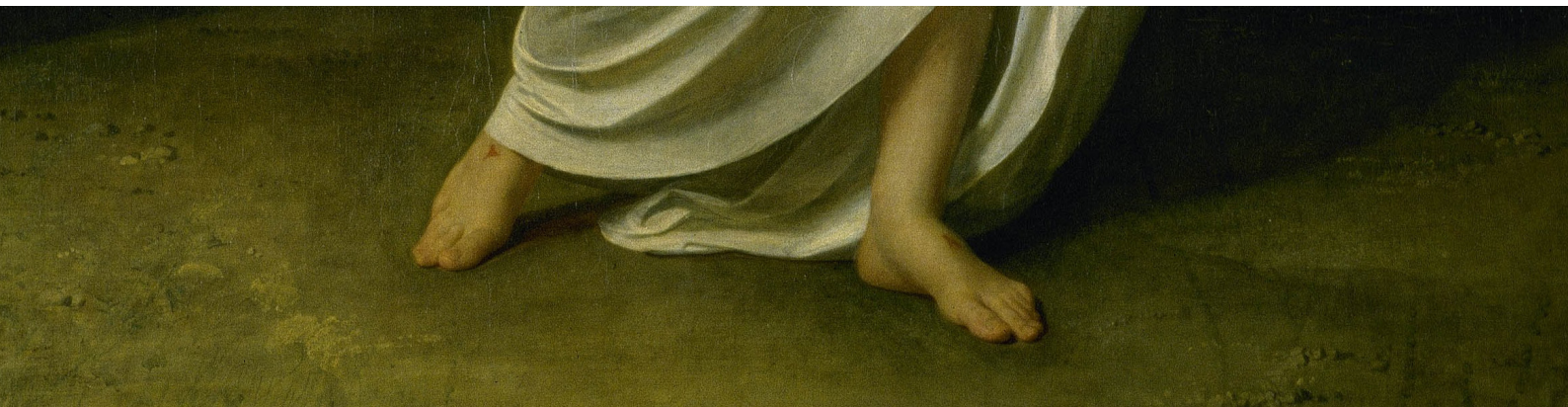
Mesmo presente quanto a mulher era crida inferior entre os hebreus, ou melhor, entre os povos de então, soa por demais hostil a manifestação de Simão Pedro. E o desapreço com que se reporta a Maria, leva-nos a crer, de par com outros tantos estudiosos, e o tomado de outros apócrifos, que, sim, Pedro se referia a Madalena. Isso, porém, é apenas diminuta expressão do que encontramos nos papiros gnósticos. Em especial, e de maneira amiudada, conferem relevante papel a Maria Madalena, às vezes, dizendo-a superior ao Colégio dos Doze.

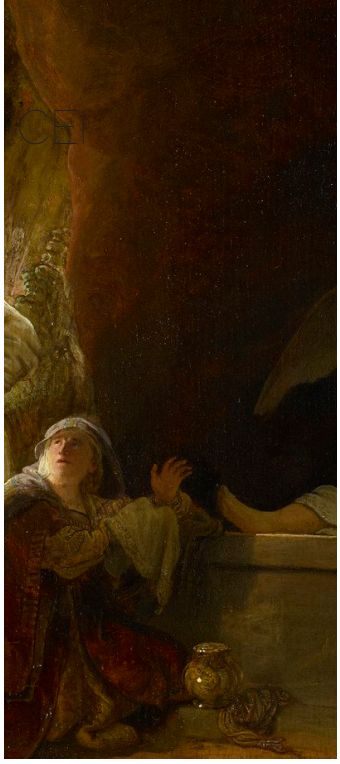
O *Diálogo do Salvador*, talvez o mais antigo apócrifo de feitio dialógico, distingue-a com a autoria de conhecidas máximas do *Novo Testamento*, como a que adverte: "a cada dia basta o seu fardo." (Mt 6:34); e a que assegura: "Quem trabalha merece comer." (Lc 10:7) Em síntese, digamos, mostraria o caminho à salvação ensinado por Jesus a Maria Madalena.

Outro desses pergaminhos, o *Pistis Sophia*, traz longo diálogo com destaque para Maria Madalena. Teria dito Jesus: "Bendita sejas tu, Maria, tu que eu completarei com todos os mistérios do alto; fala abertamente, pois és alguém cujo coração está voltado para o reino dos céus mais do que qualquer outro dos teus irmãos. [...] És bendita entre todas as mulheres da terra, porque serás a inteireza das inteirezas e a completude das completudes." Aqui, como noutras horas, Madalena é feita superior aos Apóstolos.

O *Evangelho de Maria Madalena*, em sua segunda parte, fala que estando os discípulos inconsoláveis com a partida de Jesus, Madalena, em nobre postura espiritual, erguendo-se, cumprimenta-os, exortando: "Não choreis, nem lamenteis, nem tenhais dúvidas, pois a graça d'Ele estará convosco e vos protegerá. Em vez disso, louvemos a sua grandeza, pois Ele nos preparou e nos fez verdadeiramente humanos". E, após mais ouvi-la, à instância dos próprios discípulos, André e Pedro dizem não acreditar em suas palavras. É então que replica Levi: "Pedro, sempre foste exaltado. Agora te vejo discutindo com essa mulher como se ela fosse teu adversário. Se o Salvador a considerou digna, quem és para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Por isso a amou mais do que a todos nós". Em seguida, ao fim dessas conversas, os discípulos saem para anunciar a *Boa Nova*.

Quanto ao *Evangelho de Filipe*, este é, para muitos, o mais polêmico achado de Nag Hammadi. Carregado de argumentos teológicos, declarações metafóricas e confusas parábolas, é obra abstrusa, e mais do que qualquer outro apócrifo conhecido, dá azo a insinuações de vínculo conjugal entre Jesus e Maria Madalena. Vítima de





fundas lacerações – rasgos de longa erosão sofrida –, o que muito empana o seu legítimo sentido, há sido usado para modelar fictícias imagens de Maria Madalena, a exemplo do exibido no best-seller, *O Código Da Vinci*, do escritor norte-americano Daniel Gerhard Brown.
Eis duas de suas passagens que servem a esse propósito. A primeira, diz: "Havia três que sempre acompanhavam o Senhor: Maria sua mãe e sua irmã, e Madalena, aquela que era chamada sua companheira. Sua irmã, sua mãe e sua companheira se chamavam todas Maria". E a segunda, traz: "E a companheira do [rasura] Maria Madalena. [rasura] mais que [rasura] os discípulos [rasura] beijá-la [rasura] na [rasura]".
Aos que desejem mais saber acerca do tema Maria Madalena e os *Evangelhos Apócrifos*, o que não cabe expor nestas poucas laudas, aconselhamos visitar outros pergaminhos, e a leitura *in totum* do *Evangelho de Tomé*, d'*O Diálogo do Salvador*, do *Evangelho de Filipe*, do *Pistis Sophia*, do *Evangelho de Maria*[17].

Retratos de Maria Madalena

Precisar o início do lendário madaleno, não há como fazê-lo. O conjunto de apócrifos cristãos e gnósticos, e alguns escritos de pais da Igreja Antiga, por outro lado, atestam que essas lendas, em maioria, nasceram ainda ao tempo do Cristianismo Primitivo.
Tertuliano de Cartago, no século terceiro, em seu tratado *De pudicitia*, fundiu em uma só pessoa *a pecadora em casa de Simão, o Fariseu, Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, e Maria Madalena*. De razões duvidosas, e sem amparo histórico, a sua teoria seria refutada por Irineu de Lyon e Orígenes de Alexandria[18].
Mais tarde, evocando essa questão, e tratando a pecadora como prostituta, o Papa Gregório Magno reeditaria Tertuliano de Cartago, no século VI[19].

Maria Madalena, a Pecadora e Maria de Betânia

O responsável histórico pela confusão entre a *Pecadora, Maria de Betânia* e *Maria Madalena* foi Gregório Magno, em sua *Homilia 33*. Voz oficial da igreja católica, disse o Papa, a 14 de setembro de 591, na Basílica de São Clemente, em Roma:
"Aquela que Lucas chama de pecadora, que João chama de Maria, cremos que seja a Maria, da qual se expulsaram sete demônios, de acordo com Marcos. E o que esses sete demônios significam, se não todos os vícios? (...) Fica claro, meus irmãos, que a mulher antes usava o unguento para perfumar sua própria pele para os atos proibidos. O que ela antes usava de forma escandalosa, agora oferece a Deus em louvor. Cobiçou com os olhos terrenos, mas agora, pela penitência, esses mesmos olhos se consomem em lágrimas. Arrumava os cabelos para emoldurar o rosto, mas agora seus cabelos secam suas próprias lágrimas. Antes falava com orgulho, mas agora beija os pés do Senhor, toca com os lábios os pés do Redentor. Para cada prazer, portanto, voltado apenas para si, ela agora se imola. Transforma to-

17. O *Evangelho de Tomé, O Diálogo do Salvador* e o *Evangelho de Filipe* compõem a Biblioteca de Nag Hammadi, formada por um conjunto de tratados gnósticos datados dos séculos III d.C. e IV d.C. Escritos em língua copta, foram encontrados próximo à cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito, em 1945. Estudiosos acreditam que seus originais surgiram a partir de meados do século II d.C.
O *Pistis Sophia* e o *Evangelho de Maria Madalena*, descobertos, respectivamente, nos séculos XVIII e XIX, não faziam parte da Biblioteca de Nag Hammadi. Do *Evangelho de Maria* existe, em grego, um papiro do século III, e uma tradução *copta* do século V. Data, segundo estudiosos, do século II.

18. Tertuliano de Cartago (150-222), Irineu de Lyon (130-202), Orígenes de Alexandria (184-253) – teólogos e escritores cristãos, Padres da Igreja Primitiva.

19. Gregório Magno ou Gregório, o Grande. Papa de 03/09/590 a 12/03/604.

REMBRANDT VAN RIJN, Christ and St Mary Magdalen at the Tomb, detail,(1638) Wikimedia Commons

dos os seus crimes em virtudes, para servir a Deus com tanto espírito de penitência, quanto antes desprezava a Deus"[20] (Haskins 1993, 96)

Gregório Magno, em suas alegações, recorre a cenas da unção de Jesus, em Lucas e João, e da sua aparição no Jardim do Sepulcro, em Marcos, para criar a mais famosa caricatura de Maria Madalena. A princípio, tímido – "cremos que seja", para depois subir o tom – "fica claro, meus irmãos", vai urdindo grosseira estampa, tecendo-a com fios inarmônicos, sob a qual tenta ocultar, e mais, desfigurar, a *Mensageira da Ressurreição*. Analisemos, sem paixões, e senso lógico, o que dizem os *Evangelhos*.

Lucas 7:36-50:

"Um fariseu convidou-o a comer com ele. Jesus entrou, pois, na casa do fariseu e reclinou-se à mesa. Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. E, ficando por detrás, aos pés dele, chorava; e com as lágrimas começou a lhe banhar os pés, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume. Vendo isso, o fariseu que o havia convidado pôs-se a refletir: Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora! (...) Ele, porém, disse à mulher: Tua fé te salvou; vai em paz."

Lucas 8:1-3: "Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças; Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens."

João 12:1-8: "Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então, Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo. (...)."

Marcos 16:9-20: "Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. (...) Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus. E eles saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio de sinais que a acompanhavam."

Lucas 7:36-50 não nos permite dar nome à pecadora e, muito menos, identificá-la como Maria Madalena, apresentada em Lucas 8:1-3. À simples leitura dessas duas passagens, há-se de convir, conclui-se que caso a *pecadora* fosse Maria Madalena, Lucas a teria nomeado ainda em Lucas 7:36-50. Ademais, mesmo admitido, por algum ilogismo, o contrário – *a pecadora* é *Maria Madalena* – a palavra *pecadora* não é sinônima de *prostituta*. Pecador, na lei judaica, seria todo alguém que adorasse outros deuses, comesse fermento na festa dos ázimos ou não guardasse o sábado, simplesmente; enfim, alguém que de algum modo ferisse a lei de Moisés.

20. O texto original, em latim, se encontra em J.P.Migne, *Patrologia Latina*, XXXVI, col. 1239 – Nota de Bart D. Ehrman, em seu livro *Pedro, Paulo e Maria Madalena*.

Rembrandt, Christ Appearing to Mary Magdalene, oil on canvas, detail,(1651) Wikimedia

Ainda do cotejo desses versículos, Lucas 7:36-50 e Lucas 8:1-3, emerge mais uma evidência de que a *mulher pecadora* não é Maria Madalena.
Lucas 7:37 diz que a *pecadora* era uma *mulher da cidade*, e ao que nos parece, não fora convidada por Simão, o Fariseu. Isso, contudo – *não fora convidada* –, nada tem de estranho, já que entre os judeus um banquete particular podia assumir o caráter de festa pública. Nessas ocasiões, diz a cultura hebraica, os curiosos podiam circular em torno da mesa de refeições, sem suscitar desagrado aos convivas ou anfitriões[21].
Simão, o Fariseu, dizem eruditos, vivia em Naim ou Cafarnaum. Maria Madalena, o sabemos, vivia em Magdala. Aliás, é devido a isso que a chamavam Maria Madalena ou Maria de Magdala. Infere-se, então, com reduzida margem a enganos, que a *mulher pecadora*, na casa de Simão, vivesse o fariseu em Naim ou Cafarnaum, não seria Maria Madalena.
Outra tese se nos apresenta, quando pareamos Lucas 7:36-50 e João 12:1-8: A *mulher pecadora* não é Maria de Betânia.
Simão, o Fariseu, como vimos, vivia em Naim ou Cafarnaum. Marta, Maria e Lázaro, em Betânia. Logo, parece-nos, e a outros exegetas, dissertam sobre eventos diferentes; um se teria passado na Galileia, o outro, na Judeia.
De mais a mais, Lucas sugere que a reunião em casa de Simão, o Fariseu – "a mulher pecadora unge Jesus" – aconteceu bem antes da crucificação, dado que: "Depois disso, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus" (Lc 8:1). E João noticia que a ceia na casa dos irmãos de Betânia – "Maria de Betânia unge Jesus" – ocorreu somente "seis dias antes da Páscoa" (Jo 12:1), quando muito próxima estava a hora extrema do *Gólgota*. O lapso temporal entre as duas ocorrências, indicado pelos textos, reforça a teoria de que se referem a ocasiões distintas, restando patente que a mulher pecadora também não é Maria de Betânia[22].
Marcos, fora do cerne da *Homilia*, é citado apenas para trazer Maria Madalena.
O trecho usado no sermão de Gregório Magno – "Maria, da qual se expulsaram sete demônios" – foi retirado de Marcos 16:9-20, quando o evangelista discorre sobre as "Aparições de Jesus". Melhor seria, pensamos, que o sumo pontífice se tivesse valido de Lucas 8:1-3. É aí que os *Evangelhos* dão a conhecer, em primeira mão, a mulher da qual foram expulsos sete demônios. Isto, por certo, não lhe convinha; deporia contra a sua frágil argumentação, mostrando-a incongruente, sem qualquer cabimento; a *pecadora* não seria Maria Madalena.
Ante o aqui exposto, alguém, mais atento, poderia alegar que a preferência de Gregório Magno por João Marcos, ao enunciar Maria Madalena, deveu-se ao fato de que foi este quem a revelou como "a mulher da qual saíram sete demônios", pois o seu *Evangelho* antecede o de Lucas[23].
Devemos considerar, porém, que os doze últimos versículos do segundo *Evangelho* – 16:9-20, não foram escritos por Marcos. Alguns dos melhores manuscritos da antiguidade – gregos, latinos, siríacos – não os trazem, terminando o *Evangelho*, de maneira abrupta, em Marcos 16:8. Isso, porém, não retira o caráter canônico desses versículos, compostos,

Bartolomé Murillo, Mary Magdalene", oil on canvas details, (1650-55), Wikimedia

sem dúvida, a partir do que se acha em Mateus, Lucas e João.

De qualquer forma, mesmo que o final primitivo fosse além de Marcos 16:8, é muito pouco provável que trouxesse Madalena como "a mulher da qual saíram sete demônios", visto que, logo antes, Marcos 15:40, Marcos 15:47 e Marcos 16:1 citam-na apenas como Maria Madalena. Além do mais, é estranhável, Marcos 16:9-20 esquece completamente as mulheres que com ela estavam "naquela madrugada do primeiro dia da semana", tendo-as já relacionado em Marcos 16:1-8. Marcos, pois, não teve a primazia da história de Maria Madalena[24].

Ainda sobre os textos em apreço, faz-se oportuno falarmos da relação de Jesus com *a mulher pecadora* e *Maria de Betânia.*

Lucas 7:36-50, em várias partes, deixa claro que a mulher pecadora não era conhecida de Jesus. Simão, o Fariseu, conta o *Evangelho*, ao refletir sobre as atitudes da mulher, em sua casa, diz a si próprio: "Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!" Jesus, então, devassando-lhe o pensamento, oferece-lhe breve lição sobre amor e perdão, dizendo, em seguida, à mulher: "Teus pecados estão perdoados". E, depois, ao fim, mostrando que não havia laços sociais mais estreitos entre a mulher e aquele grupo de convivas, do qual ele fazia parte, naquele instante, apenas a despede, embora com doçura e amabilidade: "Tua fé te salvou, vai em paz".

Maria de Betânia, ao contrário, atestam diversas passagens dos *Evangelhos*, pertencia ao grupo de amigos pessoais de Jesus. Dessas passagens, em nossa opinião, a mais eloquente é João 11:1-44. Diz as suas linhas: "Havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: Senhor, aquele que amas está doente. (...) Ora, Jesus amava Marta, e sua irmã Maria, e Lázaro". Ao receber a notícia, Jesus fora para a Judeia. Marta, ao saber que ele chegara, saiu a procurá-lo. Jesus a consola, o seu irmão ressuscitaria. Marta, então, continua o *Evangelho*: "Tendo dito isto, afastou-se e chamou sua irmã Maria, dizendo baixinho: O Senhor chegou e te chama! Esta, ouvindo isso, ergueu-se logo e foi ao seu encontro. (...) Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se em espírito e comoveu-se. (...) Disseram, então, os judeus: Vede como ele o amava! (...) Jesus chorou!"

Os versículos acima, ainda que existam outros, bastam como prova dos fraternos vínculos entre Jesus e os irmãos da Betânia. Vindo, de imediato, em socorro a Lázaro, Jesus o devolve à vida, em ato de puro Amor.

E não é só isso!

Ele chora!... É extraordinário!...

Do que trazem os *Evangelhos*, Jesus chora em duas ocasiões: à vista das futuras dores de Jerusalém, que lhe desconhecera a mensagem de paz, e por isso sofreria[25], e do pranto de Maria, irmã de Lázaro[26].

A *mulher pecadora*, de igual modo, é objeto da sua atenção, é alvo do seu infinito amor; dele, todos o somos; mas não é Maria de Betânia. Também não é Maria Madalena, e Maria Madalena não é Maria de Betânia. É o que rezam os *Evangelhos*!

21. Veja-se, por exemplo, Mc 2:15-17 e Lc 14:1-6.

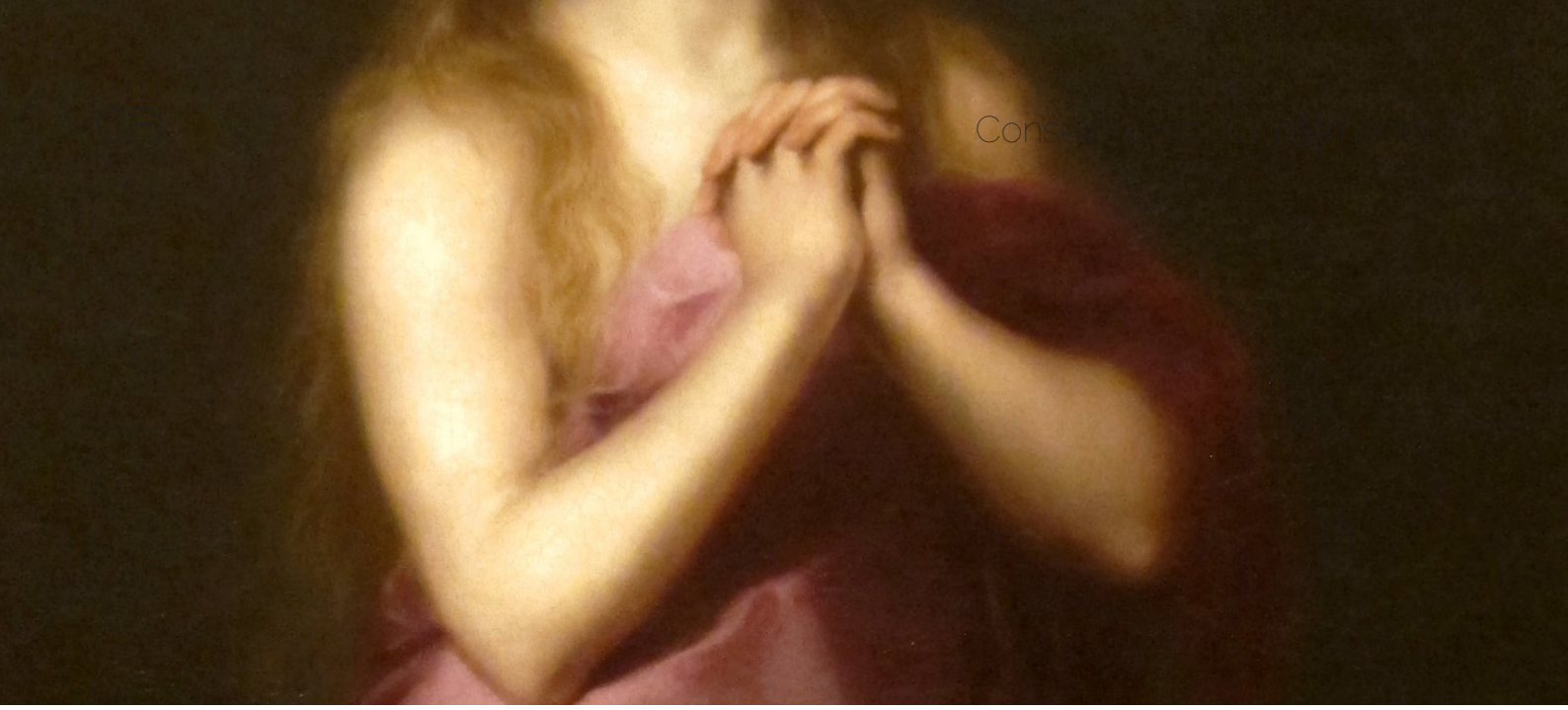
22. Mt 26:6-13 e Mc 14:1-9 parecem tratar a mesma ocorrência, porém, situando-a na casa de Simão, o Leproso, em Betânia, a dois dias da *Páscoa*.

23. Não há consenso sobre essa questão, existem várias teorias. Muitos estudiosos acreditam que o primeiro *Evangelho* é o de Mateus. Somente Lucas e Marcos falam da expulsão de demônios de Maria Madalena.

24. A Bíblia de Jerusalém diz que o fecho atual era conhecido por Taciano e Irineu de Lyon, no século II.

25. Lc 19:41-44 – *Lamentação sobre Jerusalém*.

26. Lc 10:38-42 – Jesus, noutra ocasião, vai à casa dos irmãos de Betânia. É quando diz a Marta: "Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada."



Maria Madalena e a Mulher Adúltera

A *Mulher Adúltera* é outro capítulo no lendário de Maria Madalena.
Das mais citadas por clérigos e leigos cristãos, a narrativa a seu respeito é exclusiva de João 8:1-11.
Estando Jesus no Templo, conta o *Evangelho*, os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher apanhada em adultério, colocando-a no meio de todos, e dizendo: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois, que dizes? Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. E como insistissem na pergunta, levantando-se, exclamou: Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!" E todos se foram, diz o texto, deixando-o sozinho com a mulher. Então, sem tom de censura, e terno, aconselhou-a: "Vai, e de agora em diante não tornes a pecar."
Aqui vemos escribas e fariseus, outra vez, propondo situações delicadas a Jesus. Com isto, esperavam que contrariasse a sua própria doutrina ou, mais ainda, a lei mosaica; buscavam incriminá-lo, para o prender e entregá-lo ao Sinédrio.
Aliás, alguns pontos cardeais do código legal judaico, não aparecem no relato.
O apedrejamento não deveria ser antes autorizado pelos Juízes do Templo? E o que fizeram do homem que com a mulher adulterou, sequer mencionado? Afinal, diz o Levítico 20:10: "Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, serão mortos o adúltero e a adúltera"[27].
Jesus, chamado a opinar, não a condena; escreve na terra, diz o evangelista. Manuscritos antigos, de pouca aceitação, dizem que ele anotava os pecados de cada um dos acusadores, os quais saíram um após outro, a começar dos mais velhos.
E qual o vínculo histórico entre a *mulher adúltera* e Maria Madalena?
Histórico, nenhum! Com efeito, a *mulher adúltera* é uma bela lição, é sopro de consolo e esperança; mas não guarda vínculo pessoal com Maria Madalena.
Há outra questão dessa perícope, que merece destaque.

27. Vide Dt 22:22.

Embora não se discuta o seu caráter canônico e valor histórico, e ainda que se trate de genuíno incidente na vida de Jesus, a história da *mulher adúltera* não é parte original do *Evangelho de João*. Os melhores e mais antigos manuscritos, e alguns Padres da Igreja – Clemente de Alexandria, Irineu de Lyon, Orígenes de Alexandria, Tertuliano de Cartago – a omitem em sua inteireza.

Em onze desses manuscritos, vamos achá-la no fim do *Evangelho de João* e, noutros, depois de Lucas 21:38. Hoje, a maior parte das traduções bíblicas, em todas as línguas, tratam-na como interpolação, trazendo-a entre colchetes, e notando-a em rodapé. A sua tardia estreia no cânone, e seu hálito divinal, faz-nos lembrar João 21:25: "Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam."

Maria Madalena e a Legenda Áurea

Venerada na cristandade primitiva – Hipólito de Roma a chamava de Apóstola dos Apóstolos[28] –, Maria Madalena teria o seu nome ligado à prostituição, em virtude da falsa ilação do Papa Gregório Magno, na Basílica de São Clemente, em Roma.[29]

A fusão das três mulheres em sua *Homilia*, posto que reconhecido equívoco, aos poucos deitou raízes no imaginário popular e no seio clerical, varando as fronteiras do círculo catolicista, para inundar o pensamento ocidental.

A *Legenda Áurea* ou *Lenda Dourada*[30], de Jacopo de Varazze[31], o mais famoso tratado cristão de hagiografias, sofre-lhe sentida influência, como toda produção medieval que se deteve em Maria Madalena, apresentando-a como uma prostituta arrependida, a qual se fizera casta, e consagrara-se a Deus.

A *Legenda*, concebida na segunda metade do século XIII[32], para servir de apoio aos sermonários, subsidia-se em fontes eruditas, em textos apócrifos, nas tradições orais, na cultura céltica, e nas ideias do seu autor, alcançando imediato sucesso na Itália e, logo a seguir, em toda a Europa.

Maria Madalena na *Legenda Áurea* é Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro[33]. Herdeira de vastas riquezas paternas, as quais a eximiam do trabalho obrigatório, e dotada de rara beleza e frescor sensual, Madalena entregara-se às volúpias carnais, para, só adiante, em santo despertar, tornar-se ardorosa seguidora de Jesus Cristo.

Diz Varazze que passados catorze anos da Ascensão do Senhor, Madalena, seus irmãos Marta e Lázaro, e muitos outros cristãos, por ocasião da dispersão evangelizadora, foram acusados e colocados em um barco à deriva para que perecessem no Mediterrâneo. Mas, contrariando esses prognósticos, chegaram ao porto de Marselha, no Sul da França. Ali, nos pórticos do templo local, onde se abrigaram, Madalena começa a pregar o *Evangelho*.

Varazze, parágrafo a parágrafo, vai narrando *milagres* de Maria Madalena.

A certa altura, escreve que a esposa do governador da província mor-

28. Hipólito de Roma (170-236) – Discípulo de Irineu de Lyon, e um dos mais importantes teólogos na Igreja Antiga de Roma, no século III.

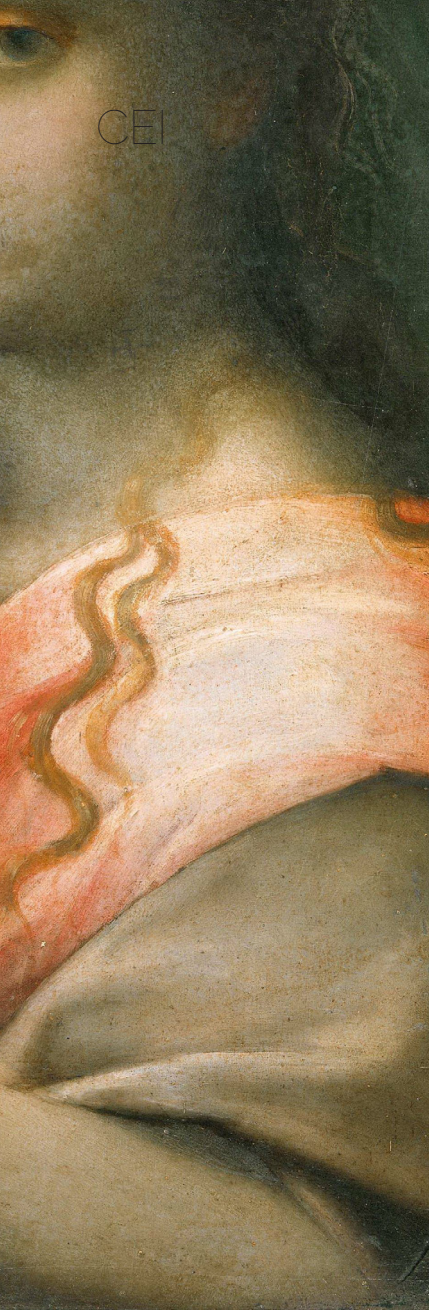
29. A Igreja do Oriente nunca aceitou as conclusões da *Homilia 33,* de Gregório Magno. Sempre considerou Maria Madalena como grande ícone do Cristianismo Primitivo.

30. Durante quase três séculos, depois de sua composição original, foi acrescida por outras mãos, guardando, porém, a autoria primeira.

31. Jacopo de Varazze (1226 – 1298) – Frade dominicano da Ordem dos Pregadores, Arcebispo de Gênova, Itália, nomeado pelo Papa Nicolau IV, em 1292.

32. Sobre a exata data em que a obra foi escrita, não há consenso. Especialistas dizem que se deu entre os anos de 1250 e 1270.

33. A Legenda Áurea diz que os irmãos de Betânia eram filhos de Ciro e Eucária. O pai deles fora governador da Síria. Nada há de histórico que arrime tal suposição, cremos seja criação fictícia de Jacopo de Varazze.



Andreyevich Ivanov, Christ's Appearance to Mary Magdalene after the Resurrection, detail.(1858)

rera ao dar à luz um menino, quando estavam a caminho de Roma. Os tripulantes do navio, temendo que aquilo pudesse trazer má sorte à viagem, quiseram jogá-la ao mar, com a criança. A rogos do governador, em agudo sofrimento, deixaram-nos, a mãe e o filho, em ilhota que divisaram a pouca distância, lastimando-se este por haver conhecido Maria Madalena.

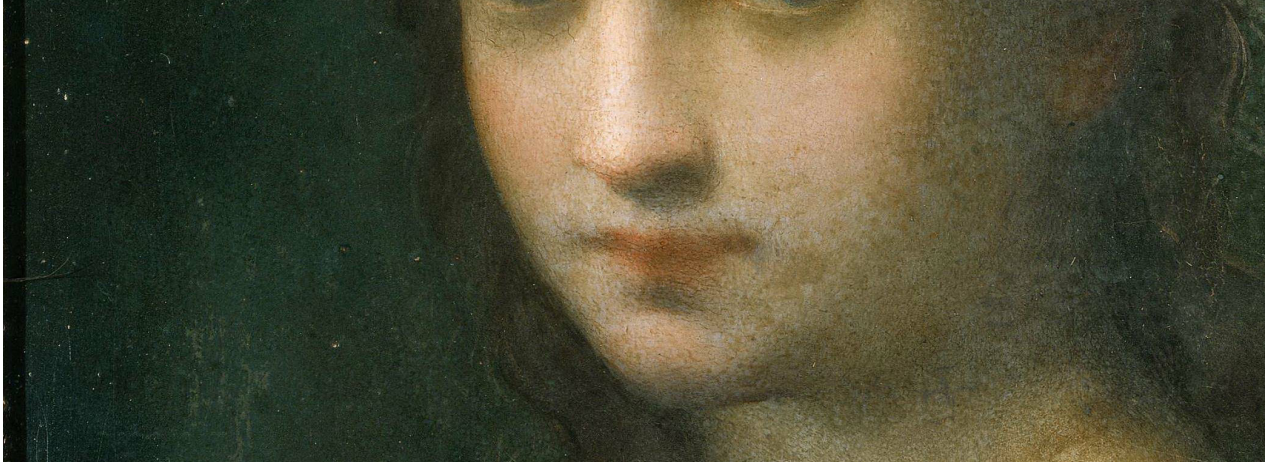
Dois anos após a trágica desdita, ao retornar de sua visita a Simão Pedro, em Roma, o governador resolveu passar onde deixara os corpos de sua mulher e de seu filho pequeno. Ao chegar à ilha, diz a crônica, a criança brincava na praia e, ao vê-los, assustada, correu para junto da mãe, sugando-lhe o peito, buscando esconder-se sob o manto que a protegia. Admirado, feliz, e também pesaroso ante a cena encontrada, o governador, tomado de emoção, fala: "Ó bem-aventurada Maria Madalena! Como seria feliz se minha esposa ressuscitasse e pudesse regressar comigo à nossa terra natal!" E, nesse exato instante, a mulher despertou, como de suave repouso, tornando a falar o governador: "Você é plena de méritos, bem-aventurada Maria Madalena!"

Em outro passo do texto, novo relato chama a atenção, pelo absoluto despropósito; então, há muito, tornara à vida espiritual Maria Madalena.

Conta-se que morrera em combate um soldado que todos os anos visitava as relíquias de Maria Madalena. Durante o enterro, enquanto seus pais a ela se queixavam, alegando que permitira a morte do filho sem que lhe fosse tomada a confissão, o soldado ressuscitou, confessou-se ao sacerdote, tomou o viático e morreu novamente, de imediato.

É difícil crer em casos tão fantásticos; aliás, é mesmo impossível! É difícil crer na Maria Madalena de Jacopo de Varazze!

A *Legenda Áurea*, dissociada da história, embora tenha servido a fé católica, muito tem contribuído para perpetuar, e mesmo, estimular, lendas em torno da filha de Magdala. Aliada às tradições gnósticas, aos apócrifos cristãos e à *Homilia 33*, há inspirado, desde os idos medievos, a pintura e a escultura sacras ocidentais, assim como, nos mesmos temas, a música, o teatro, a literatura e a arquitetura, talhando fantasiosas imagens de Maria Madalena. De longo fôlego, o lendário madaleno tem vencido os séculos, e no que passa, não é de menor relevo; tem surgido sob novas configurações e ocupado largo espaço, tal o fascínio que exerce no contemporâneo. Ao dobrar-se e desdobrar-se, em seu lendário, Madalena flutua de cortesã à santa milagreira, de apóstola cristã à prostituta arrependida, de mulher adúltera à esposa de Jesus.



Maria Madalena no Contemporâneo

Tocado desse fascínio, em parceria com a literatura, de quem toma empréstimos, o cinema tem mostrado algumas das inúmeras plásticas, inclusive, do agora, a que hão submetido Maria Madalena.

Em 1973, *Jesus Cristo Superstar*, de Lloyd Andrew e Tim Rice, dirigido pelo canadense Norman Jewison, apresenta-a na feição de *prostituta arrependida*, que ainda nutre ardentes desejos por Jesus. De forma quase análoga, Martin Scorcese, em 1989, lança *A Última Tentação de Cristo*. Aqui, Maria Madalena também aparece como uma prostituta, a qual arrependida, fizera-se seguidora do Cristo. O inusitado do filme é a visão do crucificado: Jesus desce da cruz, casa-se com Madalena, que por sua culpa se prostituíra, e quando esta morre, casa-se com Maria de Betânia.

Citemos o filme em que figura Maria Madalena, *O Código Da Vinci*, de 2006. Baseado na obra homônima do escritor estadunidense, Dan Brown, com roteiro de Akiva Goldsman e direção de Ron Howard, apresenta Maria Madalena como mulher de Jesus. O filme não é histórico, como muitos supõem; contém muitas incorreções, a exemplo da menção de que os *Manuscritos do Mar Morto* incluem *Evangelhos* que falam de Jesus ou Maria Madalena, e, que o *Evangelho de Filipe* diz que Madalena é esposa de Jesus. Como entretenimento, o sucesso alcançado, o legitima. Contudo, é notório o desserviço que presta à memória dos seus personagens, sobretudo, a Jesus e a Maria Madalena. Mixórdia do que há nalguns apócrifos, ainda assim, deles se afastando, bem como do que dizem os *Evangelhos Canônicos* e narra a *Legenda Áurea*, a Madalena de Dan Brown é ente de ficção, ainda que flerte com a real Maria Madalena.

Em 2018, também desassistido do sinete histórico, tivemos o mais recente filme sobre Maria Madalena. Dirigido pelo australiano Garth Davis, o filme, que leva o nome da sua protagonista, não a mostra como a *prostituta arrependida* ou como a mulher de Jesus, mas como sua Apóstola.

Helen Edmundson e Philippa Goslett – roteiristas assinantes – em livres criações artísticas, moldam caricatas imagens dos Apóstolos, de Jesus, de Maria Madalena. Achegando-se aos textos canônicos, sem guardar-lhes fidelidade – Lucas 8:2 é encenado em tons diferentes do registrado pelo Evangelista; e seletas apócrifas, extraídas do *Evangelho de Maria*, cujos diálogos se teriam passado após a crucificação, trazem algo dos costumes judaicos, não oferecendo, contudo, a melhor silhueta de Maria Madalena.

Maria Madalena, assim, em nossos dias, continua envolta nas lendas medievais, fincada nos mitos modernos, e presa à *Homilia 33*, de Gregório Magno.

Maria Madalena e a Literatura Espírita

A literatura espírita, o mais das vezes, há repetido o arquétipo da *prostituta arrependida*, ao referir-se a Maria Madalena.

Os estudos históricos do cristianismo primitivo, em nosso meio, são ainda escassos, pontuais e, muitas vezes, epidérmicos. Em subsídio ao assunto, importa saber, há grande oferta de boas obras no mercado editorial, fruto da longa porfia de consagrados pesquisadores. Maria Madalena, note-se, mesmo para esses especialistas, é quase desconhecida. O que não cansam de afirmar, e sem exceção, diríamos, é que não há qualquer evidência histórica de que fosse prostituta.

Temos, os espiritistas, recorrido de modo quase exclusivo às produções mediúnicas, amiúde, de subido valor, deixando, no entanto, de observar que nem sempre expendem fatos históricos. Embora deles se valham, muitas carreiam crenças e tradições populares, além da licença poética dos seus criadores.

O Espírito Humberto de Campos, no prefácio de sua obra *Boa Nova*, pelas mãos abençoadas de Francisco Cândido Xavier, vem dizer que "os planos espirituais têm também o seu folclore", e que os trinta episódios que compõem o seu livro, dele fazem parte, o "folclore do Céu". (Xavier 2017, 8)

Citamos o *Boa Nova*, devido à declaração de Humberto de Campos. Extraído do *folclore*, ainda que dos planos espirituais, não devemos tomá-lo à conta de histórico, se não em sentido amplo – "está imerso na historicidade dos seus personagens", visto que o próprio autor, na sua introdução, nega-lhe o estrito caráter histórico – *assentado em fontes documentais*, de vez que assim pede a razão e, o exige, a História.

Vejamos, em breve cotejo, para nossas conclusões, o que falam a respeito de Maria Madalena, o *Boa Nova*, do Espírito Humberto de Campos, e o *Primícias do Reino*, do Espírito Amélia Rodrigues, pela psicografia do médium baiano Divaldo Pereira Franco, pareando-os com os *Evangelhos*. Antes, porém, de qualquer comento, queremos dizer do nosso inteiro apreço às obras referidas, as quais figuram, sem nenhum favor, entre as mais ricas contribuições da mediunidade ao Espiritismo; e, também, manifestar nosso respeito e gratidão a Chico Xavier e Divaldo Franco, a Humberto de Campos e Amélia Rodrigues.

O capítulo vinte do *Boa Nova* – "Maria de Magdala", vem dizer que antes da sua conversão, Maria Madalena ouvira as prédicas de Jesus, em mais de uma ocasião, ficando encantada com os seus ensinamentos. E depois que o visitara na casa de Simão Pedro, em Cafarnaum, ocasião na qual fora curada de terrível obsessão, é que vai ao banquete na casa de Simão, o fariseu, em Naim, relatado em Lucas 7:36-50.

O *Primícias do Reino*, em seu capítulo dezessete – "A Rediviva de Magdala", vem dizer que Maria Madalena, antes de visitar Jesus na casa de Simão Pedro, dele ouvira falar, por suas servas, sem que antes lhe tivesse assistido a qualquer das

pregações. Curada, nesse encontro, anota Amélia Rodrigues, Maria Madalena distribuiu tudo quanto possuía, antes do banquete na casa de Simão, o fariseu, em Magdala.

As diferenças entre as narrativas de Humberto de Campos e Amélia Rodrigues, e o disposto nos *Evangelhos*, reparemos, não são apenas de forma e construção, mas também de conteúdo, o que reforça a tese do caráter histórico em amplo sentido do *Boa Nova* e do *Primícias do Reino*.

Simão, o fariseu, no *Boa Nova*, mora na cidade de Naim; no *Primícias do Reino*, em Magdala; e Lucas não diz onde morava Simão. Amélia Rodrigues escreve que Madalena se desfizera de quanto possuía, logo após o seu encontro com Jesus, em Cafarnaum; Lucas a sugere senhora de muitos haveres, com os quais, sustentava, em consórcio com outras mulheres, o trabalho messiânico de Jesus. (Lc 8:3)

E mais uma questão emerge ao lermos o *Boa Nova* e o *Primícias do Reino*, e lançarmos vistas sobre Lucas 7:36-50.

As páginas mediúnicas dizem que Madalena se demorou em diálogo com Jesus, em Cafarnaum, antes que fosse ao jantar festivo do fariseu, Simão; e o *Evangelho* insinua, até com clareza, que ele não conhecia a *mulher pecadora*. Caso fosse a mulher pecadora, Maria Madalena, Jesus não a reconheceria da casa de Simão Pedro?

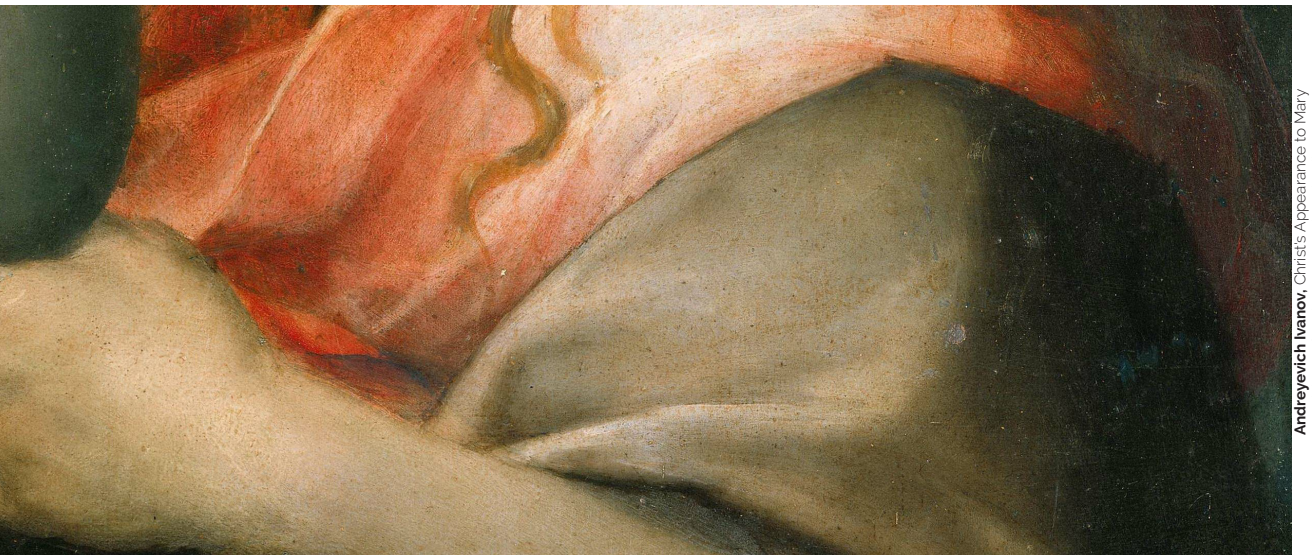
Como esses pontos, outros, decerto, surgirão em análise mais acurada, servindo para mais aclarar o sentido histórico dos textos sob exame, e evidenciar o propósito dos Benfeitores Espirituais: ministrar as lições morais de que carecemos, bem mais do que fazer revelações do Cristianismo Apostólico. É preciso abdicar de conclusões apressadas, para não perdemos o fruto dos ensinos de Mais Alto.

Ainda sobre Maria Madalena, nas mensagens mediúnicas, queremos ressaltar que o Espírito Emmanuel, ao que pudemos apurar, nunca a ela se referiu como a *prostituta arrependida*; sempre a retratou como uma mulher infeliz, curada de obsessão, sem lhe minuciar os hábitos, realçando sua profunda devoção a Jesus, o Cristo[34].

Os trabalhos literários sobre Maria Madalena, em nossos arraiais, são ainda poucos, tímidos e franzinos, como o dissemos, e quase sempre, à margem da sua historicidade. É desejável, em nossos estudos espíritas, acostarmos às narrativas mediúnicas, algo do que nos propicia a Ciência Histórica.

Nada obstante a escassez de registros a respeito de Maria Madalena, a literatura espírita, que há muito lhe concede especial destaque, e enaltece a trajetória espiritual, deve, em particular, a literatura de memórias, realizar esforço adicional para esculpir a imagem histórica da Filha de Magdala.

34. *Seara dos Médiuns*: "Ante a Mediunidade" e, "Obsessão e Jesus"; ***Religião dos Espíritos***: "Pureza"e "A Mulher ante o Cristo"; *Palavras de Vida Eterna*: "Observemos Amando"; *Caminho, Verdade e Vida:* "Madalena"; *Fonte Viva:* "A Exemplo do Cristo."



Andreyevich Ivanov, Christ's Appearance to Mary Magdalene after the Resurrection, detail (1858)

Maria Madalena Apóstola

Dobraram-se catorze séculos sobre a *Homilia 33*, de Gregório Magno, antes que o Vaticano admitisse oficialmente o equívoco que esta encerra a respeito de Maria Madalena.

O Concílio Ecumênico da Igreja Católica – *Concílio Vaticano II*, realizado entre os anos de 1962 e 1965, deliberou reconhecer tal equívoco, levando o Papa Paulo VI a publicar uma revisão da doutrina oficial da igreja, em 1969, onde invalida o sermão proferido a 14 de setembro de 591, na Basílica de São Clemente, em Roma. Maria Madalena não mais seria apresentada como prostituta; houvera engano na interpretação do *Evangelho*.

Decorrido meio século desde a declaração de Paulo VI, acerca de Maria Madalena, muitos ainda a veem como a prostituta arrependida. A baixa divulgação do assunto na grande imprensa e, talvez, a sua pouca difusão aos crentes católicos, constitui, sem dúvida, a causa principal do cultivo desse atavismo na atualidade.

Maria Madalena, no entanto, a despeito desse rotundo atavismo, continua a ser restaurada pelas autoridades eclesiásticas do Vaticano.

O Papa João Paulo II, em sua carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, de 1988, destaca a importância da mulher nas fileiras do cristianismo, realçando, de modo singular, a figura de Maria Madalena. E o Papa Francisco, em 3 de julho de 2016, determinou que a celebração em memória a Maria Madalena – *dia vinte e dois de julho*, dali em diante, seria elevada ao grau de festa no Calendário Romano Geral, alçando-a ao mesmo patamar dos Apóstolos do Cristo Jesus. Em tal decisão, revela o secretário da congregação para o culto da igreja, o arcebispo Artur Roche, o papa lembrara, entre outras coisas, o grande amor de Maria Madalena ao Cristo e o imenso amor de Cristo a Maria Madalena.

Maria Madalena, para a igreja, pois, não é mais a *prostituta arrependida*. Assim como Hipólito de Roma e Tomás de Aquino a tinham como a *Apóstola dos Apóstolos*, o Papa Francisco, reafirmando a sábia decisão do *Concílio Vaticano II*, refuta as deduções da *Homilia 33*, de Gregório Magno, chamando-a de *Apóstola da Esperança*.

Maria Madalena A Mensageira da Ressurreição

Os dolorosos episódios daquela semana haviam dispersado os seguidores de Jesus. Atemorizados, os discípulos fugiram à chegada da soldadesca no Getsêmani, a qual guiada por um dos Doze – Judas, filho de Simão Iscariotes – viera prender o Mestre Nazareno. Conforme as letras dos Evangelhos, somente Simão Pedro – acompanhado de outro discípulo, não nominado –, seguiu, de longe, o triste séquito até à residência do Sumo Sacerdote. E, na hora do Calvário, apenas estava o discípulo amado, na companhia de algumas mulheres, dentre as quais Maria Madalena.

Jesus à hora nona expira; o corpo vencido, desceria à sepultura e, a alma vitoriosa, subiria a Deus. O drama da cruz, espelho das nossas culpas, tornar-se-ia, para sempre, o símbolo da redenção humana na Terra.

A tarde quase cedia à noite, e a maioria dos curiosos deixara o Gólgota.

José de Arimateia, o discípulo oculto de Jesus, veio dar-lhe sepultura. Com Nicodemos, o doutor da Lei, tomou o seu corpo, e depois de ungi-lo com mirra e aloés, envolveu-o em panos de linho, colocando-o em túmulo próximo. Em frente ao sepulcro, observando, estavam Maria Madalena e outra Maria.

Então, conhecido o lugar da sepultura, as mulheres se retiraram; e, no sábado, descansaram, segundo preceitua a Lei (Ex 20:10).

Maria Madalena, é o que se deduz das narrativas evangélicas, renunciara aos seus projetos transitórios, esquecera a si própria, para devotar-se a Jesus, o Divino Mestre. Enfastiada das coisas do mundo, almejava espiritualidade. E, na sede de iluminação, decerto, há muito acalentada, é tomada de invencível fascínio pelo Cristo, *A Luz do Mundo*, caminhando ao seu encontro, movida pelo que podemos chamar de *tropismo espiritual*. Está presente nas horas mais amargas da sua Paixão, e foi a *prima testis* da sua Ressurreição. Citada catorze vezes nos Evangelhos, é a mulher mais referida, depois de Maria de Nazaré. Quando mencionada com outras mulheres, quase sempre é a primeira apresentada, numa denúncia do seu protagonismo, isto, porque muito amava o Senhor.

Quanto aos demais discípulos, com medo dos judeus, permaneciam a portas trancadas, naqueles dias sombrios, diz João 20:19. A crueza da morte de Jesus, sem causa legítima, deixara-os desarvorados, fizera-os oscilar na fé; não compreendiam a finalidade daquele sacrifício do Mestre. Por que não se furtara ele à cruz infamante? O que seria deles, os seus amigos, agora? Peito a dentro, em longos suspiros, murmuravam: Ah! Senhor!... Senhor!...

Maria Madalena, no alvor daquele dia, o terceiro desde a crucificação e primeiro da semana, torna ao sepulcro e, vendo aberta a entrada do túmulo, corre e vai dizer a Simão Pedro e ao discípulo amado: "Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram" (Jo 20:2). Eles, então, vão ao local e constatam o que lhes dissera Madalena.

Entristada com a morte do Mestre e, ainda com o sumiço do seu corpo, Madalena permanece ao lado do túmulo, depois que partem João e Pedro. De alma sensível e coração ardoroso, anelava tornar a ouvi-lo, rever-lhe o divino semblante; em sua memória, via-se a seu lado nas praias, nos campos, nos caminhos da Galileia. Enlevada, embora sentisse um acre gosto em seu espírito, recordava os seus gestos de amor, o sorriso angelical, o olhar cristalino. Sentia pungentes saudades, esperançava reencontrá-lo! Onde estaria o Senhor?... Por que não lhe vinha acalmar o coração, falar-lhe, outra vez, do Reino de Deus?... Do seu Infinito Amor?...

Saindo da abstração, percebe-se chorando; virando-se, espia dentro do túmulo. Dois anjos, sentados em seu interior, perguntam-lhe: "Mulher, por que choras?" (Jo 20:13). Ela lhes diz que é porque levaram o seu Senhor. Então, voltando-se, vê alguém de pé, que não logra reconhecer, de imediato; e, de novo, ouve: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" (Jo 20:15). Maria, supondo-o o jardineiro do

sepulcro, diz-lhe: "Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei" (Jo 20:15). É então que ouve a voz suave, amorosa e incomparável de Jesus de Nazaré: "Maria!..." E Maria exclama: "Rabbuni!". O seu coração acelera, o seu espírito exulta! Ele voltara, conforme prometera! Diante de si, tinha o Senhor! Agora, e para sempre, a morte deixara de ser morte; passara a ser vida, Eterna Vida!... E ali, nos jardins do sepulcro, à luz tépida do alvorecer, onde o túmulo fez-se porta de acesso à vida, anunciando a imortalidade, Ele faz a sua fiel discípula, *Mensageira da Ressurreição*![i]

"Então, Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! E contava as coisas que ele lhe dissera" – João, 20:11-18.

[i] Este artigo é o embrião de um estudo que estamos escrevendo a respeito de Maria Madalena.

Bibliografia

BAUCKHAM, Richard e Trevor Hart. 2000. *Ao pé da Cruz.* [Magaly C. A. Fraga Moreira]. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

EHRMAN, Bart. 2008. *Pedro, Paulo e Maria Madalena.* [Celina Falck-Cook]. Rio de Janeiro: Editora Record.

FRANCO, Divaldo P. (Amélia Rodrigues, Espírito). 1987. *Primícias do Reino.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

JOSEFO, Flávio. 2004. *História dos Hebreus.* Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil.

MCKENZIE, John L. 2011. *Dicionário Bíblico.* [Álvaro Cunha, Elsa M. B. Peixoto, Gaspard G. Neerick, I. F. L. Ferreira, Josué Xavier]. São Paulo: Paulus.

VARAZZE, Jacopo de. 2006. *Legenda Áurea – Vidas de Santos.* [Hilário Franco Júnior]. São Paulo: Companhia das Letras.

XAVIER, Francisco C. (Humberto de Campos, Espírito). 2017. *Boa Nova.* Brasília: Federação Espírita Brasileira.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2014. São Paulo: Paulus Editora.

BÍBLIA SHEDD. João Ferreira de Almeida. 2008. São Paulo: Edições Vida Nova.

Domenico Puligo, Mary Magdalene, detail, Oil on Panel, (1520).

Espiritismo com Crianças e Jovens

SILVANA ELIA *

Resumo

O presente artigo tem como objetivo conhecer, à luz do Espiritismo e no contexto atual da Transição Planetária, os aspectos que envolvem a educação da Nova Geração.

Neste sentido, buscamos a fundamentação nos princípios norteadores contidos nas obras da Codificação e em mensagens de Espíritos Superiores, ressaltando a importância da família, assim como do Movimento Espírita na educação das crianças e jovens que constituem a nova geração.

Palavras-chave Transição Planetária, Nova Era, Educação espírita, Família, Regeneração.

A nova geração

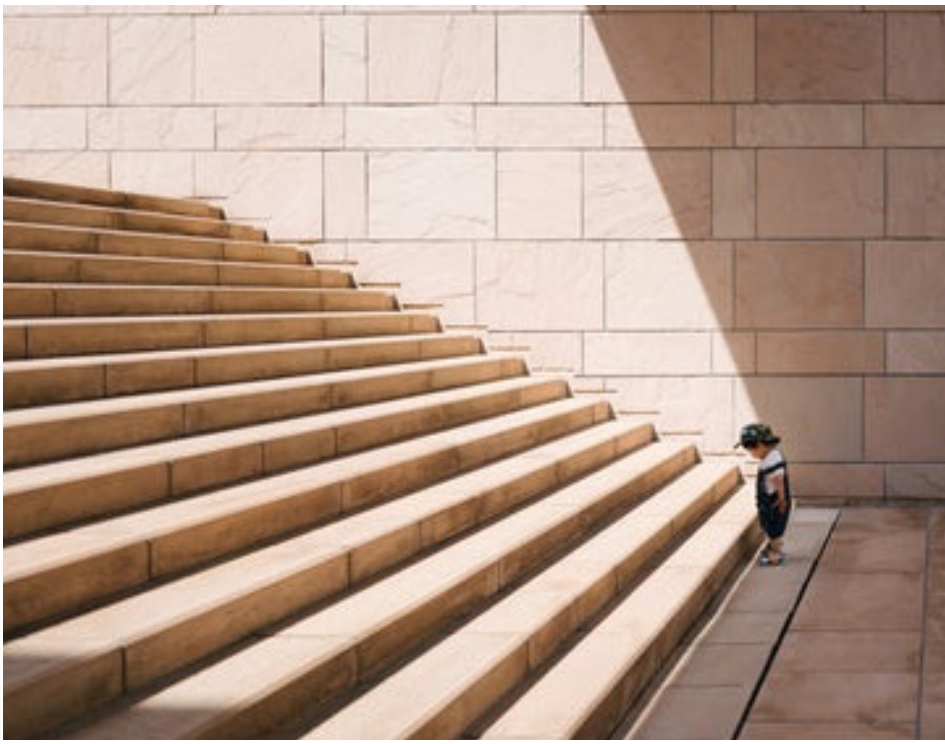


Photo by Jukan Tateisi on Unsplash

Photo by Ramin Talebi on Unsplash

* **Silvana Elia** é a atual presidente da UCESS – Union-des Centres d'Éstudes Spirites en Suisse e membro da diretoria do Estesia – Zentrum für Spiritistische Studien, localizado em Berna/Suíça. É evangelizadora e dirigente de estudos como o ESDE e Evangelho Redivivo. Recentemente fundou o JES – Juventude Espírita Suíça. Membro do comitê executivo do CEI–Conselho Espírita Internacional na Área da Infância, Juventude e Família.

Orientação para as Mentes Infantojuvenis em Tempos de Transição

"São chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da Humanidade." (Kardec 2008, 452)

Os tempos chegados a que se refere Allan Kardec assinalam o começo de uma Nova Era para a Humanidade, que se caracteriza pela transição planetária. O Espírito Artêmio Guimarães, em seu emocionante discurso pronunciado durante uma reunião realizada na esfera espiritual e posteriormente relatada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda no livro *Transição Planetária,* refere-se ao tema nestas palavras:

"A lei de progresso é incontestável, e o amor de nosso Pai é incomensurável, proporcionando a tudo e a todos contínuo aprimoramento que os levará às culminâncias da plenitude. Conforme assinalado por Jesus, no sermão profético registrado pelo evangelista Marcos, no capítulo 13 e seus versículos, vivemos a época dos sinais representativos das grandes mudanças que se operarão no planeta terrestre ao largo dos evos.

Posteriormente confirmadas as graves revelações por João Evangelista, no seu memorável Apocalipse, vivemos já esses dias significativos, anunciadores das grandes transformações que se vêm apresentando no orbe amado. [...] graças aos quais um novo mundo rico de bênçãos surgiria para a Humanidade." (Franco 2015, 132)

Tendo em conta as citações que o Espírito menciona, compreendemos que a transição planetária está sendo preparada há milênios e faz-se notar sobretudo nos últimos tempos, principalmente com a chegada do Espiritismo, que por meio dos ensinos dos Espíritos Superiores apresentados por Allan Kardec, tem-nos oferecido significativas informações sobre os acontecimentos que elevarão a Terra da condição de planeta de Provas e Expiações a planeta de Regeneração, informações que foram ulteriormente confirmadas pela Espiritualidade Superior, conforme relato do venerando Espírito Joanna de Ângelis: "Opera-se, na Terra, neste largo período, a grande transição anunciada pelas Escrituras e confirmada pelo Espiritismo." (Franco 2006, 28)

No contexto da transição para uma Nova Era, consideramos significativas e oportunas as revelações que o Espiritismo nos oferece acerca da nova geração. São Luís (Espírito) esclarece que a regeneração da Humanidade "se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova." (Kardec 2014, 446)

Sobre os "Espíritos melhores" que formam a nova geração, Kardec nos diz que "sejam novos Espíritos melhores, ou os velhos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo. Desde o instante que apresentem melhores disposições, é sempre uma renovação." (Kardec 2008, 477)

"O coração infantojuvenil é abençoado solo onde se deve albergar a sementeira de vida eterna.

Compreendemos, assim, que todos os Espíritos "predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração", podem ajudar a "fundar a era do progresso moral" (Kardec 2014, 476), e que para desempenharem uma missão tão importante devem ser capazes de nutrir na sociedade virtudes, em substituição dos vícios que têm retardado o progresso da Humanidade. To-

davia, considerando a relevância dessa missão, somos levados a refletir sobre as crianças e os jovens que estão inseridos na atual sociedade, e perguntamos: que valores estão sendo transmitidos a esta nova geração cujo objetivo reencarnatório é edificar uma Nova Era? Porquanto não podemos supor que por terem tão nobre objetivo estejam por isso protegidos das influenciações perniciosas a que estão expostos cotidianamente.

O benfeitor Emmanuel, no livro *Renúncia*, relata o caso de Alcíone, um Espírito já bastante evoluído que, desejando retornar à Terra, é advertida pelo seu mentor Antênio sobre os perigos a que se sujeita ao reencarnar. Diz ele: "Já ponderaste nos obstáculos imensos? [...] Recorda que as leis planetárias não afetam somente os espíritos em aprendizado ou reparação, mas, também, os missionários da mais elevada estirpe". (Xavier 2015, 27)

Logo, todos os Espíritos que reencarnam, até mesmo os que têm a missão de contribuir para a construção de um mundo melhor, podem, diante das provações impostas pela própria condição que os une ao corpo físico, sucumbir, daí a importância de orientá-los para não sofrerem ou para diminuírem os riscos das más influenciações. Nessa perspectiva, é de extrema importância o papel desempenhado pelos pais na formação da nova geração. Segundo os Espíritos Superiores, a paternidade "é uma missão [...] e ao mesmo tempo, um dever muito grande e que envolve, mais do que o homem pensa, a sua responsabilidade quanto ao futuro." (Kardec 2014, 267) Missão que se inicia desde a mais tenra idade, quando "o Espírito é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo." (Kardec 2014, 198)

Como vemos, o dever dos pais em relação aos filhos vai além dos cuidados com a alimentação, vestuário, segurança, proteção, lazer e uma educação apenas focada em instruir, que se constitui em aquisição de conhecimento em determinada área do saber; é no entanto indispensável proporcionar-lhes uma educação que lhes faculte afrontar os desafios que certamente encontrarão no desempenho de suas atribuições, que esteja voltada para a formação do caráter, que os levará à compreensão de seus direitos e deveres ante a sociedade em seus diferentes aspectos, individuais e coletivos. Uma educação que, segundo Kardec, "consiste na arte de formar os caracteres, a que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos." (Kardec 2014, 306)

Dessa forma, a responsabilidade atribuída aos pais torna-os partícipes da construção da Nova Era, porquanto, para que se estabeleça na Terra um mundo melhor, é indispensável que a família esteja consciente de seu dever. Joanna de Ângelis apresenta-nos a família como sendo: "escola de bênçãos onde se aprendem os deveres fundamentais para uma

vida feliz e sem cujo apoio fenecem os ideais, desfalecem as aspirações, emurchecem as resistências morais." (Franco 2012, 7)

Assim, comparamos a família a um jardim, em cujo solo sagrado devem germinar as sementes do futuro, das quais frutificarão os nobres ideais de um mundo novo, no qual o amor será, assim como o ar que respiramos, indispensável.

Considerando os conceitos desenvolvidos por Allan Kardec sobre a educação como sendo "o conjunto dos hábitos adquiridos" (Kardec 2014, 306), reconhecemos igualmente a importância do Espiritismo para a regeneração da Humanidade.

O tema é tratado de forma esclarecedora pelo Codificador em *A Gênese*, com a seguinte assertiva: "Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo, mais do que qualquer outra doutrina, está apto a secundar o movimento regenerador." (Kardec 2008, 474)

Já o autor espiritual André Luiz, na obra *Conduta Espírita*, ressaltando tal concepção, esclarece-nos que: "Em todas as circunstâncias, [...] o Espiritismo expressa, antes de tudo, obra de educação, integrando a alma humana nos padrões do Divino Mestre." (Vieira 2017, 107)

Bezerra de Menezes também destaca o relevante papel do Espiritismo na educação/evangelização espírita para crianças e jovens, a saber: "Ao Espiritismo, [...] compete o superior ministério de preparar o futuro ditoso da Terra, evangelizando a infância e a juventude do presente."[2] (Dusi 2018, 160)

Com base nessas fundamentações, compreendemos que o Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, conforme relato do evangelista João no capítulo 14, versículo 26, do *Novo Testamento*: "[...] o Consolador, [...], que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito", é fonte inesgotável de elementos educativos. É, porém, nos princípios morais do Evangelho de Jesus, que representam o roteiro seguro para a construção de uma sociedade mais digna e justa para todos, que o Espiritismo encontra os fundamentos para o esclarecimento, o consolo e a orientação para todas as pessoas que desejam obter ajuda para a solução dos problemas com que se debatem, contribuindo, dessa forma, para o progresso da Humanidade.

Tal perspectiva é corroborada pelo Espírito Emmanuel na formidável obra *A Caminho da Luz,* quando menciona que: "O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo". E continua: "No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era." (Xavier 1996, 213)

2. Mensagem psicografada em 18 de janeiro de 1978 no Centro Espírita "Caminho da Redenção", em Salvador-BA.

Em uma belíssima entrevista, o Espírito Bezerra de Menezes responde a algumas questões relacionadas com a importância da Evangelização Espírita Infantojuvenil, nas quais reitera a importância do Espiritismo no desempenho de sua ação evangelizadora, por exemplo:

"Reconhecendo-se no Espiritismo evangélico a presença do Consolador [...], consoante as promessas de Jesus, disseminando por toda a Terra as luzes cristalinas da Verdade e despertando a consciência humana para a era porvindoura de uma autêntica compreensão espiritual da Vida, não é difícil entender-lhe a abençoada missão evangelizadora do mundo com vistas ao futuro onde as mais sublimes esperanças de felicidade na Terra se concretizarão." (Dusi 2018, 13)

Na mesma entrevista o Mentor salienta ainda que: "A missão educativa do Espiritismo às almas é [...] revelar a verdadeira luz e estimular a fé junto aos panoramas regenerativos da Terra, onde somente um Mestre, que é Jesus, há de inspirar cada criatura em sua própria iluminação", o que nos remete para a mensagem de Jesus quando diz "Eu sou a luz do mundo." (João 8:12)

Jesus é a Luz que deve ser levada aos corações infantojuvenis, e Ele conta com os trabalhadores que aceitaram o Seu chamado, para fortalecerem e intensificarem o trabalho da educação/evangelização espírita, visando à formação de Espíritos com princípios morais mais nobres e elevados, e mais preparados para edificarem na Terra a Era Nova.

Em outra resposta à entrevista já citada, acrescenta o Benfeitor:

"Considerando-se, naturalmente, a criança como o porvir acenando-nos agora e o jovem como o adulto de amanhã, não podemos, sem

"Que valores estão sendo transmitidos a esta nova geração cujo objetivo reencarnatório é edificar uma Nova Era?

graves comprometimentos espirituais, sonegar-lhes a educação, as luzes do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, fazendo brilhar em seus corações as excelências das lições do excelso Mestre com vistas à transformação das sociedades terrestres para uma nova humanidade." (Dusi 2018, 13)

Continuando, na mesma resposta, destaca-se mais uma vez a importância da tarefa da educação/evangelização espírita: "é imprescindível abracemos, com empenho e afinco, a tarefa da evangelização junto às almas infantojuvenis, tão carentes de amor e sabedoria." (Dusi 2018, 14)

Se comparamos a família ao solo sagrado onde devem germinar as sementes do futuro, comparamos os dedicados educadores espíritas ao semeador, que pela ação evangelizadora direcionada para a formação do Homem de bem, semeia, por meio da mensagem espírita cristã, nos corações infantojuvenis, as sementes do amor, que farão desabrochar os princípios de todas as virtudes.

Semelhante ideia é fundamentada, orientada e valorizada pelos Benfeitores Espirituais nas seguintes mensagens:

> "Semeador dos terrenos do espírito, que te encaneceste na lavoura da luz, qual acontece ao cultivador paciente do solo, não te aflijas, nem desanimes. Se tempestades sempre novas te vergastam a alma, continua semeando..."[3] (Xavier 1963, 33)

> "Contemplamos, assim, com otimismo e júbilo, o Movimento Espírita espraiando-se, cada vez mais, nos desideratos da evangelização, procurando, com grande empenho, alcançar o coração humano em meio ao torvelinho da desenfreada corrida do século... Tão significativa semeadura na direção do porvir!"[4] (Dusi 2018, 275)

"O coração infantojuvenil é abençoado solo onde se deve albergar a sementeira de vida eterna. Preservá-lo com carinho, de

3. Mensagem assinada pelo Espírito Meimei.

4. Mensagem do Espírito Guillon Ribeiro, recebida pelo médium Júlio Cezar Grandi Ribeiro, em 1963, durante o 1° Curso de Preparação de Evangelizadores - CIPE, realizado pela Federação Espírita do Estado do Espírito Santo.

modo a nele ensementar os postulados libertadores do Espiritismo, é dever que não pode ser postergado pelos educadores espíritas encarregados de cuidar das gerações novas."[5] (Dusi 2018, 45)

"Estamos, filhos, vendo os primeiros resultados da Campanha de Evangelização Espírita Infantojuvenil [...]. Florescerá, por certo, a Árvore do Evangelho. Os campos verdes serão cobertos de extensas ramagens. Hão de surgir os frutos, após as flores. Tempo de crescimento, de floração!"[6] (Dusi 2018, 161)

"Hoje é a oportunidade ditosa para depositardes sementes no solo dos corações; amanhã será o dia venturoso de colherdes os frutos da paz."[7] (Dusi 2018, 43-44)

Somam-se ao êxito da semeadura, além do amor, boa vontade e dedicação dos dirigentes, evangelizadores/educadores espíritas e dos pais, todos os esforços realizados visando a qualidade doutrinária, pedagógica e organizacional que abrangem a tarefa.

5. Mensagem do Espírito Vianna de Carvalho, recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 26 de fevereiro de 2007, em Miami, USA.

6. Mensagem do Espírito Bezerra de Menezes, recebida pelo médium Júlio Cezar Grandi Ribeiro, em sessão pública no dia 2/8/1982, na Casa Espírita Cristã, em Vila Velha, Espírito Santo.

"Se tempestades sempre novas te vergastam a alma, continua semeando...

Mediante as reflexões acerca das mensagens compartilhadas pelos Espíritos Espíritas, falando-nos sobre a relevância e seriedade da tarefa evangelizadora e da perspectiva educativa do Espiritismo, entendemos que compete ao Movimento Espírita, observando os ensinamentos dos Espíritos Superiores e, sobretudo, os princípios de amor e caridade dos ensinos de Jesus, contribuir para a educação da Nova Geração, cuja atribuição é promover a regeneração da Humanidade, porquanto somente quando conseguirmos vivenciar as máximas "Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" (Marcos 12:30-31), é que, verdadeiramente, veremos surgir uma Nova Era para a Humanidade.

7. Mensagem do Espírito Francisco Thiesen, recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 1996.

Bibliografia

DUSI, Miriam M. (Coord.) . 2018. *Sublime sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil.* Brasília: Federação Espírita Brasileira.

FRANCO, Divaldo P. (Manoel Philomeno de Miranda, Espírito). 2015. *Transição Planetária.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2012. *Constelação familiar.* Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). Set/Out 2006. "A Grande Transição". *Revista Presença Espírita.* Nº 256: 28-9.

KARDEC, Allan. 2008. *A Gênese.* [Trad. Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2014. *O Livro dos Espíritos.* [Trad. Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

VIEIRA, Waldo (André Luiz, Espírito). 2017. *Conduta Espírita.* Brasília: Federação Espírita Brasileira.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1996. *A Caminho da Luz.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

XAVIER, Francisco C. e Waldo Vieira (Espíritos Diversos). 1963. *Ideal Espírita.* Editora CEC.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2015. *Renúncia.* Brasília: Federação Espírita Brasileira.

Photo by Jessica Joseph on Unsplash

Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje

Espírito: Bezerra de Menezes
Federação Espírita Brasileira
20 de novembro de 2016
Psicografia de Marta Antunes

Embainhar a Espada

1. Texto completo: ”[...] Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a, feriu o servo do Sumo Sacerdote, a quem decepou a orelha direita. O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: “Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?”” Jesus (*João*, 18: 10-11). BÍBLIA DE JERUSALÉM.

Jesus disse a Pedro: “Embainha a tua espada.
Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?”
Jesus (JOÃO, 1811)[1]

Filhos e filhas do coração.
Continuemos unidos no amor de Jesus!
Urge, agora, mais do que nunca, colocar em prática a orientação do Mestre Nazareno, registrada pelo evangelista João: embainha a tua espada!
Em todos os sentidos e situações devemos buscar a concórdia e a unificação, a fim de que possamos contribuir na construção de um mundo melhor; mais pacífico e solidário.
"Embainhar a espada", extrapola o gesto simbólico expresso no texto evangélico, pois nos reporta à necessidade inadiável de exercitarmos a prática da lei de amor que Jesus fez reviver nas letras do Espiritismo. A benefício da própria felicidade, precisamos aprender a construir pontes de entendimento e trabalhar incessantemente pela paz e união ente as criaturas humanas.
Tal condição destaca não somente a importância de nos perdoarmos mutuamente pois, renovados à luz do entendimento espírita, devemos despojar-nos, definitivamente, do homem velho que deve reves-

2. Texto completo: "[...] Mas, agora, abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente. Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas, e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre mas Cristo, mas Cristo é tudo em todos." Paulo *(Epistola aos Colossenses,* 3:8-11). BÍBLIA DE JERUSALÉM.

tir-se da túnica do homem renovado, aquele que é verdadeiramente livre, segundo os ditames do Criador e pelo Cristo, "que é tudo em todos", como ensina o valoroso servidor do Evangelho, Paulo de Tarso, em sua epístola aos Colossenses.[2]
O grande apóstolo Paulo transmite a ideia de que precisamos desenvolver sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão e longanimidade em nossos relacionamentos com o semelhante, perdoando e suportando-nos mutuamente. Ao final do seu texto enfatiza: "revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição."[3]

O bem, no sentido restrito, não se compraz com a menor manifestação do mal, que é entendido como ignorância. O mal, qualquer que seja a sua expressão, é ausência de bondade, discernimento e de luzes espirituais.
Sendo assim, é chegado o tempo de estreitarmos os laços da verdadeira fraternidade, servindo ao próximo com devotamento, irrestritamente, e lhe perdoando ofensas ou críticas.

3. Texto completo: "Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revestir-vos de sentimento de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos e perdoando-vos mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas sobretudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição." Paulo *(Epistola aos Colossenses*, 3:8-12-14). BÍBLIA DE JERUSALÉM.

O mundo clama por paz! Não esqueçamos jamais, filhos e filhas amados.
Sejamos, pois, cada um de nós, um oásis de paz que dessedenta a sede de conhecimento e de amor tão procurados pelo viajor cansado. Recordemos que o ofensor, independentemente do plano de vida em que se situe, é uma alma enferma que suplica misericórdia e auxílio.
Soframos, mas amemos!
Discordemos, mas perdoemos!
Sejamos injuriados, mas prossigamos no trabalho do bem.
Entendam, filhos e filhas: não há rota alternativa para atingir os píncaros da evolução que não seja trilhar o caminho do bem. Rota que orienta-nos a servir sem restrições; a amar, perdoar e tolerar uns aos outros.
Confiemos no Senhor e nas suas promessas!
Respeitemos os que optam por outras vias de entendimento, sem queixas e sem o

Heinrich Hofmann, Figure of Christ, Oil on canvas, (1884)

apontar de dedos para as suas imperfeições. Pensemos, ao contrário, na nossa própria jornada para traçar o roteiro com firmeza e segurança. E apliquemos o Evangelho em todas as nossas ações e atividades. Dessa forma, não há como se transviar, acatar equívocos ou cometer desatinos.

"Embainhar a espada", na feliz afirmação de Jesus, é seguir o bem, sem se preocupar com ações ou ideias dos que, na jornada da ascensão, se transviam. Cedo ou tarde as coisas serão ajustadas aos propósitos divinos, de uma forma ou de outra. Perdão e tolerância é, portanto, a sentença que mais devemos buscar no momento.

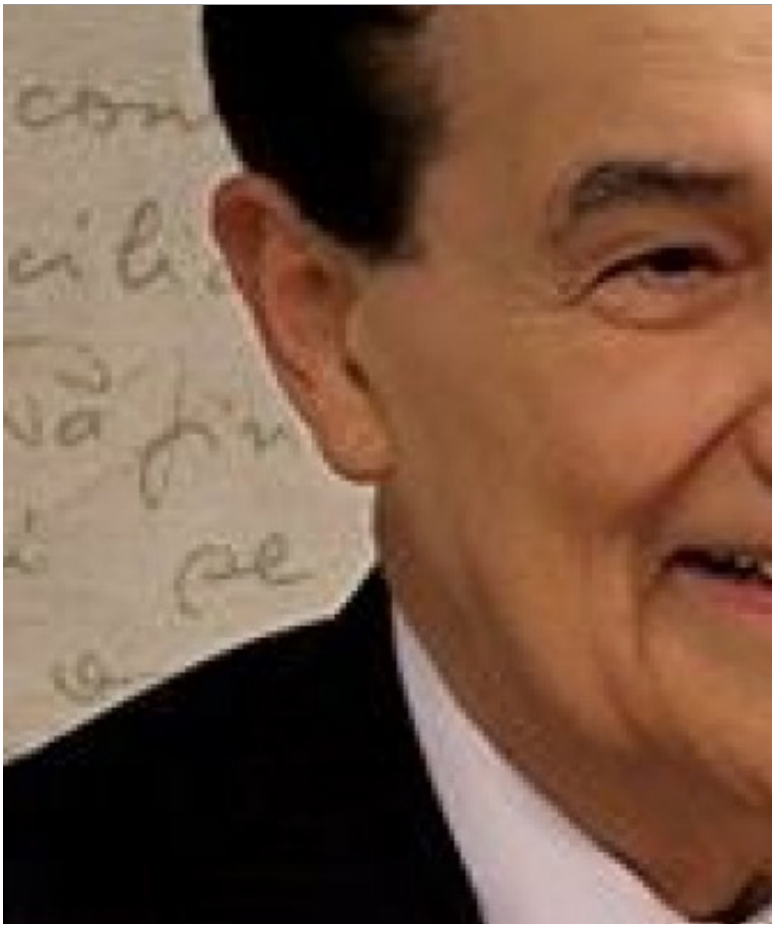
Que o amado Mestre Nazareno esteja sempre presente no cotidiano da existência de cada um, a fim de que, unidos, possamos realizar as obras que o Senhor espera do servidor sincero e esclarecido.

Estejam em paz!

O menor dos servidores,

Bezerra

Entre vista **Divaldo** Franco



Divaldo Pereira Franco, figura preponderante do Movimento Espírita na sua mais ampla expressão, durante o último meio século, apresenta-se-nos como a imagem de um Benfeitor da Humanidade reencarnado, em cuja caminhada a luz do bem vai triunfando a cada passo.

Eternamente jovem, acolheu com carinho a nossa proposta, doando-nos um pouco do seu precioso tempo e oferecendo-nos, com a generosidade das almas que triunfaram sobre si mesmas, o privilégio da sua palavra.

Na entrevista que se segue, concedida no passado mês de abril, revisitamos a alma nobre que, como disse Chico Xavier "tem uma estrela na boca" e segura ainda na mão, na firmeza dos seus 93 anos,

"o archote da fé".[1]

[1]Cf. SCHUBERT, Suely C.2003. O *Semeador de Estrelas*. Salvador: LEAL.
Veja aqui o texto em VÍDEO

Atualidade

Entrevista

1. Divaldo, o que faria Kardec se vivesse em plena "revolução digital"?

Se Kardec vivesse nesta época, utilizaria os recursos digitais para mais divulgar a Doutrina Espírita. Quando aqui esteve, ele recomendou que deveríamos utilizar todos os recursos que estivessem ao nosso alcance, para bem divulgar o Espiritismo. Ele mesmo o fez, criando no dia 1º de Janeiro de 1858 a *Revue Spirite*.

Logo depois, os espíritas começaram a usar a rádio, posteriormente a televisão e, neste momento, recursos audiovisuais, como sendo aqueles que melhores condições oferecem para uma divulgação ampliada, em todo o mundo.

2. Até agora, a Inteligência Artificial foi desenvolvida por ação da inteligência humana. Chegou a hora da inteligência humana se desenvolver graças à I.A.? Que consequências esta pode ter na evolução do espírito humano?

A Inteligência Artificial já vem contribuindo largamente para a evolução da sociedade. Através da inteligência normal, tradicional, que o espírito transmite ao cérebro, foi possível realizar fantásticas edificações que são denominadas de Inteligência Artificial, especialmente na área da computação. As conquistas da Inteligência Artificial já estão contribuindo para um mundo melhor, portanto, para o espírito evoluir de tal forma que o mundo se torne aquele decantado paraíso da regeneração, que se aproxima de todos nós.

3. O que pensa sobre as promessas da tecnociência, de proporcionar aos homens superinteligência, super bem-estar e super longevidade?

Penso que será uma contribuição valiosa.

Todos nós aspiramos a uma inteligência ainda mais lúcida, que possa penetrar nos mistérios da natureza, alguns dos quais já têm sido desvelados, e isso contribuirá de maneira eficaz, para que o mundo seja melhor. Porque enquanto as criaturas viviam no estado de barbárie, as agressões, os crimes, eram muito mais numerosos que na atualidade.

A ética e a civilização contribuíram muito, mas não o suficiente, para nos tornar melhores. Somente quando, com a luz da Doutrina Espírita, aplicarmos o Evangelho de Jesus em nossa vida, é que teremos essas conquistas da tecnologia, por enquanto ainda com objetivos materialistas, aplicadas ao bem-estar da criatura humana, na longa viagem do aperfeiçoamento moral, na direção de Deus.

4. De que modo pensa que o Islão vai conseguir reconciliar a religião com a modernidade? Será que caminhamos para um choque de civilizações ou já estamos imersos nele?

Já desde há algum tempo Oriente e Ocidente estão em lutas contínuas.

De que maneira? Através do sofrimento.

Jesus falou que tinha outras ovelhas que não eram do seu rebanho - não eram aqueles que estavam em Israel. E, é óbvio, que as suas são as ovelhas de todo o planeta.

Eu não poderia saber de que maneira isso irá dar-se - a perfeita comunhão entre Oriente e Ocidente -, mas tenho a certeza que, nos divinos planos, isso já vem acontecendo através das dores que dilaceram, tanto os agressores como os agredidos, onde quer que se encontrem.

5. Por que é que a solidariedade e a justiça ainda não conseguiram minar o egoísmo e a injustiça?

Por causa da inferioridade espiritual da criatura humana. Somente agora estamos despertando para os Direitos Humanos proclamados desde 1792, pela Revolução Francesa. As lutas políticas e os interesses filosóficos dos povos em constante litígio, demonstraram o sentimento egotista e a ambição terrificante de dominadores arbitrários, que pretendem governar o mundo, incapazes de se governarem a si mesmos.

6. Qual a questão do mundo, que ultimamente mais lhe tem chamado a atenção, e porquê?

Neste momento, a epidemia que apareceu na China e logo se alastrou por todo o planeta.

Simultaneamente, preocupo-me muito no Brasil com a situação política, e tenho procurado orar para que em breve o Coronavírus, perverso, que vem sendo utilizado pelas Divinas Leis para descobrirmos e vivermos a solidariedade e o amor, não se torne mais necessário para a nossa evolução, e nós, brasileiros, descubramos que só o princípio do amor prevalece como diretriz de segurança para todas as nações do mundo.

Movimento Espírita

7. O que falta fazer para que o Movimento Espírita volte a ter, na Europa, a expansão e a adesão que teve na época de Allan Kardec?

Que a divulgação da Doutrina seja feita utilizando-se das técnicas modernas de comunicação, e que os espíritas, de qualquer lugar, não sejam apenas teóricos apresentando uma doutrina extraordinária, mas vivenciando-a; para que aqueles que são sofridos e que se tornaram terríveis inimigos do pensamento kardequiano, nele vejam a solução para uma existência feliz.

Qualquer teoria filosófica ou de outra natureza, somente se implanta no coração das massas quando gera mártires, quando demonstra, pela sua eficácia, a transformação moral do indivíduo, para melhor. É exatamente isso que falta nas criaturas humanas, não apenas na Europa, mas em toda a parte - demonstrarmos pelos atos a excelência dos postulados espíritas que abraçamos.

8. Quais os maiores desafios que, na sua opinião, o Movimento Espírita terá de enfrentar nos próximos anos?

Recordando uma nota, um bilhete que deixou Allan Kardec e que se encontra hoje nas *Obras Póstumas*, a respeito dos sofrimentos que lhe foram impostos pelos próprios companheiros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, penso que o maior desafio seria a fraternidade; a lídima fraternidade, por intermédio da ação da caridade, que também se manifesta no respeito ao nosso próximo. Não apenas em doações de coisas especialmente materiais, mas através da tolerância, da compreensão das imperfeições, de uns em relação aos outros e, simultaneamente, num grande abraço de solidariedade humana.

9. Quais as maiores ameaças atuais aos Centros Espíritas?

Em todas as épocas tem sido o egoísmo. O Egoísmo é o câncer que destrói o equilíbrio entre as nações: o egoísmo individual, o egoísmo de classe, o egoísmo nacional... Na hora que compreendermos que só a solicitude, a solidariedade, o altruísmo, devem viger em nosso comportamento, tudo se modificará e o bem reinará na Terra, inicialmente nos lugares onde estão implantadas a fraternidade, a caridade e a misericórdia.

> “espíritas amai-vos, e como segundo corolário: estudai, aprendei, para que o nosso amor seja racional e nobre, sem particularismos, sem fanatismos, sem desejos que são irreconciliáveis com a Lei de Amor

10. Na época em que vivemos, quais as responsabilidades dos dirigentes espíritas?

Não apenas serem encarregados de comandar, mas também serem responsáveis por fazer. A melhor maneira de comportar-se o dirigente, de qualquer realidade humana, é exatamente esse espírito de trabalho, de quem está participando da compreensão de que o ideal é nosso, e de que nem sempre, aqueles que aderem à nossa fação, seja religiosa, filosófica, no caso, ao Centro Espírita, têm o discernimento de cooperar.

Invariavelmente as criaturas humanas, pelo seu primarismo, somente aspiram a receber, e são poucos aqueles que se predispõem a doar, a servir, a pensar que o Espiritismo é a doutrina de Jesus, que durante a Sua vida na Terra jamais se preocupou em servir a outrem, explorando-o, dele retirando favores e benefícios, mas, pelo contrário, em servir sempre, na condição de ser o maior servo do grupo reunido, formando o colégio galileu.

11. Qual o papel e a importância da "mensagem" do Espírito Emmanuel? E de André Luiz?

Para mim, a importância da mensagem desses abençoados guias da humanidade é de alta relevância, porquanto Emmanuel se dedicou à evangelização das criaturas humanas, à luz do pensamento de Jesus. Ofereceu-nos romances, nos quais ele viveu e aprendeu a servir, demonstrando, como escreveu Jung, que seja qual for a cultura e o conhecimento académico que se tenha, quando se estiver junto a uma alma, nunca se deve esquecer de que se está diante de uma alma. Emmanuel, para poder trazer a mensagem consoladora do Evangelho à luz dos exemplos da Doutrina Espírita, narrou em romances monumentais as suas experiências, em que o sofrimento lapidou a alma do Senador Públio Lentulus, nos últimos quase dois mil anos.

André Luiz, por sua vez, trouxe-nos a revelação do mais além. Teve a missão de detalhar a mensagem de como é a vida espiritual, tão bem delineada pelo Codificador Allan Kardec. Fez uma análise científica da mediunidade, estudando a fisiologia do médium, mas também os recursos admiráveis do amor e da abnegação, à luz da ética e da caridade, para que pudéssemos encontrar a melhor maneira de nos comunicarmos com o mundo transcendente, sem os tormentos dos fenômenos anímicos, sem as fraudes nas comunicações. Deixou-nos um património médico extraordinário, e, ao mesmo tempo, um património de solidariedade entre os povos, ao apresentar as linhas seguras de uma das comunidades espirituais, que ele denominou Nosso Lar.

12. Que mensagem gostaria de deixar aos espíritas?

Meus irmãos, fomos chamados para a construção de um mundo melhor. Mundo esse que será possível quando nos tornarmos espíritos melhores. Jesus no-lo demonstrou quando disse: "de que vos adianta salvar o mundo e perder a própria alma". Ele nos convoca à auto-iluminação, a demonstrar pelo nosso exemplo de modificação das próprias imperfeições quanto é valiosa a contribuição do Espiritismo; essa terapêutica preventiva e curadora que são as diretrizes seguras da Doutrina Espírita.

Então, gostaria de dizer que nos encontramos no mesmo barco, neste imenso navio, que é o planeta terrestre, e que Jesus é o comandante, que o vai aportar em um lugar de plena Paz, a depender do nosso estado interior de consciência.

Sei que nós conseguiremos, porque nada é impossível àquele que luta, àquele que crê.

Então, eu diria aos meus irmãos de todas as nações que vale a pena repetir a proposta d'*O Evangelho segundo o Espiritismo*: "espíritas amai-vos" e como segundo corolário: "estudai, aprendei", para que o nosso amor seja racional e nobre, sem particularismos, sem fanatismos, sem desejos que são irreconciliáveis com a Lei de Amor.

Experiência de vida

13. O que é para si a mediunidade? De tudo o que já vivenciou mediunicamente, haverá algum acontecimento ou lição que o tenha marcado especialmente?

A Mediunidade, que na palavra autorizada de Allan Kardec é uma faculdade orgânica, é uma ponte, simbolicamente, entre o mundo físico e o mundo espiritual.

A função da mediunidade de natureza precípua é servir. Ao invés de servir-se da mediunidade, cabe a cada um de nós utilizá-la a benefício da comunidade na qual nos encontramos instalados.

Entre as lições profundas que registrei do mundo espiritual, em torno da mediunidade, destaco a que ensina que sem a simplicidade de coração e sem adotar para si os recados do mundo espiritual, antes de os indicar aos outros, como recomenda Kardec, o médium não executa com fidelidade o seu mister.

Allan Kardec aconselhou, com muita propriedade, que exercêssemos a mediunidade cristãmente, gratuitamente, sem nos beneficiarmos. Porque o médium deve ser neutro para filtrar corretamente o pensamento daqueles que se encontram no mais além.

Então, para mim, tem sido a lição maior: tentar absorver o pensamento dos mentores, preocupados com a evolução das massas, aplicando em mim próprio esse conhecimento e essa conduta. Não é fácil, mas nada é fácil! Devemos tentar repetir, até conseguirmos, o mediunato ou o médium nato, a que se refere o espírito Joana D´Arc, nas últimas páginas de *O Livro dos Médiuns.*

14. Se tivesse que fazer uma evocação de um Espírito, como na época de Kardec, quem evocaria? E que pergunta faria?

Se me fosse lícito evocar, e se me fosse concedida a honra merecida de fazê-lo, iria evocar o nobre espírito do Codificador. E a pergunta que lhe faria era: Como divulgar de forma ainda mais eficiente a Doutrina, conforme ele o fez, desejando ser um fiel continuador da sua tarefa aqui na Terra.

mãos que falam

15. Qual foi a coisa mais importante que já fez na vida?

Para mim é muito difícil uma autoavaliação.

Mas o que eu considero de importância é ter-me dedicado ao estudo e à prática do Espiritismo... e perseverado, mesmo nos momentos mais difíceis, sem jamais me ter arrependido de abraçar a doutrina que tem salvo a minha vida, desde o primeiro dia em que li *O Livro dos Espíritos.*

16. Se as suas mãos falassem, o que diriam?

Muito difícil!... Faz muitos anos, estava proferindo uma conferência no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, e ao terminar a reunião fez-se uma fila como é de hábito aqui no Brasil; saudações, abraços, perguntas, e um senhor muito acabrunhado estendeu-me as duas mãos e disse ipsis verbis: "Que lhe dizem as minhas mãos?" Eu fiquei aturdido, era a primeira vez que me faziam uma pergunta de tal monta. A benfeitora espiritual Joanna de Ângelis disse-me: "Fale-lhe que as mãos estão dizendo que ele é inocente! Apenas isto!" E eu transmiti! Ele olhou para mim muito sério: "Elas estão dizendo que eu sou inocente?" Eu digo: "Sim senhor!" "Mas o senhor pode afiançar-me isso?" "Estou respondendo à pergunta que o senhor fez!"

Então, o homem desabou num choro muito grande e me contou a seguinte história: Ele era um médico, professor de uma universidade no Estado do Rio de Janeiro e era um homem bastante rico. Nada obstante, era o responsável pelos bens da família e o pai o havia nomeado como sendo o responsável por tudo, caso morresse antes dele. E isso aconteceu. O pai era cardíaco. Então, ele, a mãe e o irmão ficaram muito traumatizados com a morte do ancião. Na sua condição de testamenteiro, chegou o momento de ler o testamento deixado, diante de sua mãe e de seu irmão. Então ela teve uma reação muito forte, porque o pai deixara-lhe muitas terras no Brasil Central e somas expressivas, e a mãe inesperadamente fez-se portadora do que o seu irmão (o irmão dele) falava: que ele estava ambicionando os valores do pai; que na sua condição de médico e o pai de cardíaco, ele apressara a morte do genitor para herdar tudo. E a mãe dizia que ia entrar com um processo para anular o testamento e também para condená-lo pelo crime de

Entrevista

parricídio. Ele ficou tão desolado... Por mais que justificasse, a mãe e o irmão teimosamente insistiam. Ele estava a ponto de suicidar-se. Ouvindo falar da experiência daquela conferência no domingo pela manhã, ele veio e estava tocado, e desejava saber o que o pai dele poderia dizer. Por isso ele mostrava as mãos. Seriam as suas mãos criminosas? Então eu lhe expliquei que ouvira o espírito da mentora Joanna de Ângelis dizendo que eram mãos inocentes. Ele disse: "Que farei?" Eu digo: "Embora a sua mãe e o seu irmão mereçam todo o respeito, contrate um advogado criminalista para defendê-lo, e para provar que o senhor jamais faria isso. Renuncie à herança! Desde que o senhor é um homem muito rico, não vai necessitar disso!" Ele ficou sensibilizado, tomou meu nome, meu endereço e desapareceu.

Meses depois, ele me chamou ao telefone e eu, estando aqui em Salvador, fui atender. Era ele. Dizia: "Sr. Divaldo, eu coloquei o mais brilhante e caro criminalista do país, que me defendeu, mas não chegamos a ir ao júri. Ainda era possível, nos despojos do meu pai, fazer uma necropsia para constatar se havia alguma substância que não fora compatível com o seu estado cardíaco; se eu lhe dera alguma substância que apressara a sua morte e constatou-se que eu era inocente. Minha mãe arrependeu-se profundamente. E então, vamos agora para a partilha. Eu renunciei totalmente às terras do Brasil Central e agora estou com essas terras, mas não quero nada dele! Eu gostaria de as oferecer à Mansão do Caminho!"

Então, eu disse-lhe, com muita gentileza, que ele não fizesse isso. Nós não teríamos como nos envolver com terras, com heranças e também eu não podia aceitar, porque ele estaria de alguma forma pagando a entrevista que mantivéramos. E como na mediunidade tudo deve ser gratuito, nós não nos conhecíamos, poderia parecer que eu estava sendo remunerado. Eu disse que ele fizesse o seguinte: vendesse as terras - uma parte delas, e criasse, no Brasil Central, em homenagem ao seu pai desencarnado, uma instituição que profissionalizasse crianças da região, que as educasse, e então, ao invés de transferir para nós, ele próprio, que era um homem rico, podia fazer uma obra social de apoio à educação e à dignificação da infância! Em síntese, foi o que as suas mãos me disseram, naquela resposta.

Não tenho a menor ideia do que as minhas mãos me diriam! Mas agradeço-lhes muito. Repetirei com Madre Teresa de Calcutá: "as mãos que trabalham valem mais do que os lábios que oram" e, nesse sentido, sinto-me tranquilo, porque não sou parasita, sempre trabalhei com as minhas mãos.

17. Quais são os seus planos para o futuro?

Considerando a minha idade avançada, não guardo expectativas, nem formulo planos. Aguardo o momento da chamada do Senhor de volta para casa.

Mas a obra Mansão do Caminho tem delineado culminar o seu programa com uma universidade. Naturalmente será uma universidade modesta. Nós já temos a casa do parto, a creche, o jardim-de-infância, o Fundamental, o Intermediário, que é o curso médio. Então pretendemos, aqueles que continuarem, no nosso lugar, implantar, vamos dizer, um curso de psicologia, um curso possível de computação, de contabilidade, algumas doutrinas que possam ser muito úteis aos alunos, considerando a situação de natureza socioeconômica dos residentes aqui no bairro. Então estão delineados alguns planos, mas esses vão ficar para os queridos irmãos que hoje dirigem a obra e aqueles que virão dirigi-la posteriormente.

> “as mãos que trabalham valem mais do que os lábios que oram...

18. Se estivesse com Jesus face a face, o que lhe diria?

Eu perguntaria, como Saulo, “Que queres que eu faça?”. E tenho a certeza de que Ele me diria “Ama e serve indefinidamente.” Porque no meu inconsciente profundo, eu tenho essa imagem e a resposta que me diz (não que por acaso algum dia eu o haja encontrado, mas porque o Seu Evangelho no meu coração pulsa tão forte) que é a proposta Dele para todos aqueles que se lhe acerquem.

Então, se alguma vez, na transcendência da vida, eu estiver na presença Dele, através de algum dos Seus apóstolos do bem, eu perguntarei ao Senhor: “O que é que o senhor quer que eu faça, em seu nome, e em meu benefício?”

Comunicação Social Espírita

Photo by Pratik Gupta on Unsplash

*André Henrique de Siqueira
Diretor de Comunicação na Federação Espírita Brasileira. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.

O Espiritismo, a Comunicação e a Informação: desafios e perspectivas

ANDRÉ HENRIQUE DE SIQUEIRA*

Photo by Pratik Gupta on Unsplash

A Comunicação Social Espírita

natureza e objetivos

A Comunicação Social Espírita é um conjunto coordenado de ações que objetivam promover reflexões e transformações nos modos de pensar e agir dos sujeitos e da sociedade, por meio do diálogo articulado, com base no pensamento espírita. Tem o propósito de promover o progresso dos indivíduos por meio da coordenação de diálogos sobre o conhecimento da ciência, da filosofia e da religião sob a perspectiva do Espiritismo.

Embora não seja um sistema filosófico convencional, o Espiritismo é um conjunto de proposições filosóficas que alcançam as áreas da ontologia, da epistemologia, da ética e do direito natural. Suas asserções são dialógicas e pretendem uma reflexão sobre o papel do espírito na natureza. Impacta conceitos das ciências naturais, biológicas, sociais, humanas e médicas. Do ponto de vista da Ciência, o Espiritismo é um esforço de investigação sobre a natureza do espírito e de suas relações com o mundo corporal.

> O Espiritismo é um conjunto de proposições filosóficas que alcançam as áreas da ontologia, da epistemologia, da ética e do direito natural.

Estabelece-se por meio da experimentação controlada dos fenômenos mediúnicos que têm por objetivo o entendimento das leis que regem o mundo espiritual. Em sua dimensão religiosa, o Espiritismo promove uma abordagem de reflexão racional e crítica sobre os fundamentos da experiência religiosa, seu objeto e suas manifestações. Criticando o fideísmo dogmático, pretende o Espiritismo que a relação do homem com o sagrado não seja articulada pela crença, mas decorrente de um entendimento dos fundamentos metafísicos da realidade e, com base na filosofia e na ciência, desenvolve uma prática religiosa baseada na transformação moral do indivíduo, sem interesses proselitistas.

A comunicação é vista como o ato de integração do espírito com o seu próximo. Por meio dela estabelece-se o diálogo e com ele a possibilidade de entendimento, de compreensão e de auxílio. Na perspectiva espírita, o ato comunicativo está no fundamento da natureza. As relações entre seres e coisas é um ato comunicativo e a expressão humana de comunicação é uma evolução natural dos instrumentos de relação existentes na realidade.

Tendo por objetivo o progresso moral dos indivíduos, a comunicação espírita fundamenta-se em três grandes funções: a) uma função evangelizadora - por meio da qual dialoga com os indivíduos sobre a importância dos valores morais baseados numa filosofia natural e identificando no pensamento de Jesus um roteiro de transformação ética que promove a felicidade pessoal e social; b) uma função integradora - que pretende integrar áreas do conhecimento e disseminar conceitos, notícias e outras informações sobre as ações e ideias do Espiritismo e do Movimento Espírita; e c) uma função midiática - que cuida da formatação adequada da mensagem para o público a quem se destina, adaptando-a aos veículos de mediação que lhe servirão de suporte e manifestação.

A Sociedade da Informação

A Sociedade da Informação organiza-se em torno da centralidade da informação na economia social e no desenvolvimento de atividades, estabelecimento de propósitos e organização das instituições.

O surgimento dos instrumentos de registros e disseminação da informação sempre estiveram limitados pela abrangência e velocidade com que alcançavam seus públicos. Desse modo, o impacto histórico da informação sempre foi lento e crescente desde o surgimento dos primeiros registros rupestres. O desenvolvimento da linguagem e - mais tarde - da escrita fundamentaram o surgimento da cultura e da civilização. Com o farto desenvolvimento tecnológico, ensejado com a revolução científica no século XVI, o papel da informação e seu impacto econômico-social tornou-se mais claro pela velocidade que a imprensa e mais tarde as mídias audiovisuais tiveram sobre a humanidade.

O surgimento da rede mundial - a internet - teve origem na interconexão de computadores. Mas a world wide web possibilitou o hiperlink de informações e a integração de pessoas, aumentando o alcance e a velocidade da comunicação.

A mediação de conteúdos deu origem a uma Sociedade da Informação, um arranjo social em o qual a tecnologia possibilita um fluxo quase instantâneo de comunicação e viabiliza arranjos tecnológicos e econômicos para diferentes situações do cotidiano, como controlar a luz de uma casa a quilômetros de distância ou contratar um transporte urbano por meio de um aplicativo em um telefone inteligente.

O impacto da informação tornou-se claro com a velocidade e abrangência de sua circulação. Mas ao lado do impacto positivo que a tecnologia midiática ofereceu, surge também a dificuldade de validação dos conteúdos das mensagens comunicadas. Surgiram problemas com a falsidade da notícia - agora com aspectos ilusórios mais veementes - e os problemas com a autenticidade e privacidade das informações.

A comunicação espírita enfrenta as dificuldades da Sociedade da Informação com critérios de verdade, utilidade e beleza. Ao mesmo tempo, explora as facilidades da tecnologia para promover o bem, o justo e o belo.

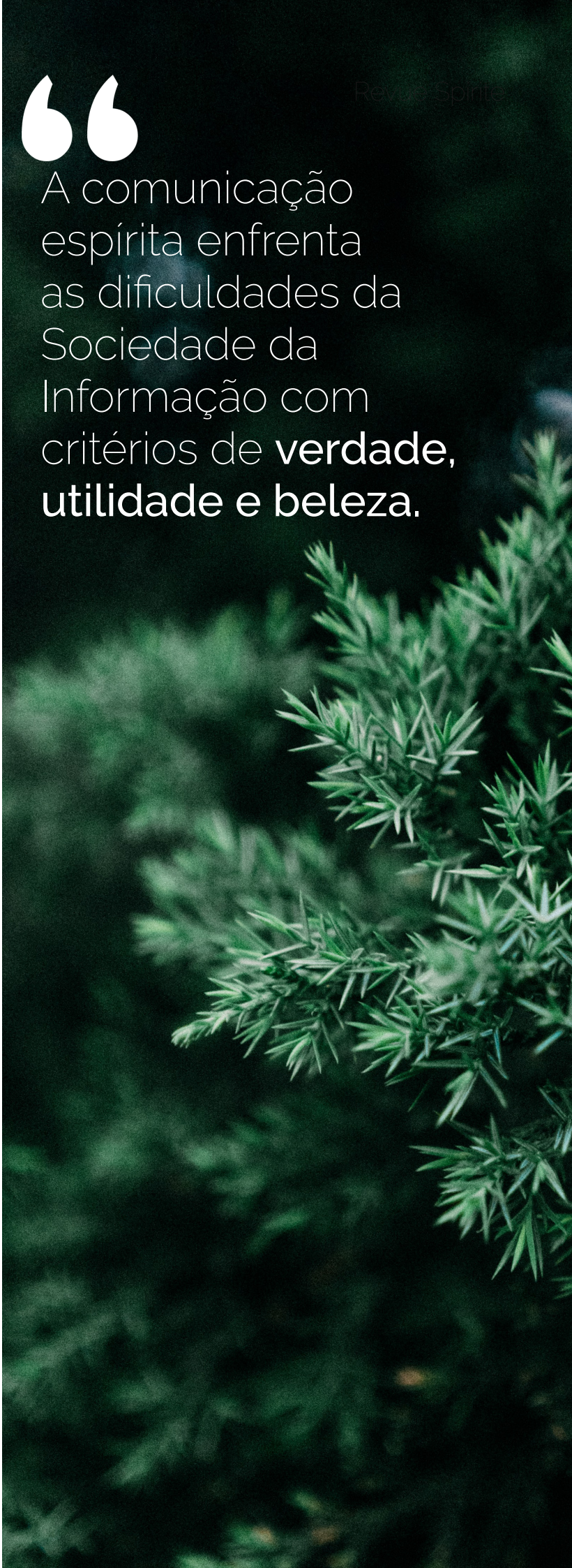
Se a midiatização possibilitou a criação de um mundo de representações que aparenta realidade, viabilizando a criação de informações falsas e o incentivo a espetáculos cotidianos de temas banais, a proposta da comunicação espírita é promover uma reflexão sobre os propósitos, valores e significados da vida, evitando o problema da ansiedade da informação.

A facilidade tecnológica para a produção e o consumo de informação gerou o problema da superexposição a essa informação. Muitas informações irrelevantes, descontextualizadas, inválidas ou inapropriadas invadem o espaço de acesso à informação e criam dificuldades para a sua seleção e aproveitamento. A Sociedade da Informação cobra seu preço em moedas de privacidade e relevância. Muita informação são significa boa informação.

Por outro lado, o excesso e velocidade da produção e consumo de informações, criou o problema da ansiedade da informação e a partir dele, a liquidez excessiva dos valores. A crise de referências decorrente da multiplicidade de contextos informacionais gerou um incentivo à extroversão de valores e a modernidade líquida, um modo de pensamento em que tudo é passageiro, passou a vigorar na tendência contemporânea de adaptar a realidade aos desejos, conceitos e valores subjetivos, com graves consequências para o progresso intelecto-moral.

Angustiado sem compreender o mundo excessivamente móvel ao seu entendimento, o sujeito perde referenciais e significados e cria uma crise de propósitos para a própria existência. Torna-se urgente uma reflexão sobre a transformação moral, pois a crise de valores está na base dos problemas humanos e a comunicação é o principal instrumento educativo e relacional.

A transformação moral é decorrência da educação do intelecto (raciocínio e sentimento) tendo como propósito a construção da felicidade humana, individual e coletiva.



> A comunicação espírita enfrenta as dificuldades da Sociedade da Informação com critérios de **verdade, utilidade e beleza.**

Desafios da **Comunicação Social Espírita**

O Espiritismo tem o propósito de investigar a realidade espiritual, suas leis e suas implicações para a vida. E a comunicação social espírita é um instrumento de divulgação do Espiritismo, mas é também a ferramenta dialógica para a sua crítica, sua integração aos problemas humanos e sua consagração como alavanca do progresso intelecto-moral da humanidade. Já na Revista Espírita, em 1858, Allan Kardec dá início a um processo de comunicação com estes propósitos. A continuidade de seus esforços reclama atenção e cuidado pelos espiritistas na contemporaneidade. É preciso dominar técnicas midiáticas sem, contudo, esquecer os conteúdos esclarecedores que o Espiritismo proporciona. Não adianta comunicar muito, é preciso comunicar bem.

Sinalizando o verdadeiro propósito e os desafios efetivos da comunicação à luz do Espiritismo, Allan Kardec destacou na conclusão de *O Livro dos Espíritos*:

"As comunicações com os seres de além-túmulo deram em resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos vê-la, iniciar-nos no conhecimento das penas e gozos que nos estão reservados, de acordo com os nossos méritos e, desse modo, encaminhar para o espiritualismo os que no homem somente viam a matéria, a máquina organizada. Razão, portanto, tivemos para dizer que o Espiritismo, com os fatos, matou o materialismo. Fosse este único resultado por ele produzido e já muita gratidão lhe deveria a ordem social. Ele, porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseguintemente, a necessidade do bem. Muito maior do que se pensa é, e cresce todos os dias, o número daqueles em que ele há melhorado os sentimentos, neutralizado as más tendências e desviado do mal. É que para esses o futuro deixou de ser coisa imprecisa, simples esperança, por se haver tornado uma verdade que se compreende e explica, quando se veem e ouvem os que partiram lamentar-se ou felicitar-se pelo que fizeram na Terra. Quem disso é testemunha entra a refletir e sente a necessidade de a si mesmo se conhecer, julgar e emendar." (Kardec 2013, 472)

Photo by Pratik Gupta on Unsplash

“Não adianta comunicar muito, é preciso comunicar bem.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

"La Réforme Intime

Notícias

10º CEM - 2022

O 10º Congresso Espírita Mundial vai realizar-se em França, na cidade de Nice, no Palais des Congrès Nice Acropolis, nos dias **15 e 16 de outubro de 2022,** com o tema: "A Reforma Íntima".

Reserve a data!

Esperamos por si neste grande encontro do CEI – Conselho Espírita Internacional!

Mais informaçõess em breve no site do 10º CEM

INFORMAÇÕES PARA CONTACTO

Contacto bilheteira
billetterie@usff.fr
Endereço de correio
congres@usff.fr
Union Spirite Française et Francophone, 120 Rue des Graves, 65300 Lannemezan, **France**

ABERTURA DAS INSCRIÇÕES

Temos o prazer de anunciar a abertura das inscrições para o Congresso.

Pode apoiar a organização do 10º CEM comprando antecipadamente o seu ingresso. Veja **aqui** o site dos ingressos.

"Hoje estamos felizes, pois um momento decisivo marca as futuras ações do nosso CEI, a fim de que os benfeitores – os orientadores espirituais que agem em nome do Cristo – encontrem as necessárias condições para que se estabeleça, efetivamente, o reino de Deus em nosso coração, pela vivência simples, verdadeira e legítima do Espiritismo no mundo.[1]

Nova Comissão Executiva

Realizou-se, no dia 8 de outubro de 2019, na Cidade do México, após o 9º Congresso Espírita Mundial, a Assembleia Geral do CEI – Conselho Espírita Internacional, sob a direção de Stevan Bertozzo – representante da Irlanda e Edwin Bravo – representante da Guatemala. Estiveram presentes 22 países com direito a voto.

Foram apresentados e aprovados os novos estatutos do Conselho Espírita Internacional.

As delegações da Bélgica e de França candidataram-se à realização do 10º Congresso Espírita Mundial de 2022, na Europa, tendo sido eleita a proposta francesa com o tema "Reforma Íntima", apresentada por Richard Buono da L'Union Spirite Française et Francophone.

Para a realização do Congresso em 2025, no continente americano, apresentaram candidaturas o Brasil, os EUA e o Uruguai, tendo ganho este último.

No final da Assembleia foi eleita a Comissão Executiva para o triénio 2019-22. A nova Secretária Geral do CEI é Jussara Korngold dos EUA, sendo o 2º Secretário Vítor Mora Féria de Portugal.

1. Nestor João Masotti e equipe dos membros desencarnados do CEI (Mensagem psicográfica recebida pela médium Marta Antunes de Moura no encerramento da reunião ordinária do CEI de 08 de outubro de 2019, na Cidade do México – México)

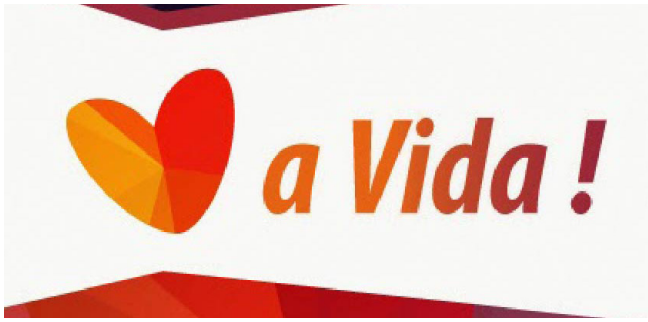
Site do Conselho Espírita Internacional
Visite o nosso *site* e mantenha-se atualizado com as notícias internacionais dos vários países membros do CEI em **cei-spiritist-council.com**

@cei_spiritistcouncil

@internationalspiritistcouncil

Facebook e Instagram do CEI
Siga-nos e partilhe os *posts* do CEI nas redes sociais! Seja um divulgador da Doutrina Espírita. Faça e partilhe!

Obras Básicas para download
O CEI – Conselho Espírita Internacional disponibiliza as Obras Básicas de Allan Kardec em vários idiomas.
As Obras Básicas do Espiritismo ou Codificação Espírita são os cinco livros publicados por Allan Kardec, entre 1857 e 1868. **Veja aqui**



Campanha Amar a Vida
Materiais promocionais da "Campanha Amar a Vida" para impressão e divulgação em vários idiomas. **Veja Aqui**

@TV CEI International Spiritist Council

Youtube TVCEI
Já está on-line o novo canal de Youtube do Conselho Espírita Internacional, pode aceder em
TV CEI International Spiritist Council
Subscreva o nosso canal e ative as notificações, acompanhando assim os novos vídeos e *lives* dos vários países membros. Mantenha-se atualizado, participando nesta grande campanha de divulgação da Doutrina Espírita. Partilhe!

Conheça e Divulgue
Material disponível da Campanha Conheça e Divulgue o Espiritismo, para impressão e divulgação em vários idiomas. **Veja aqui**

Biografias
Biografias de personalidades que se destacaram na História do Espiritismo. **Veja aqui**

Correspondência

Queridos irmãos e irmãs,

Abraço-os com o coração, com muita gratidão.

Hoje estamos felizes, pois um momento decisivo marca as futuras ações do nosso CEI, a fim de que os benfeitores – os orientadores espirituais que agem em nome do Cristo – encontrem as necessárias condições para que se estabeleça, efetivamente, o Reino de Deus em nosso coração, pela vivência simples, verdadeira e legítima do Espiritismo no mundo.

O ideal de união com Jesus e com Kardec permanece. A unificação acontecerá, pouco a pouco, desde que estejamos comprometidos com a Causa, que é o Espiritismo, que o inesquecível mestre, Allan Kardec, nos legou como patrimônio espiritual da Terra.

Vivenciar os postulados espíritas é desafio diário, em que não cabe qualquer manifestação de personalismo, vaidade e orgulho.

O Movimento Espírita atual é o de sempre optarmos pela nossa transformação em servidores da Causa Espírita.

A busca pelo Bem Maior – que é servir o Messias Divino – é semelhante ao que fez aquele comerciante que encontrou a pérola mais perfeita.[1] Ele vendeu tudo o que tinha para obtê-la.

Cuidemos, pois, para alcançar o título de servidores humildes, mas esclarecidos à luz do Consolador prometido por Jesus.

Com o esforço e a perseverança, obteremos, um dia, o título maior: o de amigo do Senhor, conforme esta sua orientação: "Agora já não vos chamo servos, mas amigos" (João, 15:15)[2].

Deus está conosco!

Em nome de todos os membros do CEI do passado, abraçamos a todos vocês, com muito amor,

Nestor João Masotti

e equipe dos membros desencarnados do CEI [3]

Este espaço destina-se a correspondência.
A correspondência que chegue à redação da *Revue Spirite,* e que a equipa julgue de relevância para o Movimento Espirita, será aqui publicada. Não hesite, entre em contacto connosco e envie o seu contributo para o E-mail **revuespirite@cei-spiritistcouncil.com**

1. Referência completa: "Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a." (Mateus 13:45-46).

2. Referência completa: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-os amigos, porque tudo quanto ouvi do meu Pai vos dei a conhecer" (João, 15:15).

3. Mensagem psicográfica de Marta Antunes de Moura no encerramento da reunião ordinária do CEI de 08 de outubro de 2019, na Cidade do México – México.

CEI

COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÉNIO DE 2019 – 2022

Conselho Espírita Internacional

2º Secretário
Portugal

VITOR MORA FÉRIA

Formado em Engenharia. Presidente da Federação Espírita Portuguesa (desde 2010). Desde o final dos Anos 80 que integra os corpos sociais da FEP, tendo sido um dos responsáveis pela aquisição da atual sede. Foi ainda responsável pela fundação de vários Centros Espíritas em Portugal. Pertence ao CEI – Conselho Espírita Internacional desde a sua origem, em 1993, onde tem exercido diversos cargos. Foi responsável pela organização de vários Congressos de âmbito nacional e internacional, nomeadamente o 8º CEM – Congresso Espírita Mundial, na qualidade de 1º Secretário do CEI.

1ª Tesouraria
Brasil

HÉLIO BLUME

Médico Veterinário, doutorado em Ciência Animal, professor universitário e Secretário Geral do Conselho Federal de Medicina Veterinária do Brasil. É avaliador do Ensino Superior do Ministério da Educação do Brasil. Trabalhador espírita há mais de 40 anos e Diretor da Federação Espírita Brasileira – FEB, desde 2008. Trabalhou em vários cursos como o ESDE, EADE e Mediunidade e coordena a Unidade de Estudos Doutrinários e a Área do Atendimento Espiritual pelo Conselho Federativo Nacional, CFN-FEB.

2ª Tesouraria
Cuba

MANUEL DE LA CRUZ

Membro diretor e representante internacional da Sociedad Amor y Caridad Universal, Havana - Cuba, vice-presidente da Sociedad de Estudios e Investigacion Cientifica de los Fenomenos Espirituales Jose de Luz. Contabilista de profissão, é um promotor da unificação das sociedades espíritas de Cuba e da sua integração no Conselho Espírita Internacional. Foi membro da Comissão Diretiva do 7º Congresso Espírita Mundial, em 2013.

Estudo e Prática da Mediunidade
Brasil

MARTA ANTUNES MOURA

Vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, para a Área de Unificação das Atividades Doutrinárias Espíritas do Movimento Espírita Brasileiro e do Exterior. Membro da direção da FEB há 40 anos, com atividade voltada para o estudo espírita do adulto. Neste sentido, integra a equipa da FEB que publicou estudos regulares da Doutrina Espírita, atendendo ao Projeto 1868 de Allan Kardec (*Obras Póstumas*): Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita; Estudo e Prática da Mediunidade; Estudo Aprofundado da Doutrina; Estudo das Obras Básicas da Codificação e Estudo do Evangelho Redivivo. Representa também a FEB em projetos voltados para a prática mediúnica (crianças, jovens e adultos) e nas campanhas que envolvem a temática: Família, Vida e Paz.

Estudo do Espiritismo
Colômbia

FABIO VILLARRAGA

Membro fundador e diretor do Centro Espírita Senderos de la Esperanza na cidade de Bogotá. Presidente da Federação Espírita de Cundinamarca, filiada na Confederação Espírita Colombiana. Tradutor de diversos livros do português para o espanhol: *Vida Feliz* (Joanna de Ângelis/ Divaldo); *O Grito da Vida* (Marlene Nobre) e *Cura de doenças e saúde* (Geziel Andrade).

Infância, Juventude e Família
Suíça

SILVANA ELIA

Presidente da UCESS – Union des Centres d'Éstudes Spirites en Suisse e membro da direção do Estesia – Zentrum für Spiritistische Studien, localizado em Berna. É Evangelizadora e dirigente de Estudos. Recentemente criou o JES - Juventude Espírita Suíça.

Atendimento Espiritual
França

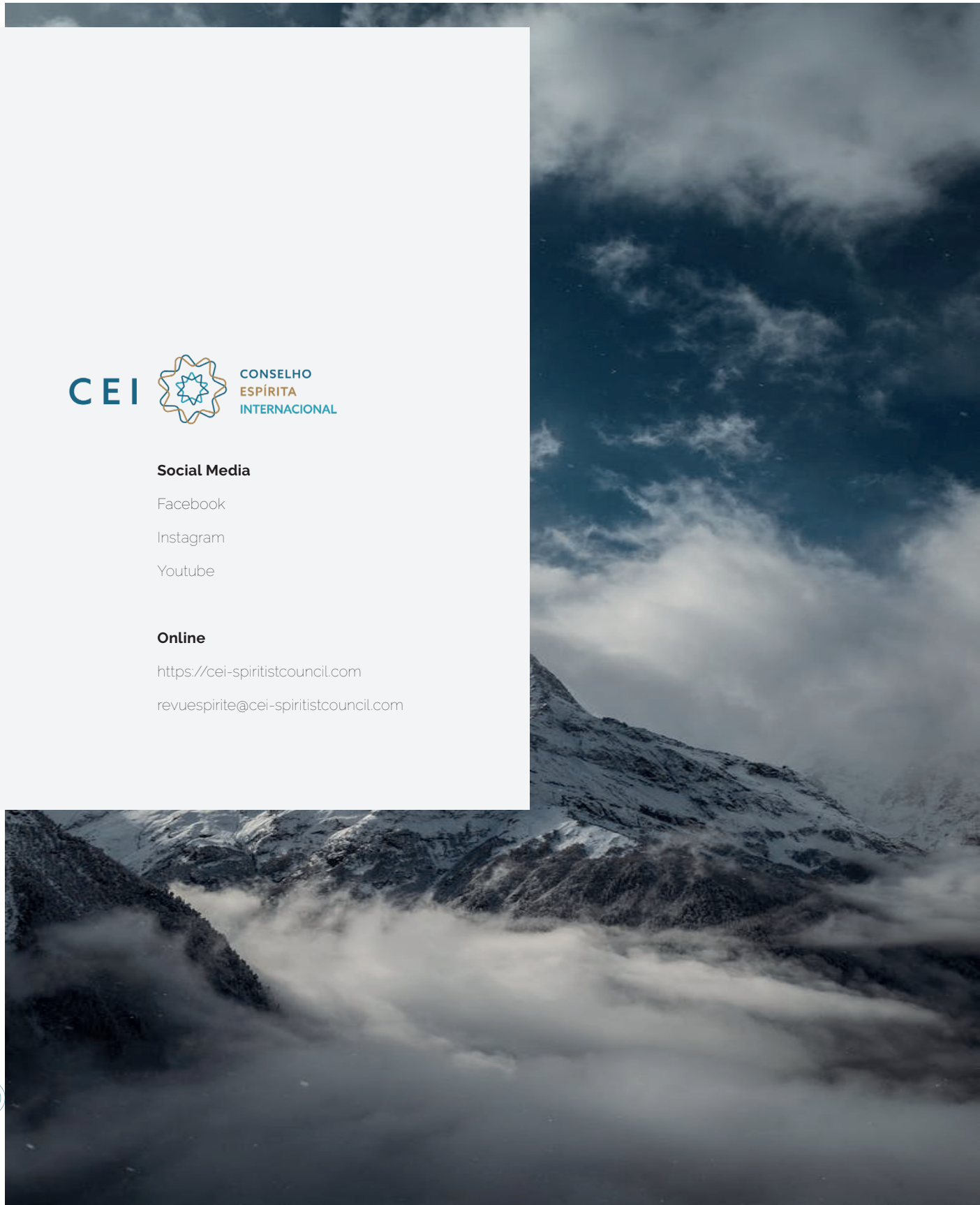
RICHARD BUONO

É clínico psicanalista, arteterapeuta e doutorando em Teologia. Presidente da Union Spirite Française desde 2013. Presidente do Centre Spirite Gabriel Delanne em Roquebrune-Cap-Martin, França. Autor de inúmeros artigos da revista espírita francesa *Vignes de Lumière* e palestrante. Atualmente, coordena a organização do 10º Congresso Espírita Mundial que decorrerá em França em 2022.

Assistência e Promoção Social Espírita
El Salvador

WALTER VELÁSQUEZ

Vice-Presidente da Asociación Salvadoreña de Escuelas Espíritas. Diretor de Estudos Espíritas da Escuela Espírita Cátedra Mesías Filial Guatemala. Assessor da Juventud Espírita Salvadoreña.



CEI

CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL

Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

https://cei-spiritistcouncil.com

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com